



SÉRIE
ESPADA DO
ESPÍRITO



CONHECENDO O FILHO

DESCOBRINDO QUEM O VERDADEIRO JESUS É

COLIN DYE

Conhecendo o Filho

Série a Espada do Espírito

- 01 *Oração Eficaz*
- 02 *Conhecendo o Espírito*
- 03 *O Governo de Deus*
- 04 *A Fé Viva*
- 05 *Glória na Igreja*
- 06 *Ministério no Espírito*
- 07 *Conhecendo o Pai*
- 08 *Alcançando o Perdido*
- 09 *Ouvindo a Deus*
- 10 *Conhecendo o Filho*
- 11 *Salvação pela Graça*
- 12 *Adoração em Espírito e em Verdade*

www.swordofthespirit.co.uk

Copyright © 2016 by Colin Dye
Segunda edição
Kensington Temple
KT Summit House
100 Hanger Lane
London, W5 1EZ

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em sistemas de recuperação de informação ou transmitida, em nenhuma forma, ou por meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação, ou de outras maneiras, sem o consentimento prévio do autor.

As citações bíblicas são – salvo indicação em contrário – da Bíblia Almeida Revista e Atualizada – 2^a. edição – Sociedade Bíblica do Brasil.

Coordenação geral: Print International Brasil Editora Ltda.
Supervisor de tradução: João Guimarães
Tradução: Vera Jordan
Revisão: Edna Batista Guimarães
Diagramação: Rafael Alvares - alvaresdesign.com.br

Espada do Espírito

Conhecendo o Filho



Colin Dye

Sumário

Introdução		7
01	<i>O Filho plenamente humano</i>	11
02	<i>O Filho plenamente divino</i>	29
03	<i>Um ser singular</i>	47
04	<i>Uma vida singular</i>	67
05	<i>Uma missão singular</i>	81
06	<i>O Filho e o Espírito</i>	105
07	<i>O Filho e o Pai</i>	117
08	<i>O Filho e a cruz</i>	135
09	<i>A volta do Filho</i>	151

Introdução

Os doze temas da série *A Espada do Espírito* foram elaborados tanto para ‘serem usados separadamente’ como manuais individuais a respeito de temas específicos da Bíblia como para ‘serem usados em conjunto’ e formarem um curso coeso e completo de estudos que lhe firmarão no ministério e lhe equiparão a ensinar outros a conhecer Deus e os Seus propósitos de maneira mais profunda.

Todos os doze temas dizem respeito uns aos outros e estão basicamente interligados, por isso você precisa estudá-los a fim de entender o quadro completo da ‘Palavra e do Espírito’. Cada objeto, entretanto, é uma unidade plena e completa de estudo – exceto, talvez, este aqui.

Jesus de Nazaré, o Cristo, o Senhor, o Salvador, o Filho do Deus Vivo, domina de tal forma as Escrituras que é impossível descrever a plenitude de Sua natureza e obra em um espaço tão pequeno.

Em certo sentido, os doze tópicos nesta série referem-se ao Filho – que é, Ele próprio, a Palavra de Deus. Por exemplo, estudamos todo o Seu ensinamento no volume *O Governo de Deus*, Sua vida de oração em *Oração Eficaz*, Seu serviço terreno em *Ministério no Espírito*, Sua missão evangelística em *Alcançando o Perdido*, Sua interdependência da Trindade em *Conhecendo o Pai*, e assim por diante. Embora toquemos em cada um desses aspectos da vida do Filho nessa parte do curso, você terá de estudá-las com mais profundidade nos outros assuntos.

O mais importante é que nós tratamos do grande propósito duradouro do Filho no volume *Salvação pela Graça*; portanto, é necessário que você estude em conjunto os volumes *Conhecen-*

do o Filho e Salvação pela Graça. Você não entenderá a plenitude da missão do Filho sem estudar os dois tópicos.

Nesta parte do curso nós estamos mais interessados em conhecer ‘quem é o Filho’ do que saber o que Ele fez’ – este ponto é considerado em todos os outros lugares. Focamos o mistério de Sua natureza plenamente divina, plenamente humana; consideramos a singularidade de Seu ser e os eventos singulares de Sua vida; examinamos Sua relação de trabalho com o Pai e o Espírito; e analisamos a cruz tal como ela é apresentada nos evangelhos.

Conhecendo o Filho é para crentes que estão ávidos por estudar a Palavra de Deus, a fim de aprender como Jesus de Nazaré pôde ser tanto um dos filhos de um simples carpinteiro como o Filho unigênito do Criador Todo-poderoso; é para discípulos cujas mentes estão abertas a receber a revelação bíblica de Deus acerca da natureza, missão, propósito e destino de Seu Filho amado.

Minha oração é que quando terminar este tópico, você tenha uma compreensão muito melhor da pessoa e obra maravilhosas de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo – e, especialmente, da maneira como Sua Filiação pode moldar nossas vidas como filhos e filhas do único Pai.

Ainda mais do que isso, oro para que você seja inspirado a uma maior devoção, e a um discipulado mais dedicado, pela dependência subserviente do Filho – que veio voluntariamente em sofrimento e morte (e virá de novo, voluntariamente, em poder e glória) para livrar a humanidade do diabo e instaurar o Reino de Deus.

Há material extra disponível para facilitar o seu aprendizado, e este material pode ser encontrado no respectivo Livro do Aluno – *A Espada do Espírito*, no site www.swordofthespirit.co.uk. No manual há um guia complementar de estudo para cada capítulo, com *Perguntas para Discussão* e *Testes Rápidos*. Após se inscrever para este módulo no site, você poderá ter acesso a mais testes e exames. Também há uma Webtool (o livro texto com links inseridos para referências bíblicas), e ensino abrangente em áudio e vídeo. O uso desses materiais extras lhe ajudará a testar, reter e aplicar o conhecimento que adquiriu neste livro.

Você também poderá usar o *Livro do Aluno* com pequenos grupos. Poderá selecionar, mediante oração, as partes que achar mais relevantes para o seu grupo. Isso significa que em algumas reuniões você pode utilizar todo o material e em outras, somente parte dele. Por favor, use o bom senso e o discernimento espiritual. Sinta-se à vontade para tirar cópias das páginas e distribuí-las a qualquer grupo que você estiver liderando.

Colin Dye

Parte Um

O Filho Plenamente Humano

Em toda a História, sempre houve pessoas que pensam que Jesus é somente divino, e outras que creem que Ele é somente humano. Entretanto, todas as tradições cristãs, apesar de quaisquer desacordos em relação a outras questões, são unânimes na compreensão de que Jesus é um ser singular, o qual é, ao mesmo tempo, *plenamente humano e plenamente divino*.

As pessoas mais comuns acham fácil reconhecer que Jesus foi plenamente um homem, mas insistem em pressupor que Ele foi somente um homem: para elas, é difícil imaginar que um ser humano também pudesse ser um ser divino.

Essa suposição popular falsa é a razão principal de muitas igrejas enfatizarem a divindade de Jesus. Porém, nós deturpamos o Filho toda vez que focamos mais um aspecto de Seu ser do que outro; em vez disso, deveríamos nos concentrar igualmente em Sua plena divindade e Sua plena humanidade.

É claro que o Novo Testamento ensina que Jesus é muito mais do que simplesmente outro homem; mas vincula este ensinamento ao histórico de Sua humanidade legítima. Assim, neste livro também, embora nos concentremos em Conhecer o Filho que é exaltado de muitas maneiras, nós começamos a comprovar que Ele é plenamente humano.

A humanidade de Jesus

Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas apresentam retratos semelhantes de Jesus: Podem usar material diferente para prover ênfases distintas, mas todos se referem à mesma pessoa. (Analisamos algumas das evidências extrabíblicas da humanidade de Jesus no volume *Alcançando o Perdido*.)

Em seu versículo primeiro, Marcos sugere estar introduzindo alguém que é mais do que um homem, contudo, vai em frente e apresenta uma figura humana de um Jesus que sofre e serve. Em contrapartida, Mateus e Lucas começam com histórias do nascimento que registram os humildes começos da vida de Jesus: eles O apresentam em um lar humano comum, sujeito a todas as pressões normais que isso implica.

Lucas 2:39–52 é o único relato bíblico da infância de Jesus, e revela algo da humanidade essencial de Sua família terrena. Os ‘comentários’ de Lucas em 2:40 e 2:51,52 sugerem que Jesus desenvolveu-se até a idade adulta segundo as leis normais do crescimento humano.

Todos os evangelhos apresentam o batismo de Jesus como o início de Seu ministério, e mostram como Ele se identificava com as pessoas comuns que se juntavam ao Seu primo João. As tentações subsequentes revelam que Jesus, como todas as outras pessoas, teve de suportar duros testes morais e físicos.

Mateus, Marcos e Lucas apresentam Jesus totalmente como um humano do primeiro século. Por exemplo:

- Ele habita um mundo de fariseus, saduceus e herodianos
- Seu curto tempo de vida é típico da Palestina do primeiro século
- Ele cura e ensina pessoas que estão enfrentando as mesmas tensões políticas e sociais que Ele enfrenta
- Ele é um homem entre homens que faz o que as pessoas comuns fazem – come nas casas, viaja a pé e de barco, paga impostos e se mistura com uma grande variedade de pessoas
- Ele tem profunda compaixão pelos que são marginalizados na sociedade
- Ele critica a hipocrisia e discute com líderes religiosos

- Ele está tão angustiado no Getsêmani que transpira copiosamente
- Ele se sente abandonado na cruz

Contudo, por trás desse pano de fundo humano, os três evangelhos deixam claro que Jesus era muito diferente de todos os outros humanos.

Por exemplo, Ele:

- Alega autoridade para exceder a lei
- Perdoa pecados
- Dá ordem à natureza
- Expulsa demônios
- É transfigurado diante de três de seus discípulos de um modo impossível aos demais seres viventes
- Usa e aceita títulos que O colocam em uma classe exclusiva.

Os evangelhos apresentam Jesus regularmente como plenamente identificado com a humanidade e completamente distinto dela – e parecem não ter ciência da tensão que isso cria para muitos leitores.

O Evangelho de João

Há um reconhecimento geral de que o Evangelho de João apresenta a divindade de Jesus com uma clareza peculiar. Ao contrário das ‘árvores genealógicas’ de Mateus e Lucas, ele começa com uma genealogia celestial que enfatiza Sua preexistência e origem divina. Mesmo assim, João 1:14 enfatiza que o Verbo se fez carne e ‘habitou’ ou ‘tabernaculou’ entre nós.

Analisamos a apresentação da encarnação que João faz como ‘Deus armando Sua tenda entre os humanos’ no volume *Salvação pela Graça*, e vemos que isso significa que Deus Se manifestou em carne humana de verdade. Embora enfatize muito a natureza divina de Jesus, esse evangelho sempre chama a atenção para a realidade de Seu ‘tabernáculo’ plenamente humano’. Por exemplo, O Evangelho de João mostra que:

- Muitas pessoas consideram Jesus como um rabi [que significa mestre] – 1:38; 3:2; 9:2; 11:8

- Ele está exausto por causa de uma viagem – 4:6
- Ele sente sede – 4:7; 19:28
- Ele desperta ódio – 7:44; 10:31–39; 11:57
- Ele chora na morte de um amigo – 11:33–35
- Ele lava pés – 13:1–5
- Ele prepara uma refeição – 21:9.

A igreja primitiva

Embora foque o Cristo exaltado, o livro de Atos quase sempre O introduz como ‘Jesus de Nazaré’ – por exemplo, Atos 2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 10:38; 22:8 e 26:9. Isso mostra que Ele era uma pessoa real e histórica que viveu como um homem autêntico na pequena cidade de Nazaré – um fato raramente discutido por qualquer estudioso nos dias de hoje.

Visto que as cartas de Paulo contêm poucos fatos acerca de Jesus, alguns estudiosos sugerem que ele sabia pouco a respeito do Jesus histórico. Contudo, Atos 9:26 registra que Paulo encontrou os apóstolos em Jerusalém; Atos 12:25 descreve Marcos como companheiro de Paulo e Atos 23:35 e 24:23–27 mostram que Paulo passou dois anos no Pretório em Cesareia (a capital romana da Palestina), com liberdade para se reunir com outros discípulos. (Atos infere que Lucas cuidou de Paulo durante o seu tempo de prisão, e é bem provável que Lucas tenha pesquisado o seu evangelho nesse período de dois anos. Se assim se sucedeu, ele certamente discutiu as suas descobertas com Paulo.)

A verdade é que as epístolas de Paulo são cartas com instrução doutrinária e correção pastoral para as jovens igrejas; elas não têm a intenção de retratar a personalidade de Jesus, ou ensinar acerca dos acontecimentos em Sua vida. Mesmo assim, as cartas de Paulo contêm muitos detalhes que enfatizam a humanidade histórica de Jesus. Por exemplo, Paulo mostra que Jesus:

- Era descendente de Davi – Romanos 1:3
- Pertencia a Israel segundo a carne – Romanos 9:5
- Fora enviado por Deus em um tempo específico para nascer de mulher e viver embaixo da lei – Gálatas 4:4
- Tinha um irmão (que Paulo conhecia) – Gálatas 1:19

- Era pobre – 2Coríntios 8:9
- Foi crucificado, sepultado e ressurreto – 1Coríntios 15:4
- Instituiu a Ceia do Senhor – 1Coríntios 11:23–26
- Era simples e gentil – 2Coríntios 10:1
- Era reto e sem pecado – Romanos 5:18 e 2Coríntios 5:21
- Era humilde e firme – Filipenses 2:6–8 e 2Tessalonicenses 3:5
- Era homem do mesmo modo que Adão era homem – Romanos 5:12–21 e 1Coríntios 15:21,22
- Era um homem – 1 Timóteo 2:5

O texto de Hebreus 1:1–3 começa introduzindo Jesus como o Filho exaltado de Deus, o herdeiro de todas as coisas, o Criador de tudo. Porém, em seguida, equilibra com o fornecimento de uma grande quantidade de informações acerca da natureza plenamente humana do Filho. Hebreus mostra, por exemplo, que Jesus:

- Era menor que os anjos e preocupado com as pessoas em Sua missão – 2:9 e 6
- Tinha carne humana e sangue como todas as pessoas – 2:14
- Era sujeito à tentação – 2:18 e 4:15
- Orava com clamor e lágrimas – 5:7
- Aprendeu obediência pelo sofrimento – 2:10 e 5:8,9
- Experimentou temor santo – 5:7
- Considerou a morte uma parte inevitável de Sua missão – 2:9 e 14

No volume *Salvação pela Graça*, vemos que Hebreus se concentra na ideia da morte ‘sacrificial’ de Jesus. Define as qualificações de Jesus como o grande sumo sacerdote da humanidade, e mostra que Sua humanidade é indispensável para a ideia de oferecer a Si mesmo como um sacrifício por meio do Espírito: Vemos isso, por exemplo, em Hebreus 9:14; 26–28:10:10 e 20.

Simplificando, os homens e mulheres não teriam acesso a Deus se Jesus, o humano, não tivesse mediado com Deus e aberto o caminho. Todo o Novo Testamento faz uma apresentação dupla da *filiação divina* de Jesus e Sua *humanidade perfeita*.

Revela-o simultaneamente como o Filho que reflete a glória de Deus e o humano que pôde ser tentado como nós somos. Trata-se de uma verdade importante, e devemos trabalhar duro para manter esses dois aspectos atrelados em nossa compreensão, nossa experiência e nossa proclamação.

A humanidade sem pecado de Jesus

O Novo Testamento não apenas apresenta Jesus como um ser humano completo, mas também enfatiza que Ele é um ser humano sem pecado – na verdade, que Ele é a única pessoa totalmente sem pecado que já existiu desde Adão e Eva antes da queda. Vemos isso em Hebreus 4:15; 1 Pedro 2:22 e 1 João 3:5.

Embora Jesus não faça nenhuma alegação específica de impecabilidade nos evangelhos, há muitos indicadores de Sua perfeição absoluta, e não há nada que contraponha essa ideia. Por exemplo, Jesus:

- Nunca faz qualquer confissão de pecado
- Convoca o povo ao arrependimento sem revelar qualquer necessidade de Ele mesmo se arrepender
- Sujeita-se ao batismo de João ‘para cumprir toda justiça’, não para demonstrar arrependimento – Mateus 3:14,15
- Mostra uma resistência precisamente sensível ao mal – Mateus 16:23
- Resiste plenamente à tentação – Mateus 4:1–11
- Condena a hipocrisia sem ninguém reagir condenando a Sua – Mateus 23:1–36
- Exorta que outras pessoas sejam perfeitas como Deus é perfeito, sem envolver a Si próprio na exortação ou lançar quaisquer ideias de que Ele seja menos perfeito – Mateus 5:20
- Diferencia-se de Seus ouvintes ‘maus’ – Mateus 7:11
- Nunca é acusado de não viver o que ensina
- Faz alegações espantosas que seriam totalmente arrogantes se Seu *status* moral não lhes correspondesse – João 8:12
- Jamais é acusado de pecado, mesmo quando convida Seus ouvintes a acusá-lo assim – João 8:44

- Alega fazer a vontade de Deus de um modo que sugere que Lhe é inimaginável fazer diferente – João 10:37; 14:10,11, 31; 15:10 e 17:4
- Alega ser um com o Pai – João 10:30 e 17:22

A igreja primitiva quase sempre se referia de modo implícito à impecabilidade de Jesus, descrevendo-O como ‘santo’ e ‘justo’. Vemos isso, por exemplo, em Atos 2:27; 3:14; 4:30; 7:52 e 17:31.

A questão da impecabilidade total de Jesus torna-se mais clara no ensinamento de Paulo sobre salvação. Do mesmo modo que Hebreus mostra que Jesus tinha de ser plenamente humano para atuar como o sumo sacerdote mediador, 2 Coríntios 5:21 e Gálatas 3:13 mostram que Jesus tinha de ser plenamente sem pecado para que a Sua morte fosse um sacrifício aceitável e eficaz. À medida que pensamos criteriosamente, deve se tornar claro que Jesus poderia ter sido feito pecado somente se Ele não tivesse pecado, e que Ele poderia ter sido feito maldição somente se não estivesse embaixo de maldição.

Ao longo dos anos, alguns estudiosos se perguntaram se a total impecabilidade de Jesus significa que não Lhe era possível cometer pecado. O Novo Testamento, porém, afirma que Ele era provado do mesmo jeito que nós somos e também que Ele era completamente sem pecado.

Outros estudiosos questionaram se Jesus poderia ter sido verdadeiramente humano sem estar predisposto ao pecado do modo que todos os humanos estão. Porém, o Novo Testamento nunca sugere que Jesus teve de se tornar idêntico à humanidade, em sua natureza caída, para redimi-la do pecado. Em vez disso, sugere que Jesus era outro Adão – que Ele era verdadeiramente humano (como Deus queria e quer que toda humanidade seja), mas sem a natureza caída do pós-Éden.

Como demonstrou Adão, mesmo a humanidade perfeita, sem a queda, possuía a liberdade para pecar quando confrontada com a tentação real. A verdadeira maravilha da humanidade sem pecado de Jesus é que somente Ele não sucumbiu à tentação de dizer ‘Não’ a Deus – e a isso devemos a nossa salvação.

O Filho

No volume *Conhecendo o Pai*, vemos que a Bíblia revela muitas facetas da natureza de Deus por meio dos nomes que Ele se apresenta ao Seu povo, e por meio dos nomes e títulos com os quais as pessoas são inspiradas a referirem-se a Ele.

O mesmo se dá com os aspectos plenamente humanos e plenamente divinos do Filho. O Novo Testamento revela que Ele é, por exemplo:

- Jesus – Mateus 1:1
- O Cristo – Mateus 1:1
- O Filho de Davi – Mateus 1:1
- O Filho de Abraão – Mateus 1:1
- O Rei dos Judeus – Mateus 2:2
- O Nazareno – Mateus 2:23
- O Senhor – Mateus 3:3
- Meu Filho Amado – Mateus 3:17
- O Filho de Deus – Mateus 4:3
- O Senhor Seu Deus – Mateus 4:7
- Mestre – Mateus 8:19
- O Noivo – Mateus 9:15
- Senhor do Sábado – Mateus 12:8
- O Filho do Deus Vivo – Mateus 16:16
- O Profeta – Mateus 21:11
- O Rei – Mateus 25:34
- Rabi – Mateus 26:25
- Jesus, o Galileu – Mateus 26:69
- O Santo de Deus – Marcos 1:24
- O Filho do Deus Altíssimo – Marcos 5:7
- O Carpinteiro – Marcos 6:3
- O Filho de Maria – Marcos 6:3
- O Irmão de Tiago, José, Judas e Simão e de suas irmãs – Marcos 6:3
- O Filho do Deus Bendito – Marcos 14:61
- O Escolhido de Deus – Lucas 23:35
- O Cordeiro de Deus – João 1:29
- O Salvador do mundo – João 4:42

- O Pão da Vida – João 6:35
- A Luz do Mundo – João 8:12
- O Eu Sou – João 8:24
- A Porta das Ovelhas – João 10:7
- O Bom Pastor – João 10:11
- A Ressurreição e a Vida – João 11:25
- O Caminho, A Verdade e a Vida – João 14:6
- A Videira Verdadeira – João 15:1
- Meu Senhor e meu Deus – João 20:28
- O Santo e o Justo – Atos 3:14
- O Príncipe da Vida – Atos 3:15
- O Príncipe e Salvador – Atos 5:31
- O Senhor Jesus Cristo – Atos 28:31
- Nossa Páscoa – 1Coríntios 5:7
- A Cabeça da Igreja – Efésios 5:23
- O Rei dos reis e Senhor dos senhores – 1Timóteo 6:15
- O Autor/Capitão da Salvação – Hebreus 2:10 O Apóstolo e Sumo Sacerdote – Hebreus 3:1
- O Mediador da Nova Aliança – Hebreus 12:24
- A Testemunha Fiel, o Primogênito dentre os Mortos – Apocalipse 1:5
- O Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último – Apocalipse 1:17
- O Amém – Apocalipse 3:14
- O Leão da Tribo de Judá, a Raiz de Davi – Apocalipse 5:5
- Fiel e Verdadeiro – Apocalipse 19:11
- A Resplandecente Estrela da Manhã – Apocalipse 22:16

Embora a maioria desses nomes seja usada apenas uma ou duas vezes no Novo Testamento, quase todos têm contextos específicos no Antigo Testamento. Poderíamos aprender muito acerca da natureza e missão do Filho fazendo um estudo minucioso desses nomes e títulos, mas teríamos de considerar os seus contextos bíblicos se quiséssemos ter um entendimento mais completo.

Quatro desses títulos, contudo, são usados muito frequentemente no Novo Testamento. Jesus é quase sempre chamado de “o Cristo”, ou “o Filho do Homem”, ou “o Senhor”, ou “o Filho de

Deus’, e estes nomes nos ensinam muito acerca de Seu caráter singular e de Seu chamado.

Embora possa ser simplificação demais sugerir que cada um desses títulos indique Sua plena humanidade ou Sua plena divindade, sempre se diz que o Cristo’ e ‘o Filho do Homem’ focam mais Sua humanidade e que ‘o Senhor’ e ‘o Filho de Deus’ enfatizam a Sua divindade. Não se pode forçar demais, porém, como veremos a seguir, um título como o ‘Filho do Homem’ também tem, muito provavelmente, conotações divinas.

O Cristo

A palavra grega *Christos* significa ‘O Ungido’, e é o equivalente ao termo hebraico ‘o Messias’. Isso mostra que Jesus era um homem especialmente unguido, ou separado, para uma tarefa específica.

‘O Cristo’ é o título mais usado para Jesus, e o fato de os primeiros crentes terem sido prontamente descritos como ‘cristãos’ ilustra sua importância para o modo que conhecemos o Filho.

Contexto do Antigo Testamento

O Antigo Testamento remete a uma era ‘messiânica’ que promete maravilhas ao povo de Deus. Vemos isso, por exemplo, em Isaías 26–29; 40–66; Ezequiel 40–48; Daniel 12 e Joel 2:28–3:21.

Entretanto, é surpreendente que ‘O Messias’ seja usado profeticamente apenas em Daniel 9:25,26; nas outras vezes se refere às pessoas que são ‘ungidas’ para fins específicos – como em 1Samuel 24:10; Isaías 45:1; Lamentações 4:20; Habacuque 3:13 e Zacarias 4:14: A história do Ciro ‘ungido’ sugere cinco princípios messiânicos:

- Ele foi especialmente escolhido por Deus – Isaías 41:25
- Ele foi indicado para realizar um propósito de redenção para o povo de Deus – Isaías 45:11–13
- Ele foi indicado para executar o julgamento de Deus – Isaías 47
- A ele foi dado domínio sobre as nações – Isaías 45:1–3
- Em todas as atividades, o agente real era o próprio Deus – Isaías 45:1–7.

No Antigo Testamento, há três grupos distintos de pessoas que são ungidas para ofícios e serviços específicos:

- Sacerdotes – Levítico 4:3
- Reis – 1 Reis 19:15,16
- Profetas – 1 Reis 19:16

Esses três ofícios ungidos prepararam o caminho para ‘o Ungido’ que será ‘o profeta, o sacerdote e o rei’ que será escolhido e ungido por Deus para dar início à era messiânica prometida.

Jesus, o Messias

Os crentes modernos muitas vezes pensam em ‘Cristo’ como um nome adicional a ‘Jesus’: ou seja, Ele é Jesus Cristo do mesmo jeito que eles são João da Silva ou Janete Costa. Porém, ‘Cristo’ é um título e não um sobrenome: Ele é ‘Cristo Jesus’ ou ‘Jesus o Cristo’, da mesma maneira que alguém é chamado de Dr. José ou Jonas, o Açougueiro.

Se quisermos compreender o significado desse título, vale a pena substituir mentalmente a palavra ‘Cristo’ por ‘O Cristo’ ou ‘O ungido’, toda vez que nos deparamos com ela. Isso pode ser feito em passagens como Mateus 1:18; 16:16, 20; 26:63; 27:22; Marcos 8:29; 14:61; Lucas 2:11, 26; 9:20; 22:67; João 4:29; 7:26–31, 40–42; 9:22; 10:24; Atos 2:36; 3:20; 4:26; 5:42; 9:22; 17:3; 18:28 e 26:23.

Embora Atos 10:38 e Lucas 4:18 indiquem que Jesus foi ungido publicamente como o Messias no batismo, Ele raramente usou esse título. Isso pode ter ocorrido porque o povo judeu compreenderia de modo errado e veria Jesus como um libertador político.

Jesus aceitou o título quando Pedro O reconheceu como o Messias em Marcos 8:27–30, mas pediu que os discípulos guardassem segredo. E Ele admitiu de fato que era o Messias quando o sumo sacerdote o questionou, em Marcos 14:61–64, se Ele era o Cristo.

Essa admissão levou à sentença de morte de Jesus – que foi prontamente revertida por Deus, que O ressuscitou dos mortos,

exaltou-O sobremaneira, e proclamou o Jesus ressurreto como ‘Senhor e Messias’. Vemos isso em Atos 2:36 e Romanos 1:4.

Jesus foi um ‘profeta, sacerdote e rei’ um tanto diferente do que os judeus estavam esperando. Eles achavam que o Cristo seria outro líder poderoso como o ungido Davi. E, de fato, a voz celestial no batismo de Jesus, em Marcos 1:11, O aclamou como o Filho messiânico do Salmo 2: Porém, ao se acrescentar as palavras de Isaías 42:1, a voz deixou claro que a unção de Jesus se manifestaria tanto pelo serviço sofredor como pelo governo real.

A igreja primitiva

A igreja primitiva referia-se constantemente a Jesus como o Cristo, e esse era o conteúdo central de sua pregação – especialmente aos judeus. Vemos isso, por exemplo, em Atos 3:16–18; 4:10, 26; 5:42; 8:5, 12; 9:20–22; 10:36–38; 11:17; 17:3; 18:5; 24:24 e 28:31.

Atos 9:20–22 mostra que reconhecer Jesus como messias foi essencial para a conversão de Paulo, e este continua a nomear Jesus como Cristo em todas as suas epístolas.

Como um judeu culto, Paulo teria compartilhado a expectativa judaica comum de que o Messias seria um libertador político – e a morte de Jesus, portanto, teria sido a prova de que Ele não era o Cristo.

Para Paulo, contudo, a ressurreição mudou tudo: Provou que Jesus era O Ungido e revelou que Ele viera para inaugurar um reino espiritual, aberto a todos, em vez de um reino físico aberto somente aos judeus.

Visto que foi o primeiro discípulo a reconhecer Jesus como Cristo, não é de surpreender que Pedro enfatize a unção de Jesus em sua pregação em Atos e em suas epístolas. Passagens como 1 Pedro 1:3, 11, 19; 2:21–25; 3:18–21; 4:1, 13 e 5:1 mostram que a igreja primitiva proclamava Jesus como o Messias, que é simultaneamente o servo sofredor e o Senhor ressurreto que venceu a morte. Isso repete, de várias maneiras, a revelação celestial que foi dada no batismo de Jesus.

Filho de Davi

O título 'o Filho de Davi' está intimamente ligado com 'o Cristo', porque o Antigo Testamento revela que o Messias será um rei que descende fisicamente de Davi. Vemos isso, por exemplo, em 2Samuel 7:16; Jeremias 30:9; 33:15; Ezequiel 34:23–31; 37:24 e Oseias 3:5.

Em suas genealogias, Mateus e Lucas registram a linhagem de Jesus até chegar a Davi, a fim de confirmar Sua qualificação como Cristo, e Lucas 1:32 e 69 revelam profeticamente que Jesus é o descendente de Davi há muito esperado.

As pessoas chamam Jesus de 'Filho de Davi' em Mateus 9:27; 12:23; 15:22 e 21:15. Essas passagens sugerem que os milagres fizeram que as pessoas esperassem que Jesus fosse poderoso o bastante para ser o futuro libertador, mas não parecem tê-Lo visto como o Messias.

Jesus nunca se identificou publicamente como o Filho de Davi, nem mesmo em Mateus 22:41–46; do mesmo modo, Ele nunca rejeitou tal título quando as pessoas assim O chamavam.

Quando estava pregando para os judeus, era importante para a igreja primitiva confirmar as credenciais de Jesus como Messias, demonstrando Sua descendência de Davi: Vemos isso, por exemplo, em Atos 13:16–23; Romanos 1:3 e 2Timóteo 2:8.

Essa 'linhagem humana' provou que Ele estava humanamente qualificado para cumprir as promessas da aliança de Deus a Davi, e para governar como um rei humano com autoridade de rei. Os textos de Apocalipse 3:7; 5:5 e 22:16 enfatizam este ponto.

O Servo

Temos visto que a voz celestial no batismo de Jesus O introduziu como o líder ungido do Salmo 2, que iria cumprir as bênçãos da aliança de Davi e também como o Servo sofredor amado de Isaías. Isso significa que nossa compreensão de Jesus como 'o Cristo' deve englobar tanto a autoridade real do 'Filho de Davi' como o servir sacrificial do 'Servo de Deus'.

Embora o verdadeiro título 'o Servo de Deus' nunca tenha sido usado por Jesus, e nunca Lhe é dado nos evangelhos, está

claro que eles O consideravam a pessoa especial mencionada nas quatro ‘canções do servo’ em Isaías – 42:1–4; 49:1–6; 50:4–9 e 52:13–53:12.

Isaías profetizou que esse servo seria chamado por Deus e receberia o Seu espírito; que Ele restauraria Israel e implantaria a justiça; que Ele agiria universalmente e declararia o Seu juízo entre as nações; mas que teria de sofrer de modo vicário para alcançar o Seu propósito.

Atos 3:13, 26 e 4:27–30 mostram que a igreja primitiva considerava Jesus como este servo, e muitas frases das quatro canções do servo aplicam-se a Jesus – por exemplo, em Mateus 8:17; 12:18–21; 20:28; Marcos 9:12; 10:45; Lucas 22:37; Romanos 4:25; 8:32–34; Hebreus 9:28; 1Pedro 1:10,11; 2:21–25 e 3:18.

A ideia de que Jesus é o servo sofredor de Deus revela-se em alguns dos outros nomes e títulos que Ele tem. Por exemplo, os títulos descritivos o *Cordeiro de Deus*, o *Escolhido*, o *Amado* e o *Justo* derivam todos das canções do servo.

O Filho do Homem

Os evangelhos relatam que Jesus costumava apresentar a Si mesmo como ‘o Filho do Homem’. É interessante que eles não registram mais ninguém descrevendo Jesus dessa forma, e o título raramente é usado no restante do Novo Testamento.

Os estudiosos não têm certeza do significado do título e de onde vem. O livro de Ezequiel utiliza o termo 39 vezes como uma forma de abordagem ao profeta humano – por isso, alguns acham que ele mostra que Jesus estava alegando ser um representante humano. Outros insistem na ideia de que o título revela que Ele se considerava o representante humano; enquanto outros ainda acreditam que se refira ao Salmo 8:4–8 ou à figura escatológica de Daniel 7:13,14.

Podemos entender o verdadeiro significado do título somente se reconhecermos o modo que Jesus o utilizou. Parece que Jesus empregou o título ‘o Filho do Homem’ de três maneiras distintas:

1. Para se referir à obra do Filho do Homem na terra:
 - Sua autoridade – Marcos 2:10, 28 e João 9:35–39
 - Seu jeito de viver – Mateus 8:20 e 11:19
 - Sua significação – Mateus 12:32
 - Seu ministério – Mateus 13:37; Lucas 19:10; 22:48 e João 6:27

2. Para se referir aos sofrimentos do Filho do Homem:
 - Para prever a Sua morte – Marcos 8:31; 9:9, 12, 31; 10:33; Lucas 11:30; João 8:28 e 12:23,24
 - Para mostrar a significação de Sua morte – Marcos 10:45; João 3:13,14 e 6:53
 - Para prever a Sua traição – Marcos 14:21 e 41.
 - Para se referir à obra futura e glorificação do Filho do Homem
 - Para descrever o Seu retorno – Mateus 24:37–39, 44; Marcos 8:38; 13:26; 14:62; Lucas 17:22–30 e 18:8
 - Para revelar a Sua obra – Mateus 13:41; Lucas 12:8; João 1:51 e 5:27–30
 - Para mostrar a Sua glória – Mateus 19:28; 25:31 e Lucas 21:36

É claro que esse terceiro uso do título identifica-se intimamente com a figura de Daniel 7:13,14, e que o primeiro e segundo usos se relacionam ao servo sofredor de Isaías.

Isso sugere que, do mesmo modo que ‘o Cristo’ engloba a majestade de ‘o Filho de Davi’ e a simplicidade de ‘o Servo’, assim também ‘o Filho do Homem’ combina a glória da pessoa profética de Daniel com o sacrifício do servo sofredor de Isaías: Essa síntese está clara especialmente em Marcos 10:45.

Quando analisamos o modo que Jesus utiliza esse título, podemos ver o destaque de três aspectos complementares de Seu caráter.

- Sua autoridade singular – para perdoar pecados, para administrar o sábado, para participar do juízo, para reconhecer as pessoas perante Deus.
- Sua humildade singular – Ele sofreu nas mãos de terceiros, Ele não tinha lugar para morar; Ele não desfrutaria quaisquer

vantagens materiais de Seu título, e também não esperava que os Seus seguidores o fizessem.

- Sua glória singular – Ele falava muitas vezes da glória associada à futura vinda do Filho do Homem; Ele declarava que os Seus sofrimentos eram um caminho para a glória futura; João 1:51; 3:13 e 6:62 mostram que essa glória não será uma experiência nova, visto que é Dele por direito.

Surpreendentemente, o título o ‘Filho do Homem’ é usado apenas quatro vezes no Novo Testamento fora dos evangelhos.

- Estêvão o utilizou em Atos 7:56, na sua morte, para enfatizar a glória do Filho assunto ao céu e Sua exaltada posição celestial.

- Hebreus 2:6–8 cita Salmo 8:4–6 como parte de sua comprovação geral da humanidade de Jesus como uma característica essencial de Sua função sumo sacerdotal.

- Apocalipse 1:13 e 14:14 o utilizam de modo semelhante a Daniel 7:13,14 para descrever uma pessoa celestial que aparece na forma humana.

O Jesus humano

Vimos que o Novo Testamento aponta para a plena humanidade de Jesus, registrando um bocado de fatos simples e detalhes inerentes, além de identificá-lo como ‘o Cristo’ (o Ungido) e ‘o Filho do Homem’.

Esses títulos se complementam, e podemos dizer que, no geral, ‘o Cristo’ refere-se essencialmente a *quem* Jesus é como o Filho (o Ungido, o Amado, o Escolhido, o profeta há muito esperado, sacerdote e rei, e assim por diante); e que ‘o Filho do Homem’ aponta para o *que Ele faz* como o Filho (Ele vem do céu, Ele perdoa, Ele cura, Ele sofre, Ele morre, Ele julga, Ele retorna ao céu, Ele voltará em glória etc.).

Na medida em que avançamos para analisar a divindade plena do Filho e para saber como podemos conhecê-Lo pessoalmente (bem como de modo proposicional), não devemos esquecer de que Ele é plenamente humano, e que Ele – em

princípio – enfrentou todo problema e tentação que nós temos de enfrentar.

Quando respondemos ao Seu chamado ‘siga-me’, podemos ter certeza de que Ele não nos chama para segui-Lo a nenhum lugar em que Ele não tenha estado, a dizer nada que Ele não tenha dito e a suportar nada que Ele não tenha suportado ou encarar nada que Ele não tenha encarado.

Parte Dois

O Filho Plenamente Divino

Vimos que o Novo Testamento descreve Jesus como um ser humano real: mostra que Ele nasceu da maneira humana comum; que Ele viveu, respirou e morreu como todas as demais pessoas; que experimentou dor e pressão, fome e cansaço, alegria e tristeza, lutas e tentação, exatamente do modo que experimentamos hoje.

Porém, a Bíblia também insiste que Jesus era mais do que plenamente humano, que Ele era mais até mesmo do que o humano perfeito e sem pecado, pois declara que Jesus era plenamente divino e plenamente humano, que Ele era Deus em carne humana.

O Evangelho de João revela a divindade de Jesus de modo particularmente claro, e o faz basicamente apresentando-O como 'o Verbo de Deus', o *logos* que é a revelação pessoal de Deus, e registrando uma série de dizeres como 'Eu sou', em que Jesus parece se identificar com *Jeová*, com o supremo 'Eu sou o que sou'.

Vimos que dois dos nomes e títulos mais comuns de Jesus também focam a Sua divindade. Ele é apresentado como '*o Filho de Deus*' em todo o Novo Testamento; e todos os 27 livros proclamam em alta voz que 'Jesus é *Senhor*'. Quando colocamos

essas quatro frases juntas, começamos a entender a natureza plenamente divina do Filho.

Logos

Nós estudamos o *logos* de Deus, a ‘Palavra’ de Deus com certo detalhe nos volumes *Fé Viva* e *Ouvindo Deus*, e vemos que *logos* se refere à autorrevelação completa de Deus. Esses dois volumes na série *A Espada do Espírito* confirmam que Deus revela a Si mesmo plenamente por meio das Escrituras (Seu *logos* escrito) e por meio do Filho (Seu *logos* pessoal).

A palavra grega *logos* é uma das mais características no Evangelho de João. Embora às vezes signifique a mensagem de Jesus e às vezes aponte para o próprio Jesus, *logos* sempre significa mais do que apenas as palavras faladas. João 5:24; 8:31 e 51, por exemplo, mostram que o *logos* de Deus precisa ser ouvido e entendido corretamente, a fim de que o seu aspecto ‘autorrevelador’ mais profundo seja compreendido.

O Evangelho de João inicia com a ‘genealogia celestial’ do Filho em 1:1–18, que deixa claro que o Jesus plenamente humano também é a Palavra eterna, a revelação plena do Deus plenamente divino.

Vemos no volume *Fé viva* que a ideia de Palavra de Deus está firmemente arraigada no Antigo Testamento. Ele revela, por exemplo, que a Palavra de Deus:

- Tem a ver com a criação e sustentação do mundo – Gênesis 1; Salmo 33:6–9; 147:15–18 e 148:8
- Está imbuída de poder e autoridade divinos – Salmo 147:15; Isaías 55:11 e Oseias 6:5
- Revela os pensamentos, preocupações e propósitos de Deus – Salmo 119:9, 105; Jeremias 20:9 e Ezequiel 33:7
- Identifica-se intimamente com a Sabedoria de Deus – Jó 28:12–27; Provérbios 8:1–9 e 12

Ao identificar Jesus desde o início como o *logos*, o Evangelho de João declara implicitamente que Jesus estava envolvido na criação, que Ele está imbuído de poder divino, que Ele é a revelação de Deus e que se identifica intimamente com a sabe-

doria de Deus: todas essas ideias são desenvolvidas ao longo do Evangelho de João.

O 'prólogo' de João introduz uma série de conceitos que são expandidos no evangelho (como luz, vida, verdade, glória e o mundo), porém, contém três ideias básicas de Jesus que revelam as características principais do Filho como o *logos*.

Sua relação com o Pai

João 1:1,2 é um eco de Gênesis 1:1 e declara a preexistência do Filho. João declara simplesmente que o *logos* estava com Deus e era Deus: Isso enfatiza a divindade do Filho sem ofuscar a distinção entre a qualidade pessoal do Filho e a qualidade pessoal do Pai.

João 1:1,2 revela tanto que o *logos* tem a natureza de Deus como que o *logos* e Deus não são termos intercambiáveis. Embora a Palavra seja Deus, Deus é mais do que a Palavra.

Sua relação com o mundo

João 1:3, como Colossenses 1:15, aponta para a relação do Filho com o mundo. Essa ideia desenvolve-se por todo o Evangelho de João, e a analisamos plenamente no volume *Alcançando o Perdido*. Devemos reconhecer que João não faz distinção entre o poder criativo do Filho e o poder criativo de Deus, mas que ele faz distinção entre o Filho e a criação. Isso significa que a Palavra não foi criada, mas sempre existiu com Deus.

Sua relação com a humanidade

João 1:14 explica que o *logos* divino se fez carne humana e habitou entre os homens. No volume *Salvação pela Graça*, vemos que isso significa que Deus 'armou sua tenda' ou 'tabernaculou' entre a humanidade, e que isso aponta diretamente ao tabernáculo do Antigo Testamento.

Isso mostra que a proclamação que João faz do Filho como a Palavra eterna não dilui a humanidade de Jesus; em vez disso, posiciona o Filho firmemente na História como um ser humano de carne e sangue e O revela como um ser divino que está em comunhão constante e eterna com Deus.

‘Eu sou’

O Evangelho de João usa o pronome pessoal ‘Eu’ com mais frequência do que qualquer parte da Bíblia: Isso adiciona tanto dignidade como autoridade a Jesus e Suas palavras. João usa a palavra grega *ego*, ‘eu’, 134 vezes (29, 17 e 23 vezes em Mateus, Marcos e Lucas, respectivamente) para atrair a atenção para o Filho – e para nos preparar para o pronome pessoal enfático *ego eimi*, ‘eu sou’ o qual João parece usar para enfatizar a divindade plena do Filho.

As palavras ‘eu sou’ de Jesus são importantes porque a frase é usada no Antigo Testamento como o nome pessoal de Deus. Vemos no volume *Conhecendo o Pai* que Deus apresentou-se a Moisés, em Êxodo 3:14, como *Jeová*, ‘Eu sou o que sou’. Para os judeus, isso conferia ao pronome pessoal enfático ‘eu sou’ um significado divino.

João registra sete frases em que Jesus usa *ego eimi*, ‘Eu sou’, para descrever a si mesmo:

- Eu sou o pão da vida – 6:35
- Eu sou a luz do mundo – 8:12
- Eu sou a porta das ovelhas – 10:7
- Eu sou o bom pastor que dá Sua vida – 10:11
- Eu sou a ressurreição e a vida – 11:25
- Eu sou o caminho, a verdade e a vida – 14:6
- Eu sou a videira verdadeira – 15:1

Em todo caso, a fala ‘eu sou’ revela uma função divina diferente de Jesus – sustentar, iluminar, admitir, cuidar sacrificialmente, dar nova vida e tornar frutífero. Trata-se de afirmações impressionantes apresentadas pela primeira vez no prólogo de João. Com essas sete falas, Jesus torna pessoal o que é declarado teoricamente no prólogo – Ele se revela como a personificação divina de tudo que as pessoas buscam.

Alguns líderes alegam que as falas ‘eu sou’ são apenas uma autoidentificação enfática, enquanto outros sugerem que simplesmente se igualam ao uso que Jesus faz de ‘O reino de Deus é como’; mas João 6:20; 8:24, 58; 13:19 e 18:5 parecem refutar essas duas sugestões.

Em João 8:57,58, perguntaram a Jesus se Ele vira Abraão. Os indagadores acharam que a resposta de Jesus foi uma blasfêmia e pegaram pedras para matá-Lo – aquelas pessoas entenderam que Jesus estava afirmando ser o ‘Eu sou’ divino de Êxodo 3:14, Deuteronômio 32:39; Isaías 43:10 e 46:4. A reação das multidões em João 18:5,6 enfatiza ainda mais o significado divino de Sua repetida afirmação de ser o grande ‘Eu sou’.

A força do uso absoluto de *ego eimi* em João 8:24, 58 e 13:19 deve moldar a nossa compreensão das sete falas ‘eu sou’ de Jesus. Podemos dizer que elas transmitem funções e qualidades exclusivamente divinas e que revelam aspectos significativos da natureza divina do Filho.

O Senhor

A palavra grega *kurios*, ‘senhor’, apresentava muitos usos no mundo do Novo Testamento. Por exemplo, expressava respeito geral, era um título polido para um superior, e era usada para se referir a um imperador romano ou a um deus pagão.

Para os judeus, entretanto, *kurios* tinha um significado especial, visto que era o equivalente grego da palavra hebraica *Adonai* – que era um dos nomes de origem de Deus, e usado comumente em vez de *Jeová*.

Esse uso amplo reflete-se no Novo Testamento: Às vezes, ‘senhor’ é simplesmente um título humano de respeito, mas geralmente é mais um título divino que enfatiza a natureza divina do Filho como *Adonai*.

O Senhor ressurreto

Ao longo das eras, a maior parte dos líderes eclesiásticos acreditava que Jesus foi reconhecido como *ho kurios*, ‘o Senhor’, somente depois (e por causa de) Sua ressurreição. Isso se torna mais claro no Evangelho de Marcos, onde a única pessoa a referir-se a Jesus como *kurios* antes da ressurreição é uma mulher siro-fenícia que usa a palavra, em Marcos 7:28, porque é uma mulher gentia falando com um judeu que não conhecia.

Em todo o restante do livro, seja onde for que os outros evan-

gelhos usem *kurios*, Marcos não usa – por exemplo, Mateus 8:2 e Marcos 1:40; Mateus 8:25 e Marcos 4:39; Mateus 26:22 e Marcos 14:19. Em contraste a esse silêncio, Marcos 16:19,20 de repente revela que o Filho ressurreto agora é ‘o Senhor’.

Essa ligação do ‘Senhor’ com a ressurreição repete-se em Lucas 24:34, o que parece ser a explicação de Lucas para o uso frequente da palavra em todo o evangelho – por exemplo, 7:13; 10:1, 39; 11:39; 12:42; 13:15; 17:5,6; 18:6; 19:8; 22:61 e 24:34.

A narrativa que Lucas faz do nascimento prepara o caminho para o ‘senhorio’ divino de Jesus com a descrição contínua de Deus como Senhor – em 1:9, 11, 15, 25, 32, 38, 45, 46, 58, 66, 68, 76; 2:9, 2, 23, 24, 29 e 39. Podemos dizer que se Senhor significa Deus no início de Lucas, com certeza significa Deus em todo o livro de Lucas, quando ele o utiliza para descrever o Filho.

Por causa disso, podemos dizer que a identificação que os anjos fizeram do Salvador em Lucas 2:11 comunica senhorio divino. Isso sugere que ‘Cristo o Senhor’ é a frase bíblica que sintetiza com maior precisão a plena humanidade e a plena divindade do Filho.

O Evangelho de João segue o padrão básico de identificar Jesus como ‘o Senhor’, principalmente após a Sua ressurreição. *Ho kurios* é usado apenas três vezes nos primeiros 19 capítulos, mas de repente se torna o nome comum para o Filho nos capítulos 20 e 21. O mais impressionante é que está claramente vinculado a Deus, em João 20:28, na confissão de fé de Tomé, que parece o clímax dramático e literário do evangelho.

Em todo o livro de Atos, os discípulos referem-se ao Filho ressurreto como ‘Senhor’ – como em Atos 1:6, 24; 4:29; 9:5; 10:4, 14; 22:8 e 19 – e também como ‘Senhor Jesus’ ou ‘Senhor Jesus Cristo’ – como em 1:21; 4:33; 7:59; 8:16; 11:17, 20; 15:11, 26; 20:21, 24, 35 e 28:31. Essas passagens mostram que os primeiros cristãos estavam convencidos de que a ressurreição era a prova da divindade de Jesus.

O primeiro sermão da era da Igreja teve seu clímax em Atos 2:36, com a declaração de Pedro de que ‘a esse Jesus, a quem

vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo'. As palavras de Pedro 2:20,21 e 34,35 mostram que essa declaração do senhorio divino de Jesus foi firmemente baseada no contexto do Antigo Testamento de 'Senhor' significando divino.

A conexão que Pedro faz no primeiro sermão evangelístico entre o *senhorio divino* de Jesus e Sua *messianidade humana* é crucial para o nosso conhecimento, para a nossa experiência e para a nossa proclamação do Filho. Na realidade, podemos dizer que conhecer Jesus como 'o Senhor e o Cristo' é a chave principal para se conhecer o Filho na plenitude de Sua natureza dual singular.

Outras passagens em Atos, como 9:4–17 e 10:36, deixam claro que o senhorio de Jesus significa total autoridade e soberania divina – ou Ele é 'Senhor de tudo' ou 'não é Senhor'.

A igreja primitiva

Todas as cartas de Paulo proclamam que 'Jesus é Senhor', e passagens como Romanos 10:9 mostram que isso aponta essencialmente para a Sua ressurreição. O Filho é 'Senhor de tudo' porque Ele venceu a morte e foi elevado por Deus a esta posição extremamente exaltada.

Em palavras simples, ressurreição e senhorio são totalmente inseparáveis, pois é a fé na ressurreição que oferece a base para a nossa confissão do senhorio de Cristo.

Paulo proclama Jesus como Senhor em, por exemplo, Romanos 10:12; 1Coríntios 12:3 e Filipenses 2:11. Essas passagens reúnem o reconhecimento atual do senhorio de Jesus entre os cristãos e o panorama do reconhecimento universal no futuro.

Em 2Coríntios 4:5, Paulo revela que o senhorio do Filho é a essência de sua pregação evangelística. Isso sugere que qualquer pregação contemporânea que não anuncie a autoridade absoluta e a soberania total de Jesus está em desacordo com a revelação bíblica do Filho.

Praticamente todos os livros do Novo Testamento enfatizam que Jesus é Senhor – por exemplo, Romanos 4:24; 1Coríntios 6:14; 2Coríntios 1:14; Gálatas 6:14; Efésios 6:23,24; Filipen-

ses 2:11; Colossenses 2:6; 1 Tessalonicenses 5:9; 2 Tessalonicenses 1:8; 1 Timóteo 1-2; 2 Timóteo 1:2; Tito 1:4; Filemom 1:3; Hebreus 13:20; Tiago 1:1; 1 Pedro 1:3; 2 Pedro 3:18; 2 João 1:3; Judas 1:17 e Apocalipse 11:8.

Quando fazemos uma análise do modo que o Novo Testamento apresenta o senhorio de Jesus, podemos dizer que usa esse título específico:

- Para enfatizar a ressurreição do Filho e para simbolizar a Sua vitória sobre a morte
- Para inferir que o Filho é plenamente divino e que Ele realiza as mesmas funções que Deus
- Para destacar a autoridade absoluta e a soberania total do Filho sobre cada aspecto de vida e fé.

O Filho de Deus

O quarto título principal de Jesus no Novo Testamento aponta para a Sua divindade plena com a maior clareza: Ele é 'o Filho de Deus'. Isso sugere que se quisermos conhecer o Filho verdadeiramente, precisamos conhecê-Lo em Seu relacionamento singular com o Pai.

Como toda revelação bíblica, deveríamos tentar entender a ideia de 'o Filho de Deus' em seu contexto bíblico. O Antigo Testamento prepara o caminho para esse título usando a ideia de filiação de diversos modos diferentes, por exemplo:

- Os anjos são descritos como filhos de Deus e isso denota a sua natureza espiritual – Gênesis 6:1-4; Jó 1:6 e 2:1
- Adão é identificado como o Filho de Deus, significando mais uma vez a Sua natureza espiritual – Lucas 3:38
- Os israelitas foram chamados coletivamente de filhos de Deus para serem distinguidos das nações vizinhas – Deuteronômio 14:1,2; Jeremias 3:19,20 e Oseias 1:10
- Israel como um todo era chamado de 'meu filho' para revelar o relacionamento singular de pai e filho que a nação tinha com Deus – Oseias 11:1
- O rei ungido de Israel era, de algum modo, especial, o filho particular de Deus – 2 Samuel 7:14 e Salmo 2:7

Apelando para essa pré-utilização no Novo Testamento, alguns alegam que Jesus não usou originalmente o título de ‘Filho de Deus’ da maneira que os cristãos geralmente apontam. Porém, como veremos, o título parece estar apontando para a singularidade de Jesus e o fato de que Ele é Deus manifesto na forma humana.

É notável que o relacionamento entre a primeira e segunda pessoas da Trindade seja revelado como uma relação de Pai e Filho. Como veremos na Parte Sete, isso é para enfatizar:

- Que o Pai e o Filho compartilham a mesma natureza
- A prioridade do Pai
- A submissão do Filho ao Pai
- A unidade entre o Filho e o Pai
- A dependência do Filho em relação ao Pai

Analisamos o relacionamento do Pai com o Filho no volume *Conhecendo o Pai* e vemos que os evangelhos registram Jesus descrevendo – mais de 50 vezes – Deus como ‘o Pai’, ‘meu Pai’, ‘meu Pai celestial’, ‘seu Pai celestial’ e ‘Aba Pai’.

No volume *Conhecendo o Pai*, definimos que Jesus tinha um relacionamento singular com o Pai, e que há uma distinção importante entre Deus como ‘Pai de Jesus’ e Deus como ‘Pai dos discípulos’ – vê-se isto com mais clareza em João 20:28, mas também pode ser visto em passagens que enfatizam que Jesus é o filho unigênito de Deus.

Analisamos em detalhe o relacionamento do Filho com o Pai na Parte Sete, mas devemos perceber de que modo passagens como Mateus 11:25–30; Marcos 1:11; 9:2–7; 12:1–12, 35–37; 13:32; Lucas 10:21–24 e 22:29 revelam alguns dos elementos básicos da filiação divina de Jesus.

Os escritos de João

Como João 20:31 declara que o propósito específico do evangelho é ajudar os leitores a crerem que Jesus é o Filho de Deus, não deveríamos nos surpreender que este evangelho enfatize tal título e os aspectos divinos da natureza de Jesus.

Embora o título ‘Filho de Deus’ ocorra somente dez vezes no

Evangelho de João, Jesus fala de Deus como ‘Pai’ mais de 100 vezes. A consciência que Jesus tinha de Sua filiação divina domina o Evangelho de João, e cada capítulo oferece ao menos uma ideia de o que significa ser o Filho unigênito de Deus.

Há quatro ocasiões em João, 1:14–18 e 3:16–18, em que Jesus é descrito como o Filho ‘unigênito’; e isso prova que Sua filiação não era a mesma que a nossa. João 1:12 mostra que nós podemos receber poder para nos tornarmos filhos de Deus, mas Jesus não precisa disso porque Ele é um Filho de um tipo bem diferente. João enfatiza isso usando a palavra grega *huios* – que significa ‘filho’ – somente para Jesus, mas descrevendo o relacionamento de todos os outros crentes com Deus usando o termo mais geral *tekna* – ‘filhos’.

Mateus 4:3–6; Lucas 4:3–9 e 41 registram o fato de que Satanás e os demônios reconheceram Jesus como o Filho de Deus; mas João oferece três situações em que as pessoas reconheceram a filiação divina de Jesus – 1:34, 49 e 11:27 – e três exemplos da alegação de Jesus ser o Filho de Deus – 10:36,37; 11:4 e 19:7.

Embora nós analisaremos em detalhe o ensinamento de João acerca da filiação divina de Jesus na Parte Sete, devemos observar que este evangelho sugere diversas características importantes de Jesus como Filho de Deus:

- O Filho é enviado pelo Pai e para o Pai – 3:34; 5:36–38; 7:29; 11:42 e 17:4,5
- O Filho é amado pelo Pai – 3:35; 5:20; 10:17 e 17:23,24
- O Filho submete-se ao Pai e Dele depende – 5:19, 30; 14:28–31 e 15:10
- O Filho é totalmente um com o Pai – 5:19–23; 10:30; 14:11, 20 e 17:11
- O Filho ora ao Pai – 11:41; 12:28; 17:1, 5, 11, 21, 24 e 25
- O Filho é a revelação exclusiva do Pai – 6:46; 8:19; 10:15 e 14:8,9
- O Filho fala as palavras do Pai – 10:18; 12:49,50; 14:24; 15:15 e 16:25

- O Filho recebe todas as coisas do Pai – 8:16; 13:3; 16:15 e 18:11
- O Filho retornará ao Pai – 14:12, 28; 16:10, 16, 28 e 20:17

O tema de Jesus como ‘Filho de Deus’ também domina 1João e é uma das razões principais de podermos ter certeza de que a epístola foi escrita pela mesma pessoa que o evangelho. 1João mostra que crer em Jesus como Filho de Deus deveria ser a confissão principal do crente – vemos isto, por exemplo, em 1João 2:22,23; 3:23; 4:15; 5:5 e 10–13. Outros aspectos da filiação de Jesus são enfatizados em 1João 1:7; 3:8; 4:9,10, 14; 5:9–11 e 20.

Filho Unigênito

Ao considerarmos Jesus como Filho de Deus nos escritos de João, é importante olhar a frase *monogenes huios* – João 1:14, 18; 3:16, 18 e 1João 4:9 – que tradutores da Bíblia traduziram diversamente como algo entre ‘Filho unigênito’ (como na versão King James e ‘Seu único Filho’ (como na NVI).

O que está em jogo aqui é se *monogenes* deveria ser traduzido como ‘o único gerado’ ou ‘unigênito’. A própria palavra dá uma dica, pois é a combinação de duas palavras gregas: *monos* que significa ‘somente’ ou ‘sozinho’, e *genos* que significa ‘da mesma natureza, tipo, espécie’. Aqueles que se opõem à tradução de ‘único gerado’ acreditam que ela surgiu porque se pegou *gennao* – que significa ‘gerar’ – como raiz da segunda parte de *monogenes*, quando de fato a raiz é *genos*, que significa ‘da mesma espécie’.

Isso sugere que uma boa definição de *monogenes* é ‘apenas um da mesma espécie’. Isso significaria que o termo, quando aplicado ao relacionamento de Jesus com o Pai, não está se referindo à origem de Jesus como ‘gerado’ do Pai, mas sim ao Seu *status* exclusivo como o ‘único’ Filho de Deus ‘da espécie’.

Isso coincidiria com o uso de *monogenes* em Hebreus 11:17, onde a palavra é aplicada para o relacionamento de Isaque com O seu pai Abraão. Abraão tinha vários filhos, logo, Isaque não po-

deria ter sido O seu 'único' filho 'gerado', conforme a tradução na versão King James. Entretanto, Isaque – como o filho da promessa – foi certamente o filho 'único' e 'único da espécie' de Abraão'.

Essa leitura de *monogenes* também é confirmada por seu uso em todo o Novo Testamento. Por exemplo, Lucas a utiliza para descrever o 'filho único' da viúva de Naim (Lucas 7:12), a 'filha única' de Jairo (Lucas 8:42), e o 'filho único' do Pai do menino possuído por demônio (Lucas 9:38). A ênfase dessas histórias não é que o filho era 'gerado' de seu Pai ou mãe, mas que o pai ou mãe tinha apenas um filho – e, por isso, a necessidade deles era ainda mais séria.

Isso inferiria que o uso de *monogenes* em João não está denotando que Jesus foi gerado do Pai, aludindo assim a alguma forma de geração, em vez disso, está apontando para Sua exclusividade como o único Filho de Deus. E não é para descartar a ideia de geração – é simplesmente para dizer que não podemos baseá-la nessas passagens.

Contudo, o que devemos fazer então com o ensinamento de que Jesus foi eternamente gerado do Pai? Essa tem sido, de fato, a posição histórica da Igreja desde o Concílio de Niceia, em 325, sempre enunciada como a doutrina da geração eterna do Filho pelo Pai. A doutrina declara que embora Jesus seja, em essência, igual ao Pai, em Sua pessoa Ele é eternamente gerado e procede a partir do Pai. Assim, quanto à essência Ele é autoexistente, mas quanto à pessoa, Ele é derivado eternamente de Deus. É nesse sentido que Ele é o eternamente gerado Filho de Deus.

A doutrina da geração eterna do Filho é teologicamente útil para expressar o relacionamento entre o Pai e o Filho; contudo, como já vimos, é bem diferente aplicar a terminologia 'gerado' a essas cinco referências nos escritos de João.

(Isso não significa dizer que a palavra 'gerado' deixe de aparecer na Bíblia). Passagens como Atos 13:33; Hebreus 1:5 e 5:5 usam *gennaō* na citação do Salmo 2:7 – 'eu hoje te gerei'. O Salmo 2 na realidade é um Salmo inaugural para o rei israelita, referindo-se à declaração pública de seu reinado. Ao citar este Salmo de realeza, torna-se claro que a palavra 'gerado' nessas

passagens do Novo Testamento não está se referindo à concepção miraculosa de Cristo pelo Espírito Santo, mas à Sua ressurreição e exaltação. É por isso que a Nova Versão Internacional, em inglês, traduz os três versículos simbolicamente como ‘eu hoje me tornei seu pai’. Assim como em Romanos 1:4 – que abordamos na próxima seção – as passagens estão se referindo à declaração pública do Pai a respeito da filiação de Cristo, o rei verdadeiro, na Sua ressurreição.)

O ensinamento de Paulo

Atos 9:20 relata que os primeiros sermões do apóstolo Paulo proclamavam a verdade fundamental de que Jesus era tanto ‘o Cristo’ como ‘o Filho de Deus’ – que Ele nasceu tanto humano como divino. E Romanos 1:1–4 introduz o conceito de Jesus como ‘Filho de Deus’, que é a suposição básica por trás da apresentação que Paulo faz de Jesus.

Alguns líderes sugeriram que Romanos 1:4 significa que Jesus não era o Filho de Deus antes da ressurreição; mas isso não é verdade. Em vez disso; Romanos 1:4 mostra que a ressurreição revelou publicamente o que já era um fato instituído.

Podemos dizer que – exatamente como fizeram com o título ‘Senhor’ – os discípulos reconheceram muito mais Jesus como Filho de Deus após a ressurreição, mas isso é bem diferente de sugerir que Jesus se tornou o Filho de Deus por meio da ressurreição.

Deve estar claro que a filiação de Jesus é um relacionamento essencial e eterno dentro do Deus trino, o que, portanto, não foi alterado fundamentalmente pela encarnação nem pela ascensão. No volume *Conhecendo o Pai*, analisamos com certo nível de detalhe os relacionamentos dentro da divindade.

Paulo identifica Jesus como ‘Filho de Deus’ somente em 2Coríntios 1:19; Gálatas 2:20 e Efésios 4:13; ele descreve Jesus mais usualmente como ‘Seu Filho’ – por exemplo, Romanos 1:9; 8:29; 1Coríntios 1:9; Gálatas 4:6 e Colossenses 1:13.

Para Paulo, a filiação divina de Jesus está totalmente ligada com a Sua missão: Assim, por exemplo, em Romanos 8:3 e Gálatas 4:4,5 ele descreve como Deus enviou o Seu Filho ao

mundo pecador para redimir a humanidade. Nós analisamos este assunto extensivamente na Parte Cinco.

Paulo também destaca os efeitos práticos da filiação de Jesus sobre os crentes. Em Romanos 8:15 e Gálatas 3:26–4:7, por exemplo, ele descreve nossa posição como filhos de Deus e mostra como isso se deu.

Essas passagens oferecem uma ideia valiosa do relacionamento íntimo entre o Pai e o Filho; também sugerem que este relacionamento é um padrão para o relacionamento de Deus conosco.

Jesus é Deus

Vimos que o Novo Testamento revela a divindade de Jesus apresentando-O como ‘a Palavra de Deus’, registrando uma série de falas ‘Eu sou’ em que Jesus parece identificar-se com *Jeová* e apresentando-O como ‘Senhor de tudo’ e ‘Filho de Deus’.

Há, contudo, algumas passagens importantes que vão mais além e declaram que Jesus é Deus em uma linguagem muito simples. Por exemplo:

O Evangelho de João começa e termina com afirmações claras da natureza divina de Jesus. João 1:1 afirma que o *logos* não apenas estava com Deus mas era Deus – a ideia se amplia em 1:18: E João 20:28 é o clímax de fé maravilhoso do evangelho – verdadeiramente, Jesus é tanto ‘Senhor’ como ‘Deus’.

Romanos 9:5 á a afirmação mais forte de Paulo acerca da divindade de Jesus, contudo, é enfraquecida por algumas versões da Bíblia que a acentuam erroneamente. Há diversas razões gramaticais convincentes para insistir que se trata de uma referência a Jesus e não a Deus, o Pai, e, portanto, deveria ser lida como ‘...*Cristo que é Deus sobre todos...*’, não ‘.... Cristo. *Deus que é sobre todos...*’.

Tito 2:13 é semelhantemente verdadeiro. Paulo refere-se simplesmente ao ‘nosso grande Deus e Salvador Jesus Cristo’ e não ao (como alguns sugerem) ‘nosso grande Deus e nosso Salvador Jesus Cristo’. Se Paulo tivesse a intenção de diferenciar ‘Deus’ e ‘Jesus’, ele teria adicionado um segundo artigo, e não teria usado a mesma expressão (‘Deus nosso Salvador’) em Tito 1:3.

Hebreus 1:8 cita o Salmo 45:6 e o aplica de maneira a mostrar que o Filho está sendo tratado como Deus. Independente do significado original do Salmo, o autor de Hebreus foi inspirado a usá-lo para identificar o Filho como Deus.

2Pedro 1:1 é outra declaração simples de que Jesus Cristo é tanto Deus como Salvador.

Esses versículos demonstram que a igreja primitiva sabia que o Jesus plenamente humano era plenamente divino também. Vemos essa crença em ação nas passagens que registram que a adoração normalmente dada a Deus é dada, às vezes, a Cristo— por exemplo, Mateus 28:9; 2Timóteo 4:18; 2Pedro 3:18; Apocalipse 1:5,6; 5:13 e 7:10; em passagens que descrevem orações sendo direcionadas a Jesus — por exemplo, Atos 7:59,60; 1Coríntios 16:22 e 2Coríntios 12:8; e nas bênçãos que vinculam Seu nome com o nome de Deus — por exemplo, 1Tessalonicenses 3:11,12; 2 Tessalonicenses 3:5 e 16.

Esses dados bíblicos refutam a acusação de que a afirmação de que ‘Jesus é Deus’ é uma invenção dos cristãos que vieram posteriormente, talvez até mesmo no século quarto. É claro, face aos credos controversos, como o enunciado em Niceia em 325, expressaram-se ideias como a de Jesus sendo ‘Deus a partir de Deus’ ou ‘uma substância com o Pai’, Mas como vimos, essas ideias já estão claras no próprio Novo Testamento.

Plenamente humano, plenamente divino

Nas duas primeiras partes deste livro vimos que o Novo Testamento apresenta um paradoxo direto. Declara que Jesus de Nazaré era um ser humano legítimo como alegava ser, e era *Adonai Jeová*, o Senhor Deus; revela que Ele era simultaneamente um ser divino transcendente, preexistente que veio salvar a humanidade e também um ser humano perfeito, sem pecado, que mostrou à humanidade como viver.

O Novo Testamento, entretanto, não avança na explicação de como Jesus poderia ser Deus e ser distinto de Deus, ou como poderia se tornar humano sem modificar Sua divindade a ponto de deixar de ser verdadeiramente divino, ou como os dois aspec-

tos de Sua natureza vieram a coexistir com Ele. Simplesmente declara a natureza dual de Jesus e deixa o restante para a fé.

As pessoas lutaram com esse paradoxo das duas naturezas em uma pessoa por toda a história da igreja. Alguns buscaram se concentrar em conhecer o Filho plenamente divino; outros acharam mais fácil focar no Filho plenamente humano, enquanto outros tentaram simplificar o paradoxo. Porém, isso levou a ideias não bíblicas como:

- Docetismo – a negação da realidade da humanidade de Jesus
- Apolinarianismo – a diminuição da humanidade de Jesus baseado na ideia de que o *logos* divino tomou o lugar do espírito humano de Jesus. Portanto, Jesus não poderia ser considerado como um ser totalmente humano – somente o Seu corpo era humano
- Arianismo – que Cristo, embora o primeiro e mais elevado de todas as criaturas de Deus, é um ser criado. Somente Deus, o Pai, é eterno.
- Ebionismo – que Jesus não era preexistente, mas totalmente o filho de José e Maria e apenas teve o Espírito após o batismo. Este é semelhante ao adocionismo – que Jesus nasceu como um homem comum, mas foi elevado à filiação divina, muito provavelmente em Seu batismo, por adoção
- Nestorianismo – que Jesus era, na verdade, duas pessoas distintas, o homem Jesus e o Filho divino de Deus
- Eutiquianismo – que a natureza humana de Jesus foi absorvida pela divina para criar uma terceira natureza híbrida
- Quenoticismo – que o Filho esvaziou-se de Sua divindade para se tornar humano

Entretanto, quando assumimos qualquer uma dessas abordagens, o resultado inevitável é que não conhecemos o Filho que é revelado nas Escrituras. De fato, uma das marcas notáveis de um culto falso hoje é uma compreensão equivocada de uma ou das duas naturezas de Cristo. Por exemplo, os testemunhas de Jeová creem que Jesus foi criado pelo Pai como o arcanjo Miguel e, por isso, é um deus menor que o Pai. Cientistas cristãos

ensinam que Jesus não era Deus, mas um homem que exibia a 'ideia de Cristo'. E a Igreja da Unificação ensina que Jesus era um homem perfeito que obteve um nível inferior de deidade.

Porém, o Jesus da Bíblia é tanto plenamente divino como plenamente humano, 100% Deus e 100% homem. Ele não é metade Deus ou metade homem, ou 10% Deus e 90% homem. Nem se trata do caso de Suas duas naturezas serem mescladas ou combinadas em uma nova natureza de homem-Deus. O ensinamento bíblico – às vezes chamado de 'união hipostática' – é que na pessoa única de Jesus há uma natureza tanto divina como humana. Elas são separadas, mas atuam como uma unidade na pessoa única de Jesus. Portanto, Jesus é verdadeiramente Deus em carne humana.

Não importa o quanto seja difícil para nossas mentes compreender a doutrina bíblica de Cristo, não devemos nos afastar do paradoxo essencial do Novo Testamento. Em vez disso, podemos estar certos de que, na medida em que lutamos com a Palavra de Deus em nossas mentes, e na medida em que abrimos nossos espíritos para o *logos* escrito de Deus, o Espírito do Filho de Deus nos capacitará a conhecer o Filho na plena maravilha de Sua natureza dual singular.

Parte Três

Um Ser Singular

Todos sabem que o Novo Testamento contém quatro relatos da vida e morte de Jesus Cristo. Os livros de Mateus, Marcos, Lucas e João são a obra perfeita de Deus, o Espírito, para retratar a natureza e missão de Deus o Filho: cada versículo de cada evangelho é inspirado por Deus e vital para guiar as nossas vidas e nos ensinar o Seu jeito de viver.

Os quatro evangelhos comunicam a verdade sobre o ser singular do Filho da maneira mais completa possível, descrevendo a Sua vida e missão a partir de perspectivas levemente diferentes, mas complementares.

Os quatro primeiros livros do Novo Testamento não apenas corroboram um ao outro (embora o façam), pois são mais do que testemunhos repetitivos. Cada um tem objetivo próprio e faz a própria seleção e arranjo dos fatos; cada um tem temas distintos e enfatiza diferentes aspectos de Jesus; e cada um inclui material que é único àquele evangelho, e parece ignorar alguns acontecimentos e detalhes que o autor deve ter conhecido.

Isso tudo aconteceu sob a direção cuidadosa e a inspiração do Espírito, e isso significa que precisamos compreender todos os quatro evangelhos para conhecer a *Palavra pessoal* de Deus da maneira que Sua *Palavra Escrita* revela.

Mateus

Por todo o seu evangelho Mateus apresenta Jesus essencialmente como um rei que veio para fundar um reino: Ele destaca questões de liderança e autoridade e foca o reino celestial de Deus.

Mateus confirma as credenciais da realeza de Jesus colocando uma genealogia no início do evangelho; ele esboça a descendência abraâmica de Jesus passando por Davi e a linhagem de reis de Israel até José, o pai *oficial* de Jesus.

No relato da natividade, Mateus 1:18–2:23 enfatiza o tema de autoridade, ilustra a realeza de Jesus e lança luz sobre o mistério do reino de Deus que se desenvolve. A ação se concentra em José (o chefe da casa) e enfatiza sua obediência perfeita; Belém é identificada como o local prometido de onde virá um líder para governar o povo de Deus; homens importantes do oriente procuraram o novo rei; e as notícias do nascimento de um rei alvoroçam o rei judeu, Herodes.

Mateus parece retratar a natividade como um conflito entre reis e diferentes maneiras de governar: O poderoso usurpador tenta enganar os sábios, tenta matar Jesus e assassina as crianças de Belém, ao passo que o herdeiro justo é pacífico, vulnerável, gentil – e é protegido por Deus, que opera por meio de humanos obedientes.

Mateus registra cinco blocos autênticos do ensinamento de Jesus (5–7; 10; 13; 18; 24–25), e isso parece se igualar aos cinco livros da Lei Judaica. Essas passagens de ensino focam os temas ‘o Reino dos Céus’ e ‘justiça’ para revelar o caráter celestial e a autoridade moral do Filho rei.

Os textos de Mateus 8:1–9:37 também juntam dez milagres para ilustrar a autoridade física e espiritual do Reino de Deus. Esses milagres revelam Jesus como Aquele que tem domínio sobre a natureza, domínio sobre a doença e domínio sobre os demônios.

Em 21:1–16, Mateus relata a entrada de Jesus em Jerusalém como um rei e usa mais detalhes do que os outros evangelhos. No capítulo 22:1–14, ele continua com uma parábola que mostra que o rei pode escolher quem ele quer que entre em seu reino; com uma condenação singular, em 23:1–39, dos escribas e fariseus que abusam da autoridade e vivem de modo injusto; e, nos capítulos 24:1 a 25:46, com um pouco de ensino detalhado acerca da segunda vinda do rei que retornará com autoridade universal para julgar e governar.

Em seu registro da paixão e ressurreição de Jesus, nos capítu-

los 26:1 a 28:20, Mateus oferece um relato completo do julgamento de Jesus pelo governador romano, e dá muita importância à pergunta de Pilatos no capítulo 27:11 e aos gritos escarnecedores dos soldados no versículo 29. Em seguida, ele relata diversos detalhes distintos que enfatizam o poder e autoridade singulares da morte e ressurreição de Jesus – ele é o único a descrever, por exemplo:

- O terremoto sobrenatural – 27:51
- A abertura dos sepulcros – 27:52
- Os santos ressurretos – 27:52
- Os guardas – 27:62–65
- Os selos na pedra – 27:66
- O terremoto violento – 28:2
- O anjo que rola a pedra – 28:2
- As mulheres que se curvam perante Jesus – 28:9
- As mulheres que obedecem a Jesus – 28:10,11
- As autoridades injustas que mentem – 28:11–15

Finalmente, Mateus encerra o seu evangelho selecionando palavras no capítulo 28, versículos 18 e 20, que enfatizam uma vez mais a autoridade de rei do Filho e clama novamente pela obediência devota nas vidas dos súditos de Jesus.

Marcos

O Evangelho de Marcos não apresenta o Filho tanto como um rei poderoso que vem para reinar, mas sim como o servo sofredor que vem para servir e oferecer a si mesmo como um sacrifício por toda a humanidade. Em todo o seu relato breve da missão singular do Filho, Marcos destaca delicadamente muitos detalhes pequenos da vida de Jesus que, quando analisados em conjunto, parecem sugerir o exemplo perfeito de serviço paciente.

Marcos não registra uma árvore genealógica ou quaisquer detalhes do nascimento de Jesus – para ele, não é a origem dos servos que importa, mas o trabalho que realizam e o quanto o fazem bem feito. Ao contrário dos outros evangelhos, Marcos passa rapidamente pelo batismo de Jesus, não dá detalhes de Sua prova no deserto e vai direto ao Seu serviço na Galileia.

Marcos não relata qualquer ocasião em que Jesus faz uma proclamação real extensa das leis do reino e descreve muito pouco dos julgamentos do Filho – para Marcos, serviço baseia-se mais em fazer do que em falar. Ele menciona apenas oito parábolas curtas e a maior parte delas tem uma ligação clara com o serviço.

Marcos parece usar a palavra grega *euthus*, ‘de uma vez’ ou ‘imediatamente’, para enfatizar seu tema de serviço. *Euthus* aparece oito vezes no Novo Testamento, e metade está em Marcos – onde parece sugerir a resposta rápida de um servo afoito.

Marcos menciona muitos detalhezinhos da vida de Jesus que são omitidos pelos outros evangelhos ao relatarem os mesmos eventos. Esses são os tipos de detalhes que são percebidos somente por aqueles que têm olhos de um servo que percebe e admira o serviço simples nos outros – por exemplo:

- Ele a tomou pela mão e a levantou – 1:31
- Ele olhou para eles em redor com indignação – 3:5
- Eles foram para uma casa – 3:20
- Ele olhou em redor para os que estavam assentados – 3:34
- Ele tinha entrado em uma casa – 7:17
- Ele virou e olhou para os discípulos – 8:33
- Ele o pegou pela mão e o levantou – 9:27
- Ele tinha vindo até a casa – 9:28
- Ele o pegou em seus braços – 9:36
- Ele os pegou em seus braços – 10:16
- Ele estava saindo para a estrada – 10:17
- Jesus, olhando-o, amou-o – 10:21
- Ele seguiu Jesus na estrada – 10:52
- Ele estava andando no templo – 11:27

Marcos 7:31-37 e 8:22-26 descrevem dois milagres que não são mencionados em nenhum outro lugar, e os usa para revelar o desejo de Jesus de trabalhar discretamente. Em Marcos, o Filho quer servir sem ser visto, está pronto para servir sem receber agradecimento, pede que se guarde segredo, e tenta se esconder – como em 7:24.

Um bom servo, contudo, está sempre disponível para atender aos outros, e Marcos mostra como o Filho permite que as pes-

soas invadam a Sua privacidade em 1:35–39; 3:20; 6:31–34, 45 e 54-55.

Marcos não ignora o poder e autoridade de Jesus, mas os menciona de modo mais breve que Mateus – além de oferecer alguns *insights* exclusivos em 1:35, 41; 6:34 e 10:21, o que sugere segredos importantes do poder de Jesus.

Marcos entra em mais detalhes do que os outros evangelhos acerca das dificuldades que foram sentidas e encaradas pelo Filho – por exemplo, 3:5, 21; 6:6; 7:34 e 8:12. O maior sofrimento de Jesus ocorreu na cruz e uma consciência mais profunda dela permeia esse evangelho.

Em todo o livro de Marcos, a cruz é revelada como o preço e também como a glória do serviço. Tudo leva ao momento, no capítulo oito, em que os apóstolos finalmente percebem quem é Jesus e que estão prontos a aprender sobre a cruz. A partir desse ponto, o tema de sofrimento e morte domina o evangelho – vemos isso, por exemplo, em 10:21; 30 e 45.

Marcos conclui o seu evangelho de um modo bem diferente dos outros autores, mostrando que o Filho ressurreto ainda é um servo. Já vimos em 16:20 que de repente Marcos identifica Jesus como ‘o Senhor’; entretanto, devemos observar também o lembrete silencioso de Marcos de que o Senhor ressurreto ainda está servindo com os discípulos na terra, e ainda está confirmando a Palavra por meio de sinais adicionais. Com esse pequeno toque característico, Marcos encerra o seu relato do Filho servo.

Lucas

O Evangelho de Lucas não apresenta o Filho predominantemente como um rei ou um servo, mas mais como o Ser Humano ideal – como o espécime perfeito da humanidade, como a vida modelo para toda a humanidade.

Lucas enfatiza que Jesus é alguém que é testado de todas as maneiras possíveis, que é sujeito aos conflitos e emoções comuns, e que ainda assim permanece sem pecado. Podemos dizer que esse evangelho revela que o Filho é o amigo solidário dos pecadores e a pessoa para seguir.

Lucas dá muita importância aos eventos relacionados ao nascimento de Jesus e utiliza a história para apresentar alguns de seus temas característicos: A humanidade de Jesus, o lugar das mulheres, o tratamento do pobre, o cuidado com as crianças, a ajuda do Espírito Santo, hospitalidade, milagres de cura, louvor e alegria.

Lucas 1:5–2:38 mostra que Deus quer atrair pessoas comuns a Si, enchê-las com o Espírito, e usá-las na proclamação das boas-novas de Jesus. Lucas 3:23–38 traça a linhagem ascendente de Jesus até Adão para mostrar que Ele é irmão de toda a humanidade.

O relato de Lucas sobre a natividade foca a resposta de Maria a Deus; os pastores que visitam de mãos vazias; a pobreza de Seus pais; os milagres que afetam o pobre Zacarias e o Espírito Santo, llouvor e alegria – por exemplo, 1:14, 28, 44, 47, 58, 64; 2:10, 13, 20 e 38.

Somente Lucas define o contexto político e histórico do Filho – 3:1,2, 19 e 4:16. Na primeira parte de seu evangelho, ele oferece diversas dicas da identidade de Jesus e apresenta muitas pessoas que se perguntam quem Jesus pode ser – por exemplo, 1:31–33; 3:15–17, 22; 4:17–22, 23; 7:18–20; 8:25 e 9:7–9. Tudo isso leva ao texto de 9:20,21, quando Lucas revela Jesus como ‘o Cristo de Deus’.

Lucas foca o ensinamento do Filho acerca do dinheiro, e sempre faz uma observação financeira acerca das pessoas que descreve – como em 3:10,11; 7:5,6; 8:1–3; 19:8–10; 21:1–4 e 23:50–54. A maioria das parábolas singulares de Lucas fala de riqueza, e até mesmo o único milagre que ele relata em 5:1–11 é, em parte, uma prova econômica: eles deixarão a rede cheia de peixes na praia para outras pessoas enquanto eles próprios seguem Jesus? Essa ênfase se expressa melhor em 12:33,34: se a retidão é a característica mais importante do reino para Mateus, para Lucas o equivalente é a generosidade.

Para Lucas, o Filho é alguém que está claramente do lado dos membros mais inferiores da sociedade: Seu primeiro lugar de repouso é uma manjedoura para alimentar animais, Seu último lu-

gar de repouso é um túmulo pertencente a outro homem, e nesse interim, Ele não tem nenhum lugar onde reclinar a cabeça. Lucas relata também que os pais de Jesus tiveram de fazer a oferta especial pelo pobre – vemos isso em 2:16, 24; 9:58 e 23:53.

É Lucas que revela que o Filho é uma pessoa de oração: pode até ser que João registre a oração mais longa de Jesus e Mateus dê mais detalhes da Oração do Senhor, mas é Lucas que mostra que esta oração preenche cada aspecto da vida de Jesus – vimos isso, por exemplo, em 3:21; 5:16; 6:12; 9:18, 28; 11:1–8; 18:1–14; 19:45,46; 22:32, 40, 45; 23:46 e 24:30,31.

O Evangelho de Lucas deixa claro que o Filho é boas-novas para homens e mulheres comuns. Ele descreve cinco ocasiões em que Jesus é o convidado em uma refeição e alguns de Seus ensinamentos mais desafiadores são dados nesses cenários informais – por exemplo, 5:32; 7:36–50; 1:37–54; 14:1–14.

Por todo o seu evangelho Lucas introduz uma série de pessoas que respondem ao Filho de maneiras divergentes: Ele inicia com uma descrição detalhada das tratativas de Deus com Zacarias e termina contando novamente a conversa de Jesus com Cléopas. Somados a Zaqueu, esses são os maiores exemplos que Lucas apresenta de homens comuns que são transformados por Deus.

Lucas destaca a atitude radical de Jesus com as mulheres em uma série de passagens que revelam o lugar delas em Seu ministério: 7:11–16, 36–38; 8:1–3; 10:38–42; 11:27,28; 13:10–17; 15:8–10; 18:1–8; 23:49, 55 e 24:10.

Lucas registra praticamente o mesmo número de milagres que Mateus e Marcos, mas a sua seleção é bem diferente. Enquanto eles descrevem encontros mais poderosos com demônios e a natureza, Lucas se concentra nos milagres de cura. Ele relata dez milagres singulares – 1:20–22, 24, 64; 5:4–7; 7:11–17; 10:17; 13:10–17; 14:1–6; 17:11–19 e 22:51.

Todos os milagres de Lucas focam Jesus, mas não são todos operados pelo Filho. Lucas 1:20–22, 24, 64 e 5:17 mostram que Deus opera milagres soberanamente e Lucas 9:10; 9:49,50 e 10:17 mostram que Ele pode operar milagres por meio de qualquer um que Ele escolher, não somente por meio de Jesus.

A versão da paixão de Jesus apresentada por Lucas é semelhante aos outros evangelhos, mas com alguns detalhes a mais – por exemplo Lucas 22:51; 22:64 e 23:39–43. Embora seja mais breve, o relato de Lucas transmite uma intensidade considerável de angústia. Lucas 22:42–44 descreve Jesus vivenciando uma agonia espiritual sem precedentes, na medida em que luta com a vontade do Pai. É a revelação mais expressiva de Lucas quanto à humanidade do Filho.

Lucas deixa para os autores dos outros evangelhos mostrarem que a morte de Jesus é ‘o pagamento pelo resgate de muitos’ e uma vitória sobre Satanás. Ele foca em revelar que a morte de Jesus é o exemplo máximo da perfeita bondade humana. Para Lucas, a cruz é onde o Messias cumpre o Seu destino registrado em Isaías 53 ao aceitar e suportar a rejeição, sofrimento e morte.

Esse evangelho se encerra exatamente do modo que começou, com um anjo, um milagre e a incredulidade por parte dos que deveriam saber. Lucas destaca a realidade do corpo ressurreto de Jesus, e inclui a aparição a um discípulo comum. Assim, o livro termina onde começou – no Templo – e Lucas encerra ainda com mais palavras de alegria.

João

João é o evangelho mais característico, pois apresenta Jesus não tanto como o Filho de Davi, pertencente à sua família real, ou o Servo sofredor de Deus, ou o exemplo perfeito de humanidade, mas mais como o glorioso Filho de Deus.

Embora João conhecesse Maria muito mais do que os autores dos outros evangelhos, ele ignora as origens humanas de Jesus e inicia o seu evangelho no capítulo 1:1–18, com a genealogia celestial. Ele usa palavras de uma beleza admirável para descrever a relação do Filho com Deus e para deixar claro que Jesus é plenamente divino. Neste ‘prólogo’, João introduz os temas característicos de luz, vida, glória e verdade que estão presentes em seu evangelho.

João 1:19–2:12 descreve a primeira semana do ministério de Jesus. Todos os quatro evangelhos descrevem o relacionamento

terreno de João Batista com Jesus, mas João mostra um lado diferente: Se Jesus é 'a luz', João é lâmpada'; e se Jesus é 'a Palavra', João é a 'a voz'.

Enquanto Mateus destaca a pregação de João Batista acerca do Reino e Lucas enfatiza as suas exigências de arrependimento evidenciadas pela generosidade, João registra as suas mensagens singulares acerca do Jesus divino – 1:34,35. E quando Mateus mostra que João está relutante em batizar Jesus porque reconhece a Sua autoridade superior e Lucas mostra que João e Jesus estão humanamente ligados e devem, com certeza, se conhecerem, João declara em 1:33 que o Batista não conhece Jesus.

À primeira vista, isso parece ser uma discrepância insolúvel, porém, devemos perceber que João está escrevendo acerca de Jesus, o Filho divino, e não a respeito de Jesus o homem. É possível conhecer o Filho como humano e como um servo, até mesmo como um rei, e não conhecê-lo como Deus. João Batista conhecia Jesus como um primo da infância, mas não O conhecia como o Cordeiro de Deus até ver o Espírito pousar sobre Ele.

A primeira semana de João termina com o primeiro sinal de Jesus, e ele usa esse milagre para insinuar duas ideias que desenvolve mais à frente no evangelho: Primeiro, que a obra humana sempre acaba em fracasso, mas que o Filho transforma fracasso em glória; e segundo, que quando a provisão humana se esgota, o Filho provê uma abundância de coisas boas.

João 2:13–4:54 descortina uma progressão de ideias espirituais. Primeiro ele enfatiza o fato de que o Filho pode restaurar o que quer que seja que a humanidade arruíne; então ele explica o milagre do novo nascimento; e depois apresenta o Espírito que habita no interior – vemos isto em João 2:20; 3:3 e 4:14.

João deixa claro que o Filho veio para trazer vida. Se Mateus está interessado na justiça e Lucas na generosidade, João está preocupado com vida. E se os discípulos de Mateus se tornam justos por obedecerem ao rei e os de Lucas se tornam generosos por imitar o homem, os discípulos de João recebem vida eterna por crer no Filho.

João menciona vida e fé pela primeira vez em 1:4 e 12; estabelece um elo entre as duas em 3:15,16; e em seguida tece os dois temas conjuntamente por todo o restante de seu evangelho – por exemplo, 5:39; 6:40; 11:25,26 e 20:27–31.

João 5:1–47 descreve um milagre de cura singular para contrastar a fraqueza da Lei com o poder doador de vida do Filho. Assim como somente o mais forte se beneficia do poço, assim também somente o forte é ajudado pela Lei; e assim como o mais fraco recebe força do Filho, assim também qualquer um que Nele crê recebe vida.

Em João 5:19, o autor oferece o primeiro vislumbre em outro de seus temas característicos – a unidade do Filho e do Pai. Daqui até o final de seu evangelho ele deixa claro que Jesus e o Pai são um: O Filho fala o que o Pai diz, vai onde o Pai envia e faz o que o Pai está fazendo. Por essa repetição, João enfatiza tanto a submissão do Filho ao Pai como Sua união com Ele.

Em João 6:1–71, o autor descreve a segunda Páscoa e apresenta o Filho como o cumprimento dela – por exemplo, 6:35 e 54. Então, no 7:1–10:21, ele descreve a festa dos Tabernáculos e no 7:37 e 8:12 mostra que Jesus é o cumprimento dessa festa também.

Até esse ponto, João mostrou o Filho principalmente como vida, mas agora começa a desenvolver o tema da luz. João usa dois episódios para revelar a natureza extraordinária da luz do Filho. Primeiro, uma adúltera se põe em evidência perante Jesus e não é condenada enquanto os fariseus vão embora condenados pela própria consciência; em seguida, um cego vê. É claro que cegos são curados nos outros evangelhos também, mas somente João apresenta tal milagre com a afirmação extraordinária de Jesus em João 9:5.

Nos versículos de 10:22 a 11:57, João relaciona Jesus à Festa da Dedicção – que celebrava a grande vitória judaica com os Macabeus, no período entre o Antigo e Novo Testamentos. Esse era o cenário perfeito para o Filho anunciar a Sua grande vitória sobre a morte que Ele demonstrou com Lázaro ressurgindo dos mortos. Nesta passagem, João enfatiza de novo

todos os seus temas característicos – 10:30, 38; 11:10, 25,26 e 40.

A maior parte desse evangelho é muito diferente dos outros três, mas o longo relato de João sobre a última refeição de Páscoa de Jesus é a parte mais característica de todas. Os sete primeiros capítulos de João são predominados pelo assunto vida, os próximos cinco focam a luz e o restante do livro fala principalmente sobre amor. João usa a palavra ‘amor’ oito vezes nos doze primeiros capítulos e trinta nos últimos nove.

O amor predomina na ‘Última Ceia’. Durante toda a refeição, João descreve as diferentes maneiras em que Deus expressa o Seu amor por Seus amigos, e mostra como estes amigos deveriam responder a este amor com amor por Ele e uns pelos outros – por exemplo, João 13:1, 34; 14:21; 15:13; 16:27 e 17:26.

Somente Lucas usa a expressão ‘cheio com o Espírito Santo’, e olha para a terra para mostrar o Espírito como a ajuda especial que Deus dá às pessoas comuns. Em contrapartida, João registra o ensinamento mais claro de Jesus acerca do Espírito, e olha para o céu para revelar o Espírito vindo do Pai. É João que identifica o Espírito como ‘o Espírito da verdade’, descreve-O como o Paracleto, ‘o Consolador’, e apresenta a Sua obra como mestre e testemunha.

Mateus, Marcos e Lucas focam a angústia e tristeza humana de Jesus na paixão, e O mostram compartilhando as aflições com os apóstolos. João 14:27 olha para os mesmos acontecimentos de uma perspectiva diferente e mostra Jesus consolando os Seus seguidores. O mesmo ocorre no jardim: João 18:4–6 complementa o retrato que Lucas faz da luta do Filho com a vontade do Pai apresentando um Jesus tranquilo, que está no controle da situação.

Após descrever a ressurreição, o autor traz seu evangelho a um clímax de fé, vida e amor em João 20:27–31. Depois, entretanto, é como se tendo finalizado sua conclusão, ele se sentisse obrigado a adicionar um epílogo sobre amor.

Assim, esse evangelho termina com outro lembrete de que a obra humana sempre acaba em fracasso, outro exemplo do

Filho transformando fracasso em glória, outro milagre em que o Filho provê em abundância para pessoas cuja provisão se acabou, e depois finalmente termina com três perguntas finais sobre amor.

O Evangelho de Mateus termina com a declaração de autoridade total do Filho de família real; Marcos finaliza mostrando que o Filho que serve ainda está trabalhando com Seus discípulos; Lucas termina com a promessa do Filho humano de enviar mais ajuda a Seus seguidores – e João encerra mostrando que o Filho divino ainda está procurando amor.

Quatro Evangelhos, Um Filho

Vimos que os quatro evangelhos oferecem retratos característicos do Filho. Cada evangelho contém palavras especiais, temas característicos e lampejos singulares, e cada um começa e termina de um modo que reflete suas ênfases específicas.

Contudo, há somente um Jesus, somente um Filho, somente um Deus, somente uma cruz e somente um ‘evangelho’. Os quatro evangelhos distintos não levam a cinco Filhos diferentes; ao contrário, revelam o Filho singular e único de maneiras inspiradas, complementares e sobrepostas. Se quisermos conhecer o Filho na plenitude da revelação bíblica, precisamos conhecê-Lo, adorá-Lo e proclamá-Lo de todas essas maneiras complementares – sem enfatizar um aspecto ou ignorar outro.

Jesus é um ser único, porque somente Ele é ao mesmo tempo completamente humano e completamente divino, somente Ele é um rei e um servo, um humano sem pecado e o Deus vivo. Embora cada evangelho possa se concentrar em aspectos levemente diferentes da obra e natureza do Filho, juntos eles apresentam um único evangelho acerca de uma única pessoa.

Quatro ‘hinos’, um Filho

Após os retratos cuidadosos dos quatro evangelhos, o restante do Novo Testamento foca mais as consequências e implicações da obra do Filho do que as descrições detalhadas de Sua natureza e missão. Entretanto, há duas passagens ‘mais importantes’

e duas ‘menos importantes’ que oferecem resumos inspirados de Seu Eu único.

Muitos estudiosos acham que essas passagens originalmente eram parte de hinos que foram compostos e usados pela igreja primitiva antes de serem utilizados no Novo Testamento. Seja qual for a origem, eles contêm informações valiosas sobre o Filho que nos ajudam a conhecê-Lo melhor.

Filipenses 2:5–11

Este ‘hino’ famoso é incrivelmente rico em afirmações acerca de Cristo Jesus o Filho, e ensina muito sobre Sua preexistência, Sua encarnação e Sua exaltação.

A preexistência do Filho

Filipenses 2:6 declara a preexistência do Filho, mas alguns líderes discordam quanto ao significado preciso. A palavra grega *morphe*, ‘forma’, geralmente é usada para significar ‘essência’; e a maioria dos líderes eclesiais sempre creu que isso significasse que a natureza divina de Deus sempre existiu no Filho e que o Filho sempre foi plenamente igual a Deus.

Porém, recentemente, outros sugeriram que *morphe* significa ‘condição’ ou ‘imagem’ em vez de ‘essência’. Eles argumentam que isso é mais consistente com o ensinamento de Paulo em 2Coríntios 4:4 e Colossenses 1:15, e que Jesus foi, portanto, simplesmente uma representação de Deus – como Adão era uma imagem de Deus. Veremos, porém, que ‘imagem’ em Colossenses 1:15 significa muito mais que representação, e que isso envolve a presença real de Deus.

Não está claro se Filipenses 2:6 significa que Cristo não manteve o que já possuía (igualdade com Deus), mas voluntariamente abriu mão; ou se significa que Ele resistiu à tentação de se agarrar ao que ainda não possuía (a dignidade de realeza sobre a criação), e estava satisfeito em esperar que isso Lhe fosse dado. Pode ser que o versículo seja uma ambiguidade deliberada que aponte para as duas verdades.

A encarnação do Filho

Filipenses 2:7,8 descreve a encarnação do Filho em termos tanto do ato em si como da vida encarnada. Mais uma vez, muitas pessoas discordam quanto ao significado verdadeiro do versículo 7.

Alguns sugerem que o Jesus humano não poderia ter sido divino se a Sua igualdade com Deus tivesse sido colocada de lado; a maioria alega que Jesus simplesmente abriu mão do *status* público de igualdade com Deus; enquanto alguns acham que o Seu ‘esvaziamento’ deveria ser entendido simplesmente como uma revelação da modéstia divina.

É importante entender que a encarnação de Jesus foi pela adição de atributos humanos, não pela subtração de atributos divinos. Em outras palavras, Jesus se tornou humano adicionando a Sua natureza humana à Sua natureza divina atual e não subtraindo-a de Sua divindade ou se tornando algo menos que Deus.

A referência de Paulo a ‘um servo’ no versículo 7 e sua descrição no versículo 8 parecem se referir ao ‘Servo de Deus’ de Isaías. Assim como o versículo 6 declara que Jesus era plenamente divino, o versículo 7 declara que Ele era plenamente humano – que Ele era ‘o Cristo’, ‘o Ungido’ que analisamos na Parte Um.

Embora o versículo 8 sugira que a humanidade de Jesus é quase o oposto exato de Sua divindade preexistente, Paulo não tenta resolver a tensão da natureza dual do Filho: Como todos os outros autores do Novo Testamento, ele simplesmente declara o mistério da encarnação de Jesus sem tentar explicá-lo ou justificá-lo.

A exaltação do Filho

Filipenses 2:9–11 proclama a exaltação do Filho e sugere que ela envolve:

- Um ato divino
- O dom de um nome singular
- A adoração de todos
- O reconhecimento universal de Sua soberania.

A maioria dos líderes crê que Jesus foi exaltado a um status ainda mais elevado que o preexistente, o status da pré-encarnação. Alguns, porém, não creem que isso possa ser possível, e

acreditam que o versículo 9 significa que Jesus foi restaurado ao Seu *status* original.

A questão é que Jesus recebeu a posição exaltada de governador do universo, e este é o *status* 'soberanamente exaltado' que está sendo mencionado. Porém, observe que este *status* elevado é para levar 'todo joelho a se dobrar' à autoridade governante do Pai. Então, de acordo com 1Coríntios 15:24–28, o Filho entregará esse 'Reino' ou autoridade governante de volta para o Pai. É isso que Filipenses 2:11 quer dizer quando fala que a exaltação do Filho é 'para a glória de Deus, o Pai'.

O versículo 9 não identifica o novo nome exaltado de Jesus, mas os estudiosos sempre pressupõem que Paulo se refere ao título 'Senhor' – que, como vimos, era o nome geralmente usado por Jesus após a Sua ressurreição.

Os versículos 10 e 11 destacam a exaltação do Filho, prenunciando a adoração universal em cumprimento a Isaías 45:23. Essa é outra prova de que Jesus é tão divino quanto o próprio Deus – e o fato de a adoração de Jesus glorificar Deus, o Pai, mostra que o Filho não é um ser divino independente.

Colossenses 1:15–20

Independentemente de ser ou não o trecho de um hino da igreja primitiva, essa passagem é uma descrição maravilhosa de Cristo que mostra que o Filho é:

- Superior à criação
- Continuamente ativo na criação
- A plenitude completa de Deus.

A supremacia do Filho

Paulo alega em Colossenses 1:15 que Jesus é a imagem do Deus invisível, que Ele é a perfeita revelação de Deus. A Bíblia sempre ensina que Deus é invisível, mas Paulo proclama radicalmente a visibilidade do invisível por meio de sua semelhança perfeita em Cristo. Paulo não está sugerindo que Jesus seja uma simples representação de Deus, mas que o invisível tem se tornado de fato visível Nele.

Algumas pessoas pensam que a frase ‘o primogênito’ significa que Cristo era uma criatura, mas se Paulo quisesse dizer isso, ele não teria declarado no versículo seguinte que o primogênito era o criador de todas as coisas! Essa passagem inteira destaca a preexistência e supremacia do Filho. Tudo foi feito ‘por Ele’ e ‘por meio Dele’ e para Ele’ – Ele é a fonte, o centro e o propósito de toda a criação.

A sustentação do Filho

Colossenses 1:17,18 reverbera Hebreus 1:3, e mostra que todas as coisas estão esteadas em Cristo: Ele é o princípio da coerência no universo, não um criador ausente ou desinteressado; Ele é a cabeça ativa que sustenta a Igreja.

A plenitude do Filho

Colossenses 1:18,19 é a afirmação final e conclusiva de Paulo acerca do Filho. Ao declarar a preeminência de Cristo, Paulo enfatiza a Sua singularidade, mas vai bem além ao vincular ‘preeminência’ com ‘plenitude’. Colossenses 2:9 mostra que plenitude significa a essência total de Deus, ou seja, tudo o que Deus é, o é em Cristo.

Provavelmente esta seja a declaração mais excelente e importante que Paulo faz do Filho, e tudo mais que ele escreve sobre ‘imagem’ e ‘forma’ deve ser entendido à luz de Colossenses 1:19 e 2:9.

Colossenses 1:20 mostra que a plenitude de Deus que habita em Cristo tem um propósito funcional não somente para a humanidade, mas para ‘todas as coisas’ – analisamos isso em *Alcançando o Perdido e Salvação pela Graça*. Isso demonstra que conhecer o Filho é profundamente prático em vez de futilmente teórico. Se não O conhecemos como nosso reconciliador pessoal por experiência própria, e se não O conhecemos como o reconciliador cósmico por experiência própria, todo o nosso conhecimento teórico é uma inútil perda de tempo.

Outros hinos

As passagens de 1Timóteo 3:16 e Hebreus 1:3 são vistas muitas vezes como trechos de hinos da igreja primitiva que celebram a vida singular do Filho.

1Timóteo 3:16

1Timóteo 3:16 resume a encarnação declarando que Deus foi manifesto em carne, observando a ligação íntima entre o Filho e o Espírito na vida encarnada (o que analisamos na Parte Seis) e concluindo que Ele foi levado em glória. Essa ênfase no destino glorioso do Filho também é vista em Filipenses 2:11 e Hebreus 1:3:

Hebreus 1:3

Hebreus 1:3 define outra visão elevada de Cristo que enfatiza a relação do Filho com a criação e com Deus. Duas palavras gregas importantes são usadas para ilustrar a relação do Filho com Deus.

Apaugasma muitas vezes é traduzida como ‘luminosidade’ ou ‘reflexo’, mas significa ‘resplendor’: sugere a luminosidade deslumbrante que flui de uma luz brilhante e é utilizada aqui para mostrar – como Colossenses 1:15 e João 1:14 – que a glória de Deus podia perfeitamente ser vista em Seu Filho.

Charakter é traduzido geralmente como ‘imagem’, mas é uma palavra técnica que denota a ideia de uma ferramenta para gravação, como o molde de um selo que contém a imagem exata de algo a fim de poder reproduzi-lo com exatidão. Isso mostra que há uma correspondência exata entre a natureza do Filho e a natureza do Pai, e também que a encarnação do Filho é basicamente funcional.

Como Filipenses 2:10,11, esse versículo também se refere à exaltação do Filho, descrevendo que Ele assentou ‘à destra da Majestade nas alturas’. Mostra que a Sua exaltação seguiu-se ao ato de ter purificado nossos pecados – isto também está implícito na referência de Filipenses à obediência do Filho à morte na cruz.

Os quatro hinos

Os quatro hinos ‘cristológicos’ são importantes porque adicionam mais detalhes a muitas das ideias que estão implícitas nos títulos e nomes do Filho no Novo Testamento, e porque tornam inegavelmente claro que Jesus era plenamente humano e plenamente divino.

Quando juntamos os hinos, do mesmo modo que juntamos os evangelhos, vemos que eles vinculam a exaltação do Filho à Sua humilhação e apresentam um ser completamente único. Conceitos como a ‘igualdade com Deus’ de Filipenses 2, a ‘imagem’ e ‘plenitude’ de Colossenses 1, e o ‘resplendor’ divino de Hebreus 1 impossibilitam pensar que o Filho não era mais do que simplesmente um humano. Eles enfatizam a pessoa única bem como as naturezas duais de Cristo.

Embora seja quase impossível para as nossas mentes humanas entender ou explicar o mistério da encarnação do Filho e sua natureza dual paradoxal, devemos sempre tentar manter vinculadas a Sua exaltação e a Sua humilhação, a Sua glória e a Sua humildade, a Sua majestade e o Seu serviço, a Sua autoridade e a Sua submissão, a Sua humanidade e a Sua divindade, a Sua justiça e a Sua misericórdia. Na realidade, se não estivermos lutando para entender a plenitude da natureza singular do Filho, provavelmente nós não O conhecemos muito bem.

Parte Quatro

Uma Vida Singular

Os quatro evangelhos descrevem uma vida um tanto extraordinária: As palavras, atos, morte e perfeição imaculada de Jesus O separam como uma pessoa especial que foi o centro da controvérsia em Seus dias, e que tem sido celebrado, venerado e odiado por quase dois mil anos.

Entre todos os diversos relatos bíblicos das parábolas, milagres, compaixão, indignação justa, crucificação etc. do Filho, três eventos se destacam como singulares.

Ao longo de toda a História, muitas pessoas ensinaram sobre perseverança e princípios espirituais; muitas delas operaram milagres autênticos; algumas demonstraram profunda compaixão e muitas sofreram mortes terríveis. Porém, ninguém além de Jesus experimentou a concepção por uma virgem ou a ressurreição dentre os mortos ou a ascensão ao céu.

Embora sejam apresentados no Novo Testamento como eventos históricos reais, para muitas pessoas esses três episódios sobrenaturais são uma pedra de tropeço à fé. Elas podem acreditar que o Filho era um homem bom, que operava milagres, até que era Deus – mas não acreditarão que Ele nasceu de uma virgem, que ressuscitou dos mortos e que ascendeu em uma nuvem ao céu.

Se quisermos conhecer o Filho na plenitude da revelação bíblica, temos de conhecê-Lo pessoalmente – e proclamá-Lo claramente – como aquele cuja vida foi envolta por esses três eventos singulares.

O nascimento virginal

Vimos que Mateus e Lucas descrevem um nascimento totalmente incomum, e que Lucas dedica um espaço considerável às histórias da natividade. Suas histórias cuidadosamente pesquisadas são fundamentais para a nossa compreensão desse evento singular na vida do Filho.

Lucas

Lucas 1:27–38 descreve Maria como uma virgem e relata o anúncio do anjo de que ela conceberia e daria à luz a um Filho cujo nome deveria ser Jesus, que também seria chamado ‘o Filho do Altíssimo’, e seria um rei permanente em Israel: Mais uma vez, essa introdução simples do Filho mescla o humano com o divino.

Quando a Maria, aturdida, pergunta como isso pode ser possível, já que ela ainda é virgem, o anjo não entra em detalhes quanto ao modo da concepção. Ele simplesmente anuncia que o nascimento não ocorrerá pelo método comum de reprodução humana, mas por um ato totalmente incomparável do Espírito Santo.

Em Lucas 1:1–4, o doutor Lucas declara que está escrevendo um relato ordenado dos eventos que investigou cuidadosamente, verificou com as testemunhas oculares e considera que estejam ‘certos’.

Este especialista médico do primeiro século segue com as descrições da concepção miraculosa de João e a concepção sobrenatural do Filho – que ele explica pelo poder do Espírito. É quase como se Lucas estivesse dizendo: ‘Eu sei que isso é extraordinário, mas confie em mim, eu sou um médico, eu verifiquei, eu questionei os participantes, eu prometo a você, aconteceu exatamente como eu descrevo’.

Ao continuar descrevendo o crescimento humano normal de Jesus, Sua obediência aos pais e crescimento em sabedoria – 2:40 e 51,52 – Lucas mostra que o nascimento virginal não nega a humanidade de Jesus; dessa maneira simples, ele enfatiza que há algo natural e sobrenatural a respeito do Filho.

Devemos aceitar que Lucas apresenta Maria como uma virgem e o nascimento virginal como um fato estabelecido. Visto que até mesmo os críticos céticos foram forçados a reconhecer a exatidão absoluta dos detalhes históricos, políticos, geográficos e arqueológicos de Lucas, agora é difícil rejeitar essa parte do evangelho por qualquer motivo que não seja o preconceito cego e irracional.

Mateus

Embora, como vimos, Mateus descreva a natividade de Jesus da perspectiva de José e basicamente ignore Maria, ele realmente agrega ao nosso conhecimento o nascimento virginal. Ele explica, por exemplo, que:

- Jesus nasceu de Maria, em vez de José e Maria – 1:16
- Maria já havia concebido um filho do Espírito Santo antes que ela e José ‘se juntassem’ – 1:18, 20
- José não ‘conheceu’ sua esposa até que ela tivesse concebido – 1:25
- Os eventos cumpriram a profecia de Isaías 7:14 de uma virgem concebendo e dando à luz a um Filho, Emanuel – 1:23

Algumas pessoas dizem que *parthenos* significa literalmente uma ‘moça’ em vez de uma ‘virgem’, mas Mateus deixa bem claro que Maria era uma mulher pura, solteira, então está correto traduzir *parthenos* como ‘virgem’.

Marcos e João

Já vimos que Marcos pula o nascimento do Filho e vai direto ao serviço, e que João descreve as suas origens celestiais.

A única contribuição desse evangelho à nossa compreensão do nascimento de Jesus está em Marcos 6:3, onde ele registra que o povo de Nazaré referia-se a Jesus como ‘Filho de Maria’ – o que era contrário à prática judaica normal.

Muitas pessoas sugerem que isso mostra a morte prematura de José, mas João 6:42 refuta a ideia. É mais provável que os comentários das pessoas em Marcos 6:3 mostrem um nascimento incomum, – exatamente como fazem em João 8:41.

A declaração de João 1:14 de que o Verbo se fez carne e habitou entre nós não explica como esse evento memorável aconteceu, mas requer claramente algum tipo de maneira pela qual um ser preexistente possa se tornar um ser humano.

Embora não explique como Jesus foi concebido e nasceu, João ensina muito acerca do nascimento espiritual. Muitos líderes acham que a localização de João 1:12,13 imediatamente antes do 1:14 é significativa, e que há um elo entre a forma do nascimento de Jesus e o modo que os crentes experimentam o novo nascimento.

Além disso, João usa o mesmo verbo, *gennao*, (que se refere ao nascimento físico normal) em todo o capítulo 3 – onde Jesus declara que Ele desceu do céu e vincula isso com ter nascido do Espírito.

Gennao também é usado em 1João 2:29; 3:9; 4:7; 5:4 e 18, e isso sugere que há algum tipo de paralelo entre a encarnação de Cristo e a habitação de Cristo naqueles que nasceram do Espírito.

Paulo

Alguns estudiosos defendem que Paulo não acreditava no nascimento virginal porque não o menciona em suas epístolas. Porém, o argumento do silêncio sempre é muito pobre; levado à conclusão lógica, significaria que Paulo não acreditava em muitos dos profetas e reis do Antigo Testamento, e em extensas porções das Escrituras.

Embora não haja referências explícitas ao nascimento virginal de Jesus nas cartas de Paulo, há muitas alusões. O mais importante é que em Romanos 1:3; Gálatas 4:4 e Filipenses 2:7, Paulo não utiliza o verbo normal *gennao* para descrever o nascimento; em vez disso, ele emprega um verbo de difícil tradução, *genomenos*, que significa mais ‘vindo a ser’ do que ‘nascido’.

A única explicação lógica pra essa substituição significativa e coerente é que Paulo estava buscando diferenciar o ‘vir a ser’ de Jesus dos nascimentos humanos normais.

O propósito do nascimento virginal

Alguns crentes alegam que Jesus tinha de nascer de uma virgem para ser livre do pecado original. Porém, isso afirma implicitamente a doutrina da concepção imaculada – de que Maria de alguma forma se manteve livre da mancha do pecado original – algo que a Bíblia não atesta. Devemos nos lembrar de que foi o envolvimento do Espírito na concepção que garantiu a impecabilidade de Jesus e não a pureza sexual de Maria.

Outros sugerem que a ideia de uma encarnação exige um nascimento virginal, ou então Jesus teria sido apenas um homem – mas Deus poderia com certeza ter realizado isso de muitas maneiras diferentes. Outros disseram que um nascimento virginal era necessário para mostrar que Deus era o Pai de Jesus e não José.

Tudo que podemos dizer, com certeza, é que o nascimento virginal enfatiza fortemente a singularidade do Filho, e é inteiramente apropriado à natureza daquele que se torna carne, ainda que seja igual a Deus.

Sempre haverá um mistério sobre a encarnação e o nascimento virginal, pois sempre há mistério acerca de eventos verdadeiramente singulares. O nascimento virginal do Filho pode não ser mencionado com muita frequência nas cartas da igreja primitiva, mas isso não nega a sua importância.

A ressurreição

Depois da crucificação de Jesus, os discípulos eram um bando de pessoas devastadas, prontas para retornar às suas antigas casas e ao antigo modo de vida. Porém, aconteceu algo que os convenceu de que Jesus estava vivo, e de que eles possuíam uma mensagem que poderia transformar o mundo.

Aqueles céticos que não acreditavam que o Filho ressurgiria dos mortos tinham de explicar esse formidável desfecho e o destemor dos discípulos em proclamar o evangelho – apesar da oposição terrível que enfrentavam. Para os cristãos, a ressurreição física de Jesus é a explicação óbvia para essa mudança repentina na atitude e ação.

Em Atos 2:24 e 36, os primeiros pregadores cristãos anunciaram que aquele que os judeus crucificaram fora levantado dos mortos e que Deus O fizera tanto Senhor como Cristo. Algo deve ter acontecido para produzir essa convicção e os autores do Novo Testamento são unânimes em insistir que foi a ressurreição física de Jesus.

Analisamos todas as diversas evidências para a ressurreição no volume *Alcançando o Perdido*, e mostramos como responder às objeções dos que rejeitam a ressurreição.

A ressurreição foi tão importante para a igreja primitiva que, em Atos 1:22, somente os que testemunharam a ressurreição foram considerados como candidatos para substituir Judas. E então, em todo o livro de Atos, a ressurreição foi o tópico mais importante na pregação e ensino da igreja: por exemplo, 3:15, 26; 4:2, 10, 33; 5:30; 10:40; 13:37; 17:31 e 25:19.

A ressurreição predita

Mateus, Marcos e Lucas relatam que Jesus predisse a Sua morte três vezes, e que Ele a vinculou à promessa de uma ressurreição que se daria após três dias: vemos isso em Mateus 16:21; 17:22,23; 20:19; Marcos 8:31; 9:31; 10:34; Lucas 9:22 e 18:32–34.

O fato de Jesus ter predito várias vezes sugere que Ele sabia que os discípulos não entenderiam a ideia tão facilmente. Parece que o problema dos discípulos é que eles tinham a ideia errada acerca da missão de Jesus: Lucas 24:21 mostra que suas esperanças estavam postas em um reino físico e essas esperanças foram devastadas pela crucificação.

Todos os discípulos, exceto João, abandonaram Jesus e parece que não estiveram presentes no local da cruz. Eles não tinham fé no propósito espiritual da missão de Jesus, e não se lembravam de que Ele havia predito a Sua morte e a ressurreição. Visto que os evangelhos mostram que a ideia de um Messias sofredor era inaceitável não somente aos judeus mas também aos discípulos, não é de surpreender que eles tenham fugido quando Jesus foi crucificado.

A ressurreição realizada

A Bíblia nunca explica como Deus trabalha de maneira criativa, porque nós não sabemos e nunca seríamos capazes de entender os Seus processos divinos. Por isso, os autores dos evangelhos não tentam explicar como Deus levantou Jesus dentre os mortos, simplesmente relatam o que viram:

- O túmulo estava vazio – Mateus 28:1–15; Marcos 16:4–11; Lucas 24:2–4, 12 e João 20:1–10
- O Senhor ressurreto apareceu aos discípulos individualmente, a pequenos grupos deles e até mesmo a uma multidão de quinhentos – Mateus 28:9, 16–20; Marcos 16:9, 12, 14; Lucas 24:13–53; João 20:14–29; 21:1–23; Atos 1:3, 4–8 e 1Coríntios 15:6

Como vemos no volume *Alcançando o Perdido*, as pessoas que se recusam a crer na ressurreição precisam oferecer uma explicação alternativa para estes dois fatos. Os que afirmam que as aparições foram causadas por alucinação não conseguem explicar o túmulo vazio, e os que insistem que o túmulo vazio foi por causa de fraude não conseguem explicar as aparições.

As aparições do Filho ressurreto confirmaram a Sua ressurreição e forneceram uma série de ocasiões em que Ele pôde ensinar os discípulos acerca do Reino, à luz de Sua ressurreição.

A ressurreição proclamada

Em 1Coríntios 15:3–11, o apóstolo Paulo diz que ele ‘recebeu’:

- O fato da morte de Cristo
- A interpretação espiritual e a aplicação de Sua morte
- O sepultamento e ressurreição
- As aparições da ressurreição
- O testemunho bíblico da ressurreição

Paulo faz uma lista das aparições para autenticar a ressurreição, descrever a própria experiência e então aplica isso em sua proclamação geral da ressurreição em 1Coríntios 15:12–58. Nessa passagem, ele afirma que a fé cristã seria vã se Cristo não tivesse ressuscitado. Para Paulo, a ressurreição está no centro de sua fé e pensamento, bem como no centro de sua experiência.

A ressurreição permeia o ensinamento de Paulo. Por exemplo, em sua carta aos Romanos, a ressurreição:

- Testifica a filiação de Jesus – 1:4
- Está ligada à justificação – 4:24, 25
- Está ligada à salvação – 5:10
- Está ligada ao batismo e a entrada à nova vida – 6:3
- Está ligada ao Espírito – 8:11
- É a garantia de Sua intercessão – 8:34

Outras cartas de Paulo afirmam e proclamam a ressurreição – por exemplo, Gálatas 1:1; Efésios 1:20; Filipenses 3:10; Colossenses 2:12; 3:1 e 1 Tessalonicenses 1:10. Para ele, a ressurreição do Filho foi um fato inquestionável da História e fundamental para a sua pregação.

Paulo, como nós, teve de aprender com outras pessoas acerca da ressurreição, mas Pedro foi testemunha ocular e – em 1 Pedro 1:3 e 21, 22 – ele mostra a relação dessa ressurreição com nosso novo nascimento e nossa confiança em Deus. Pedro estava escrevendo mais para os crentes perseguidos e que estavam sofrendo, e ele promete a estes crentes que seu sofrimento dará lugar à glória do Cristo ressurreto: Para Pedro, a realidade da ressurreição é base indispensável para a esperança. O apóstolo João foi outra testemunha ocular e seu livro do Apocalipse foca o Cristo ressurreto – vemos isso, por exemplo, em Apocalipse 1:5 e 17, 18.

No volume *Salvação pela Graça*, vemos que a ressurreição é a prova de quem é Jesus e o que Ele conquista na cruz. Ao fazermos uma reflexão profunda, devemos ser capazes de ver que a natureza dual do Filho depende de a ressurreição ser um episódio real.

Sem a ressurreição, o Filho teria de ser uma pessoa divina que nunca realmente se tornou humana e que não morreu ou uma pessoa humana que não era divina, que morreu e que não ressuscitou. Somente a ressurreição garante a natureza dual de Cristo, e é por isso que ela é vital para nosso entendimento do Filho e central para a nossa fé cristã.

Podemos entender a ressurreição somente como um ato so-

brenatural de Deus. Embora Jesus alegasse poder para tomar Sua vida após tê-la dado, em João 10:18, o Novo Testamento nunca sugere que a ressurreição fora um ato independente de Cristo.

O poder por trás da ressurreição era o poder de Deus: Foi uma amostra suprema de poder divino; foi o ato que derrotou a morte e parou a corrupção. Ao trazer Seu Filho da morte para a vida, Deus proveu à humanidade um caminho da morte para a vida – e isso significa que a ressurreição é uma parte essencial do plano de Deus para a nossa salvação.

Porém, isso não é tudo que há acerca da ressurreição, pois ela também expressa a satisfação de Deus com o que Cristo fez na cruz, e justifica a Sua missão. Se Cristo não tivesse ressuscitado, não haveria prova visível de que Sua morte teria realizado algo.

Além disso, nossa segurança de que Cristo ainda Se importa conosco e ainda intercede por nós depende de Sua ressurreição. Sua posição exaltada, Seu novo nome, Seu *status* restaurado e Sua atividade atual, todos dependem de Sua ressurreição. Como Paulo declara, sem a ressurreição do Filho, nossa fé não teria sentido e nossa esperança seria vã.

A ascensão

O terceiro evento singular na vida terrena do Filho foi a Sua ascensão ao céu. Ela concluiu a Sua ressurreição e deu início à Sua exaltação.

Marcos 16:19 e Lucas 24:50,51 registram a partida de Jesus da terra e Sua recepção no céu, mas estes textos inferem mais do que registrar a ascensão. Nem Mateus nem João mencionam a partida de Jesus da terra, mas João 3:13; 6:62 e 20:17 predizem a Sua ascensão com muita clareza.

Atos 1:1–11 é o relato mais completo da ascensão. Mostra que o Filho continuou a provar a ressurreição ‘infallivelmente’ por 40 dias, e a ensinar os discípulos acerca do Reino. Depois Ele ordenou que ficassem em Jerusalém até que fossem batizados no Espírito Santo. A própria ascensão é descrita no versículo 9.

O primeiro sermão de Pedro, em Atos 2:14–36, mostra como os discípulos entenderam a ascensão. Nos versículos 33 e 34 ele diz que Deus exaltou Jesus à direita do Pai e, conseqüentemente, o Espírito foi derramado. Em seguida, Pedro cita o Salmo 110:1 para respaldar o que ele diz, pois, diferentemente do rei Davi, Jesus ascendera ao céu.

Mais à frente, em Atos 3:21 e 5:31, Pedro descreve novamente o Filho em termos de Sua assunta exaltação. Paulo afirma a ascensão tanto direta como indiretamente – como em Romanos 10:6,7; Efésios 1:20; 4:9,10; Colossenses 3:1; 1 Tessalonicenses 1:10; 2 Tessalonicenses 1:7; Filipenses 3:20 e 1 Timóteo 3:16.

O livro de Hebreus se concentra mais no Cristo que ascendeu ao céu do que qualquer outra parte da Bíblia. Jesus sempre é apresentado como o que está assentado à direita da Majestade nas alturas, e vemos Sua ascensão e a consequência dela nos versículos 1:3; 4:14; 5:6; 6:20; 7:15–17, 21, 26; 8:1; 9:24; 10:12 e 12:2.

A ascensão também é mencionada em 1 Pedro 3:18–22, e é a pressuposição básica por trás de toda atividade celestial registrada no Apocalipse.

Quando pensamos na ascensão de Jesus, podemos pensar que a sua importância está mais em seu significado do que no próprio evento. Por exemplo, Jesus:

- A conclusão da ressurreição – como o vencedor ressurreto da morte, Jesus foi o primeiro fruto entre Seu povo; mas como o Filho ressurreto, Ele levou o triunfo da ressurreição a um ministério exaltado da parte de Seu povo.
- O início da exaltação e tomada de posição no trono – Filipenses 2:9–11 destaca os resultados presentes e futuros importantes da ascensão; a posição atual do Filho no trono é um motivo enorme para nossa esperança e encorajamento.
- O início da intercessão celestial – a obra de mediação de Cristo entre Deus e a humanidade dependeu da entrada do mediador no céu, assim como a natureza intercessora

do sumo sacerdote judeu dependia de ele obter acesso ao santo dos santos.

- O cumprimento da missão divina – a missão do Filho na terra, que começou com o nascimento virginal e terminou com a ascensão: a encarnação foi o Filho plenamente divino tomando a carne e se tornando plenamente humano; a ascensão foi o Filho plenamente divino, plenamente humano, retornando ao Pai.

Na ascensão, o Filho levou a evidência da salvação humana (Seu ‘sim’ a Deus, Sua obediência perfeita até a morte na cruz) para a presença do Pai. Visto que a ascensão foi iniciativa de Deus, podemos considerá-la como o selo de Deus sobre toda a missão do Filho.

O cumprimento de todas as coisas por Cristo – Efésios 4:8–10 apresenta isso como a razão para a ascensão. O cumprimento de todas as coisas por Cristo é a junção de todas as coisas em Sua perfeição, e isso só poderia ser alcançado pelo Filho exaltado. (É interessante que em Efésios 1:22,23, Paulo vincula essa plenitude com a liderança de Cristo. A plenitude de Cristo é Sua presença gloriosa e vitoriosa enchendo o universo que é – conforme colocado no volume *Glória na Igreja* – mais do que tudo, para ser manifesta na Igreja à medida que identificamos e reconhecemos Sua autoridade.)

A entrega do dom e os dons do Espírito Santo – Em João 7:39, Jesus declarou que o Espírito seria dado somente quando Ele fosse glorificado, e é isso que Efésios 4:8 descreve com base no Salmo 68:18. O Pentecoste, portanto, dependia da ascensão, e os eventos de Atos 2:33 são a consequência direta da ascensão.

A abertura de acesso para os crentes – assim como ganhou acesso ao Pai na ascensão, o Filho também ganhou o Seu direito por todos que estão unidos a Ele. Isso significa que a ascensão de Jesus é um dos grandes motivos da esperança e confiança cristãs.

O início de uma nova era – a presente era da igreja é estruturada por dois eventos únicos: Começou com a ascensão do

Filho e vai terminar com a Sua volta – vemos esta ligação em Atos 1:11.

A era atual da Igreja é a era do Filho ressurreto e exaltado, que é nosso mediador e intercessor; e nossa compreensão da história da igreja e dos acontecimentos atuais deve ser moldada por nossa consciência de Sua exaltação e volta – pois, segundo as Escrituras, o presente está indivisivelmente ligado ao futuro. Analisamos esse aspecto na Parte Nove.

Parte Cinco

Uma Missão Singular

Em quase todos os livros desta série A Espada do Espírito, nós analisamos pelo menos um aspecto da missão singular do Filho. Por exemplo, em:

- *Oração Eficaz*, analisamos o papel que a oração ao Pai desempenhou na vida terrena de Jesus
- *Conhecendo o Espírito*, vimos como Ele dependia totalmente do Espírito Santo para direcionamento e poder em Seu ministério – e o modo que nos unge com o Espírito
- *O governo de Deus*, analisamos o ensinamento do Filho a respeito do Reino de Deus
- *Fé Viva*, analisamos a Sua fé, e consideramos o jeito que Ele usava a Palavra de Deus
- *Ministério no Espírito*, estudamos a maneira que Jesus aconselhava as pessoas, expulsava demônios, curava o enfermo e falava com autoridade profética
- *Conhecendo o Pai*, refletimos sobre Seus relacionamentos trinos em Deus e Sua parceria ministerial com o Pai
- Ouvindo Deus, vemos como o Filho discernia o que dizer e fazer em Sua missão na terra
- *Alcançando o Perdido*, focamos Seu ministério de evangelismo e vemos como Ele anunciou as boas-novas de Deus com palavras, atos e uma vida perfeita
- *Salvação pela Graça*, focamos a morte expiatória de Jesus e entendemos que Ele morreu para vencer Satanás, para salvar pecadores, para revelar a natureza santa de Deus e para dar a vida nova de Deus à humanidade redimida.

Os Evangelhos

Todos os quatro evangelhos – desde o primeiro versículo de Mateus até o versículo final de João – são o relato inspirado e direcionado por Deus da missão do Filho. Portanto, se quisermos sinceramente conhecer o Filho, devemos mergulhar nos quatro evangelhos; devemos lê-los e relê-los, estudá-los e meditar sobre eles, e deixar que o Espírito Santo de Deus revele a Palavra Pessoal de Deus por meio da Palavra Escrita de Deus.

Entretanto, como temos visto, os quatro evangelhos não são idênticos; em vez disso, cada um oferece perspectivas levemente distintas, mas totalmente complementares a respeito da missão singular do Filho.

Por exemplo, Mateus geralmente enfatiza a verdade de que Jesus veio para instaurar o reino de Deus e para vencer as potestades malignas das trevas: também destaca que a missão do Filho inclui *derrotar Satanás*.

Marcos enfatiza a verdade de que Jesus veio para ser o servo sofredor que leva sobre Si a ira de Deus contra o pecado, e para reconciliar homens e mulheres a Deus: Ressalta que Sua missão inclui *salvar pecadores*.

Lucas parece tentar mostrar arduamente que Jesus veio para ser o padrão para todo homem e mulher; na morte diária para Seu eu e para os desejos da carne, Ele veio para mostrar à humanidade como viver e morrer: Lucas enfatiza que a missão do Filho inclui *viver a vida humana perfeita*.

E João revela que Jesus veio para mostrar ao mundo como Deus é; para revelar e reproduzir a natureza do Pai; para ser a revelação perfeita do Deus vivo: Enfatiza que Sua missão inclui *dar a própria vida nova de Deus à humanidade*.

É claro que, quando analisamos minuciosamente os evangelhos, vemos cada faceta da missão de Jesus em cada um deles – é porque cada autor tende a destacar um aspecto diferente da missão. E todos eles mostram que Jesus cumpriu cada faceta de Sua missão tanto em Sua vida *como* em Sua morte.

Neste capítulo, analisamos a missão do Filho por intermédio de Sua vida; E na Parte Oito, analisamos os relatos que o evan-

gelho apresenta de Sua morte. Contudo, Sua missão por meio de Sua morte é tão importante e vasta que designamos um livro inteiro nesta série, *Salvação pela Graça*, para estudá-la. Como dizemos na introdução deste livro, não podemos conhecer o Filho na plenitude da revelação bíblica sem estudarmos o volume *Conhecendo o Filho e Salvação pela Graça*.

O batismo do Filho

Para os crentes, o batismo é parte da conversão a Cristo e a iniciação em Seu corpo. Para o Filho, contudo, foi uma consagração – uma identificação completa com a condição humana e uma dedicação completa à vontade divina.

A missão audaciosa do Filho de resgatar e redimir a humanidade caída começou com Seu batismo e tentação, e isto está registrado em Mateus 3:13–4:11; Marcos 1:9–13; Lucas 3:21, 22; 4:1–14 e João 1:29–36.

Ao analisarmos esses relatos, podemos olhar para o início da missão de Jesus a partir de diversos aspectos. Podemos ver, por exemplo, que o Filho veio ao Jordão para obedecer ao Pai e submeter-se à Sua vontade, e que então, após se submeter e obedecer, Ele cresceu em autoridade para governar sobre Satanás.

Contudo, se olharmos o batismo de outra perspectiva, também podemos ver que Jesus veio ao Jordão com o desejo de assumir uma posição humilde e receber o ministério por meio de Seu primo humano. O Filho, então, foi para o deserto para ser cuidado por anjos, para estar com animais selvagens, e para preparar o culto sacrificial.

Porém, se olharmos o mesmo evento de outro ângulo, podemos dizer que Jesus também veio ao Jordão para ser ungido com o Espírito Santo. O Filho deixou para trás Sua família, amigos, serviço, segurança e posses e Se colocou incondicionalmente à disposição do Pai. Então, após a unção com o Espírito, Ele seguiu o mesmo Espírito ao deserto, pronto para liderar homens e mulheres e para chamá-los a segui-Lo.

Finalmente, também podemos ver que Jesus veio ao Jordão como ‘o Cordeiro de Deus’ para mostrar às pessoas o que Deus é

de fato. Como ‘o Cordeiro’, o Filho desceu às águas para simbolizar a morte e Ele se levantou das águas para começar a oferecer à humanidade uma nova vida de ‘ressurreição’.

Toda vez que pensarmos a respeito de (ou proclamarmos) qualquer aspecto da missão do Filho, devemos tentar lembrar essas perspectivas complementares – porque todas são verdadeiras e todas são bíblicas. Se ignorarmos uma ênfase repetidas vezes, ou se enfatizarmos outra continuamente, nós não conheceremos o Filho (ou O tornaremos conhecido por outros) na plenitude da revelação bíblica.

É claro que em cada sermão ou circunstância será correto enfatizar uma perspectiva mais do que outra; mas devemos entender a figura bíblica total da missão singular do Filho se quisermos conhecê-Lo e proclamá-Lo do modo que Ele nos tem sido revelado na Palavra.

As fases proféticas do batismo

Parece haver diversas fases nos relatos do batismo de Jesus:

- Ele desce às águas
- Ele levanta das águas
- Ele se põe em pé orando
- O céu se abre e o Espírito desce sobre Ele

Essa sequência profética de ‘morte’, ‘ressurreição’, ‘oração’ e ‘unção com o Espírito’ se passa na missão de Jesus na terra. Por exemplo, podemos dizer que o Filho morria diariamente para o Seu eu; que Ele sempre viveu a vida ressurreta vitoriosa; que Ele se preparava para tudo orando; e que Ele sempre era tranquilizado, direcionado e capacitado pelo Espírito Santo em cada aspecto de Seu ministério.

Essa sequência de fases proféticas foi então plenamente cumprida pela morte do Filho na cruz, por Sua ressurreição dentre os mortos, por Suas orações pelos discípulos e pelo Espírito que viria, e também pelo modo que Ele derramou o Espírito no Pentecoste para equipar a Igreja para a missão.

Repito, é fácil focar apenas uma destas ‘fases’ e se concentrar em aplicar somente uma delas na vida dos crentes de hoje.

Embora seja claramente correto, por exemplo, enfatizar a importância da oração, não é correto sugerir que a oração é tudo. Jesus realmente orava para se preparar para tudo; mas Ele não somente orava ao Pai, Ele também ia em frente com a tarefa que o Pai lhe tinha dado.

Então, embora seja claramente correto enfatizar a importância vital da unção do Espírito, não é correto dar a impressão de que nada mais importa. Jesus dependia de fato da unção, capacitação e comunhão do Espírito; mas Ele também morria para Si, orava ao Pai, triunfava sobre Satanás, servia outras pessoas, e assim por diante.

Embora hoje em dia precisemos de fato enfatizar a importância de morrer para si, não devemos inferir que isso seja 'o mais importante' do discipulado cristão. Jesus realmente morria diariamente para o eu, realmente vencida todo impulso carnal, realmente vencida toda tentação demoníaca; mas Sua vida jamais foi negativa, pois Ele também viveu uma vida abundante, ungida, de oração, 'ressurreta' e repleta de alegria e vitalidade.

Essas 'fases proféticas' do batismo do Filho são todas bíblicas, e todas firmemente arraigadas na missão do Filho; mas não são ênfases independentes ou exclusivas. De fato, podemos dizer que a missão do Filho foi singular em parte porque muitos aspectos complementares sempre estiveram ligados em equilíbrio perfeito.

O simbolismo do batismo do Filho

Ao pensarmos em cada uma dessas fases proféticas simbolicamente, podemos dizer que sua descida às águas representa, por exemplo:

- Juízo e arrependimento
- Levar sobre si os pecados do mundo Dedicar tudo a Deus
- Um grão de trigo indo ao solo para se reproduzir

Essas interpretações simbólicas são igualmente válidas, mas nenhuma é válida se tomada isoladamente. Precisamos de cada perspectiva bíblica da missão singular do Filho para entendê-la e interpretá-la correta e completamente.

Ao olharmos para outras fases do batismo, podemos dizer que o Filho ter levantado das águas simboliza, por exemplo:

- A autoridade de Sua ressurreição
- Sua pureza
- Seu ministério público
- Um novo broto que se reproduzirá muitas vezes mais.

Podemos dizer também que Jesus postou-se orando:

- Para Sua mente, corpo e espírito estarem totalmente sob a autoridade de Deus
- Para o Seu sacrifício ser eficaz na vida de Seus seguidores
- Para que Ele vivesse uma vida sem pecado e cumprisse tudo que Deus lhe havia traçado como objetivo
- Para Deus glorificar e tornar o Filho produtivo. Pela vinda do Espírito sobre Sua vida.

E também podemos entender o derramar do Espírito como:

- Uma capacitação com autoridade para o Filho confrontar os espíritos malignos e a doença
- Uma preparação para o sacrifício – como o de uma pomba – e para o serviço do Filho
- Um dom de garantia vital
- O recurso indispensável para irradiar a glória e amor de Deus.

Deve estar claro que todos esses grupos de interpretação simbólica são igualmente verdadeiros, mas que nenhum representa a verdade integral por si só. Devemos reconhecer que Satanás causa mais confusão e divisão dentro da Igreja tentando crenças a enfatizar demais ou ignorar uma verdade específica do que enganando-os com algo totalmente falso.

É muito difícil para qualquer pessoa ou congregação conhecer e proclamar a verdade plena a respeito da natureza e missão integral de Jesus – motivo por que há quatro evangelhos e não um. Entretanto, como cada evangelho, nós deveríamos ficar com aqueles que complementam a nossa ênfase, bem como com aqueles que compartilham a nossa ênfase.

Uma missão multifacetada

A verdade é que o batismo do Filho, o ponto inicial de Sua missão, simbolizou e revelou uma missão singular ‘multifacetada’, que Ele demonstrou em Sua vida e cumpriu em Sua morte.

Ao fazermos uma análise dos diferentes aspectos e ênfases do evangelho, podemos dizer que o Pai enviou o Filho ao mundo – e que o Filho veio voluntariamente – com a missão de quebrar o poder do mal.

Satanás havia assumido a autoridade sobre a terra e o mundo inteiro estava sob seu domínio, então o Filho veio ao mundo para instaurar o Reino do Céu, para neutralizar os poderes malignos das trevas e para triunfar definitivamente sobre eles. Ele veio para pregar uma mensagem de arrependimento, para ensinar às pessoas a consequência da desobediência, e para lhes dar instruções claras para viver no reino de Deus.

Contudo, *também* podemos dizer que o Pai enviou o Filho com uma missão de buscar e salvar o perdido. Ele veio para salvar pessoas necessitadas, impossibilitadas de salvar a si mesmas. À custa de um grande sacrifício pessoal, o Filho veio para expiar o pecado, para ser o substituto de cada membro da humanidade e para carregar sobre si a justa ira de Deus contra o pecado.

Podemos dizer *também* que o Pai enviou o Filho (e o Filho veio voluntariamente) para demonstrar uma vida humana de consagração e santidade perfeitas. Ele veio para ser o padrão e exemplo para todos os homens e mulheres, de todas as idades e todas as raças. Do modo que viveu e morreu, Ele veio para mostrar aos seres humanos como eles deveriam viver e morrer.

E podemos dizer também que o Pai enviou o Filho para mostrar ao mundo como Deus é. Então, era a missão do Filho revelar o Pai glorioso em toda Sua majestade, para ser a Palavra viva de Deus, para ser uma revelação pública singular e completa do Deus invisível.

A declaração da missão do Filho

Jesus revelou muito mais acerca de Sua missão singular e multifacetada ao discursar na sinagoga de Nazaré após deixar o deserto. Suas palavras em Lucas 4:18,19 são particularmente esclarecedoras e estão entre as declarações mais importantes do Filho: podemos pensar nessa passagem como ‘Sua declaração de missão’.

Em Lucas 4:18,19, Jesus primeiro explica que o propósito de Sua unção com o Espírito Santo no batismo no Jordão é ‘pregar ou anunciar as boas-novas ao pobre ou quebrantado de coração’ – analisamos esse fato cuidadosamente no volume *Alcançando o Perdido*.

E em seguida Ele oferece cinco exemplos de o que ‘evangelizar o ferido’ significa na prática: Provavelmente esta seja a definição mais clara que Jesus deu de Sua missão. Podemos dizer que, segundo Jesus, Sua missão singular inclui:

- Curar o quebrantado de coração
- Libertar os cativos
- Restaurar a vista aos cegos
- Libertar o oprimido
- Proclamar a mensagem de Deus sobre liberdade e favor.

O Filho não foi enviado pelo Pai e ungido com o Espírito apenas com a missão de pregar. Em vez disso, Ele veio para revelar Deus por meio de palavras, atos e uma vida perfeita; e veio para fazer isso pelo pobre – a palavra grega *ptochos* significa ‘o aflito’ ou ‘o ferido’. Ele veio para conduzir os discípulos no caminho do reino de Deus.

A ideia de uma missão multifacetada se repete em Lucas 7:18–22: João queria saber se Jesus era o Messias há muito esperado e enviou dois discípulos para verificar. O versículo 21 descreve a resposta de Jesus às suas perguntas e o versículo 22 registra Sua mensagem a João: os discípulos tinham de relatar o que tinham visto e ouvido – que o cego podia ouvir, o coxo podia andar, os leprosos eram curados, o surdo podia ouvir, o morto era ressuscitado e os pobres estavam ouvindo as boas-novas.

Essa ideia é enfatizada no capítulo 8 de Lucas. O versículo 1 descreve o Filho como *kerusson* e *euangelizmenos*, ‘pregando e

trazendo as novas de alegria', a toda cidade e aldeia da região. Os versículos 2–56 ilustram o versículo 1 e mostram que a missão de Jesus incluía:

- Pregar e responder perguntas – vv. 4–18
- Trazer paz – vv. 22–25
- Liberar os cativos – vv. 26–39
- Curar o enfermo – vv. 43–48
- Ressuscitar o morto – vv. 49–56.

O mesmo vale para os outros evangelhos. Marcos, por exemplo, inicia o seu relato da missão do Filho registrando um dia de Sua vida. Os versículos 21 a 34 mostram que, em um dia típico, Jesus:

- Pregava na sinagoga – vv. 21–22
- Libertava o cativo – vv. 23–26
- Curava o enfermo – vv. 29–31 e 34
- Expulsava demônios – v. 34.

Em todo o evangelho vemos que o Filho ministrava a muitas multidões, grupos pequenos e um grande número de indivíduos feridos. Embora a missão do Filho fosse sempre multifacetada, as pessoas de Sua época teriam sido cientes de três atividades básicas. Elas viam que Ele libertava pessoas da garra do diabo; que Ele curava suas enfermidades; e que Ele as disciplinava para o reino de Deus. Ao fazer isso tudo, o Filho também lhes revelava o amor e a glória do Deus vivo.

O Filho cessa o poder do diabo

Vemos no volume *O Governo de Deus* que o reino justo de Deus chegou em Jesus e com Jesus. Embora a vitória decisiva do Filho sobre Satanás tenha sido obtida em Sua morte na cruz, as primeiras rodadas foram vencidas em Sua perfeita submissão ao Pai durante toda Sua vida terrena e nas obras poderosas que demonstraram a Sua unção e autoridade singulares.

Tão logo Jesus nasceu, Satanás O reconheceu como seu futuro derrotador e começou a tentar derrotá-Lo. Ele atacou Jesus por meio:

- Da matança das crianças de Belém – Mateus 2:13–18
- Das tentações no deserto – Mateus 4:1–11

- Do atentado da congregação de Nazaré contra a Sua vida – Lucas 4:28,29
- Do desejo da multidão de torná-Lo um líder político – João 6:15
- Da oposição de Pedro ao caminho da cruz – Mateus 16:21–23
- Da traição de Judas – Lucas 22:1–6 e João 13:27

Mas Jesus estava determinado a cumprir o que fora predito. Ele anunciou que o reino de Deus viera Nele e por meio Dele, e que as Suas obras poderosas eram a prova visível de Sua vinda.

Nos evangelhos, vemos o reino de Deus avançando e o reino de Satanás se retraindo na medida em que os demônios são expulsos, doenças são curadas e a natureza é acalmada – por exemplo, Mateus 4:23; Marcos 1:24 e 4:39.

Lucas 9:1–6 e 10:1–24 relatam que Jesus enviou mais de 80 discípulos a anunciar a chegada do reino pregando, curando e expulsando demônios. Ao retornarem, Ele contou a eles que vira Satanás cair do céu por causa das atividades deles.

Marcos 3:27 e Lucas 11:21,22 parecem resumir a compreensão que Jesus tinha de Suas batalhas com Satanás diante da cruz. O diabo pode ter sido um homem muito forte, mas um mais forte teria vindo – e teria amarrado e subjugado o homem forte e roubado a sua casa.

1João 3:8 enfatiza que o Filho veio desfazer o que Satanás havia feito ao corromper a criação de Deus, especialmente por meio do pecado: Era Sua missão trazer libertação à humanidade. E Mateus 12:28 mostra que cessar o poder do diabo estava no centro da mensagem do reino de Jesus.

Em Sua vida, Suas palavras e Seus atos, o Filho cessou o poder do diabo; e este aspecto de Sua missão alcançou o clímax na cruz – o ato supremo da libertação. Hebreus 2:14,15 descreve como Jesus derrotou Satanás e o poder da morte, e como Ele libertou os que eram mantidos cativos. Nós analisamos este assunto mais extensivamente na Parte Oito.

Embora a interrupção total do poder de Satanás não ocorre até a cruz, devemos ter cuidado para não limitar à cruz a derrota de Satanás pelo Filho – já que isso ignora um aspecto importante de

Sua missão. Os evangelhos mostram que muito tempo antes da cruz Jesus libertava pessoas com regularidade do poder das forças malignas. Vemos isso, por exemplo, nestes episódios:

- O endemoniado de Cafarnaum – Marcos 1:21–28 e Lucas 4:31–37
- A sogra de Pedro – Mateus 8:14,15; Marcos 1:29–31 e Lucas 4:38,39
- O endemoniado mudo – Lucas 11:14–22
- O endemoniado Gadareno – Mateus 8:28; Marcos 5:1–20 e Lucas 8:26–39
- A filha da mulher siro-fenícia – Mateus 15:21–28 e Marcos 7:24–30
- O endemoniado epilético – Mateus 17:14–21; Marcos 9:14–29 e Lucas 9:37–43
- A mulher aleijada – Lucas 13:10–17
- O endemoniado mudo – Mateus 9:32–34

Os evangelhos também contêm estas declarações acerca da missão do Filho de cessar o poder do diabo: Mateus 4:24; 8:16; Marcos 1:32–34, 39; 3:11; 6:13; Lucas 4:41; 6:18; 7:21 e 11:24–26.

Esses episódios e declarações sugerem vários princípios práticos acerca da missão do Filho de cessar o poder do diabo nas vidas de homens e mulheres escravizados.

Ele libertava as pessoas que eram levadas a Ele. Os evangelhos indicam que, quando estava ministrando, Jesus libertava todos aqueles que Lhe eram trazidos e necessitavam de ajuda. Ele expulsava demônios quando um representante da pessoa doente Lhe pedia, quando um demônio reagia à Sua presença e quando Ele era conduzido a um doente pelo Espírito.

Ele fazia poucas perguntas

Depois de definir que o doente precisava que um demônio Lhe fosse expulso, Jesus não procurava definir a causa – somente expelir o espírito maligno. Na realidade, os evangelhos descrevem Jesus questionando somente dois doentes durante o ministério de expulsão de demônio.

Ele falava diretamente ao demônio

As palavras firmes do Filho eram dirigidas ao demônio que controlava ou influenciava a pessoa, em vez de serem dirigidas à própria pessoa. Jesus não ignorava aquele que sofre e Seu ministério estava dentro do contexto de oferecer suporte espiritual e direção à pessoa, mas – durante a época do ministério – Jesus falou com o demônio.

Os evangelhos registram que Jesus ‘amarrava’, ‘amordaçava’ e ‘repreendia’ demônios, que Ele os ordenava a ‘sair’, perguntava os seus nomes quando necessário, e ordenava que não retornassem.

Ele não fazia distinção entre os que sofriam

Os evangelhos não mostram o Filho fazendo distinção entre questões como ‘opressão’, ‘possessão’, ‘depressão’, ‘infestação’, ‘ataque’, ‘aflição’ etc. Em vez disso, eles usam uma palavra grega, *daimonizomai*, para descrever quase todas as pessoas que necessitavam de libertação.

Ele fazia distinção entre expulsão de demônios e cura

Mateus 8:16; Marcos 1:32–34, Lucas 4:40,41; 6:18 e 7:21 fazem distinção entre cura e expulsão de demônios. E Mateus 4:24 faz distinção entre *daimonizomai* e *seleniazomai* – entre demonização que necessita de libertação e a epilepsia que necessita de cura.

Ele dependia do Espírito

O filho alegava expulsar demônios pelo Espírito de Deus. Seu ministério foi um confronto pessoal entre Aquele que era cheio com o Espírito Santo e um espírito imundo.

Ele aterrorizava os demônios

Os evangelhos mostram que, mesmo antes da derrota no Calvário, os demônios tinham pavor de Jesus. Em vez de permanecerem em silêncio na presença Dele, eles tinham tanto medo que berravam e se expunham. Eles sempre tinham de obedecer a

Jesus. Quando Ele falava ‘Saia’, eles saíam; mesmo que a saída fosse barulhenta e violenta.

Ele impressionava as pessoas

Os evangelhos mostram que este aspecto da missão do Filho causou um grande impacto. Marcos 1:21–28 relata espanto e uma reputação crescente; Lucas 9:43 comenta que as multidões ficavam extremamente impressionadas pela grandeza de Deus; e Lucas 8:37 descreve pânico e um pedido imperativo para Jesus deixar a área. Contudo, Mateus 9:34; 12:24; Marcos 3:22; Lucas 11:15; João 7:20; 8:48 e 10:20 registram uma reação um tanto diferente.

O Filho cura o doente

Como as outras facetas de Sua missão singular, a atividade de cura do Filho pode ser vista de diversas perspectivas da Palavra.

Podemos pensar em cura como parte do chamado do Filho a cessar o poder do diabo, e podemos enfatizar que Ele governava a enfermidade tanto quanto governava os demônios – por causa de Sua autoridade de rei.

Porém, *também* podemos pensar em cura como parte do chamado do Filho a servir a humanidade necessitada, e podemos enfatizar que as pessoas são saradas pelas pisaduras Dele e, portanto, por Seu sangue expiatório.

Também podemos pensar em cura como parte do ministério profético do Filho, e podemos enfatizar que Ele curava as pessoas porque era o Cristo cheio com o Espírito, como os profetas que curavam no passado.

E também podemos pensar na cura como uma revelação maravilhosa de *Jeová Rafá*, ‘o Senhor que cura’, e podemos enfatizar que Jesus curava o doente porque Ele era o Deus que cura em pessoa, ou seja, pessoalmente.

Mais uma vez, devemos somar essas perspectivas complementares se quisermos entender a missão do Filho em sua plenitude perfeita.

Ao retornar à Sua sinagoga local em Nazaré para se apresentar como o cumprimento de Isaías 61:1,2, Jesus anunciou que fora ungido com o Espírito – e, *portanto*, agora estava curando o quebrantado de coração e dando vista nova ao cego. A partir deste ponto, os evangelhos mostram que a cura era um recurso importante e característico da missão do Filho na terra. Em outras palavras, toda vez que ignoramos ou diminuímos a importância da atividade de cura do Filho, nós distorcemos Sua missão singular no mundo.

A missão de cura do Filho

Os evangelhos oferecem essas ilustrações acerca da missão de cura de Jesus:

- O filho do nobre em Cafarnaum – João 4:43–54
- A filha de Jairo – Mateus 9:18–26; Marcos 5:21–43 e Lucas 8:40–56
- A mulher com o problema de fluxo de sangue – Mateus 9:20–22; Marcos 5:25–34 e Lucas 8:43–48
- Os dois cegos – Mateus 9:27–31
- O paraplético descido pelo telhado – Mateus 9:1–8; Marcos 2:2–12 e Lucas 5:17–26
- Um leproso – Mateus 8:1–4; Marcos 1:40–45 e Lucas 5:12–14
- O servo do centurião – Mateus 8:5–13 e Lucas 7:1–10
- A sogra de Pedro – Mateus 8:14,15; Marcos 1:29–31 e Lucas 4:38,39
- O filho da viúva de Naim – Lucas 7:11–17
- O coxo no poço de Betesda – João 5:1–18
- O cego de nascença – João 9:1–41
- O homem com a mão ressequida – Mateus 12:9–14; Marcos 3:1–6 e Lucas 6:6–11
- A mulher que andava curvada – Lucas 13:10–17
- O homem hidrópico – Lucas 14:1–6
- Os dez leprosos – Lucas 17:11–19
- O surdo e mudo – Marcos 7:31–37
- O cego de Betsaida – Marcos 8:22–26

- Lázaro – João 11:1–44
- O cego de Jericó – Mateus 20:29–34 e Lucas 18:35–43
- O servo do sumo sacerdote – Lucas 22:47–51

Os evangelhos também registram estas frases acerca do ministério de cura de Jesus: Mateus 4:23–25; 8:16,17; 9:35; 11:4,5; 12:15,16; 14:14, 34–36; 15:30,31; 19:2; 21:14; Marcos 1:32–34; 3:10–12; 6:55,56; Lucas 4:40; 5:15,16; 6:17–19; 7:21,22; 8:2; 9:11 e João 6:2.

Essas passagens sugerem alguns princípios práticos sobre a missão do Filho de curar o enfermo e o ferido.

Ele curou pessoas comuns

Os evangelhos descrevem Jesus curando principalmente homens e mulheres comuns: são 19 exemplos de Jesus curando ‘marginalizados sociais’ e 11 exemplos de Jesus curando pessoas comuns com aflições terríveis.

Ele curou problemas sérios

O Filho concentrou-se em curar pessoas cuja enfermidade causara isolamento, solidão, desemprego, ou tivesse persistido por um longo tempo.

Ele curava nas ruas

Jesus, às vezes, curava multidões em encontros informais, mas o mais comum era Ele ir até uma pessoa e curá-la onde ela estava. Ele curava pessoas em viagens, nos lares, nos jardins, nas refeições, em enterros, no cemitério, nos poços, e nos cultos regulares na sinagoga.

Ele respondia às pessoas e ao Espírito

O ministério de cura do Filho foi iniciado seja em resposta às pessoas que diziam: ‘Por favor, me cure’ ou ‘Por favor, cure o meu amigo’, ou ao Espírito Santo que Lhe ordenava: ‘Vá e cure aquela pessoa’.

Jesus não curou todos os doentes em Israel, mas Ele sempre

estava certo da disposição do Pai em curar; Ele curou todos os que vieram pedir cura; e curou todos que se identificavam com Ele pelo Espírito.

Ele ministrava com palavras de ordem e com o toque

Ao ministrar, Jesus não pedia a Deus para curar as pessoas; em vez disso, Ele era tão ciente da vontade e do tempo de Deus que ou Ele tocava as pessoas para simbolizar a cura divina ou dava uma palavra de ordem profética de cura.

Ele impressionava as pessoas

Os evangelhos mostram que, por meio do ministério de cura do Filho, as pessoas se convertiam, a boa-nova do reino se espalhava e as multidões admiravam Jesus. Às vezes, porém, a resposta era perseguição, discussão, até mesmo tramas de destruição – de fato, os sumo sacerdotes prenderam o Filho enquanto a orelha arrancada do servo deles era curada.

Ele envolveu outras pessoas em Sua missão

Jesus treinou mais de 80 discípulos para continuar Sua missão de cura após a ascensão. Primeiro, Ele assegurou que estivessem com Ele quando Ele curava; depois os dotou de autoridade para curar o enfermo e os enviou aos pares a curar e pregar as boas-novas.

O Filho proclama o reino

Marcos 1:14,15 mostra que Jesus iniciou Sua missão anunciando que o reino de Deus estava próximo. Ele repetiu essa afirmação em Mateus 12:28 e Lucas 11:20, e a evidenciou expulsando demônios. Na realidade, toda atividade miraculosa de Jesus provou que o reino de Deus chegara.

Porém, além de ensinar que o reino havia chegado, Jesus também ensinou que o reino era ‘ainda não’. Vemos isto, por exemplo, em Mateus 5:1–10; 6:10; 7:21,22; 8:11; 13:42,43; 16:27,28; 20:21; 26:29; Marcos 9:1; 10:37; 14:25; Lucas 13:28,29 e 22:18. Analisamos a dinâmica do ‘agora e ainda não’ no reino no volume *O Governo de Deus*.

Em seu ensinamento, o Filho mostrou que o reino:

- Pertence a Deus
- É dinâmico e poderoso
- É instaurado pessoalmente pelo Filho
- Significa salvação

Jesus usava muitas vezes a parábola para ensinar as pessoas acerca do reino de Deus. Quando analisamos Suas parábolas, podemos ver que há muitos temas percorridos nelas:

O reino vai continuar a crescer

O tema crescimento aparece em diversas ‘parábolas do reino que estão registradas em Mateus 13 – por exemplo, o Semeador (vv. 1–23), o Joio (vv. 24–30) e a Semente de Mostarda (vv. 31,32).

O reino é escondido

A Levedura ou Fermento (v. 33) mostra que resultados incríveis são alcançados por métodos comuns. É o oposto do pensamento secular.

O reino é precioso

O Tesouro (v. 44) e a Pérola (vv. 45,46) indicam o valor incomparável do reino – contudo, seu valor não é estimado ou buscado por todos.

O reino é um mistério

Os ‘mistérios do reino’ – v.11 – referem-se à vinda do reino para a História antes de sua manifestação apocalíptica. Falamos em detalhe sobre essa tensão do ‘já e ainda não’ no volume *O Governo de Deus*. Isso quer dizer que o reino ainda existe no presente com o pecado e o diabo. A Rede lançada ao mar (vv. 47–52) e o Joio (vv. 24–30) mostram que os justos e os injustos estão mesclados no mundo até o último dia. Não se deve tentar separá-los antes do fim, porque somente ao rei pode ser dada a confiança de julgar corretamente.

O reino é internacional

A vinha, em Mateus 21:33–46, infere que o reino não é somente para judeus, mas para pessoas de outras nações também.

O reino exige arrependimento e obediência

Os Dois Filhos, Mateus 21:28–32, mostram necessidade de arrependimento e obediência. Coletores de impostos entrarão no reino antes dos líderes religiosos – caso cumpram as condições para a entrada e os líderes não.

O reino é importante

As Virgens, Mateus 25:1–13, e as Bodas, Mateus 22:1–14, advertem quanto a ignorar o reino. Embora os avisos sejam posicionados no futuro, o desafio que trazem é imediato.

O reino terá oposição

O Semeador e o Joio sugerem que o Reino sofre oposição todo o tempo. Embora seu crescimento seja certo, sempre haverá resistência.

A mensagem do reino do Filho

Após a prisão de João, Jesus pregou mais amplamente. Marcos 1:14,15 registra a Sua mensagem: ‘o tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho’.

Mateus 3:1,2 e 4:17 descrevem uma mensagem muito semelhante no início da missão do Filho. Isso sugere que a vinda do reino não era apenas um evento que tinha de ser proclamado, era também um desafio ao qual as pessoas tinham de responder.

Para o Filho, a vinda do reino era um evento tão significativo que as pessoas tinham de mudar a maneira que pensavam e se comportavam. Ele anunciou a chegada do reino com palavras claras.

- É chegado o tempo. A era do governo pessoal de Deus está se iniciando.
- Você é chamado a ter uma reação radical e pessoal à presença do governo pessoal de Deus.

- Deus exige que você abra mão de seu governo pessoal. Você deve arrepender-se e crer.

Jesus sempre deixou claro que ‘arrepender-se’ era o principal requisito do reino. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 4:17; Marcos 6:12; Lucas 5:32; 13:3–5; 15:7, 10 e 24:47.

Metanoeo é o verbo grego para ‘arrepender-se’, e significa literalmente ‘mudar sua mente’. Isso sugere que a proclamação que o Filho faz sobre o arrependimento para o reino significa uma transformação radical de pensamento, atitude, visão e direção. Significa uma revolução mental acerca de Deus, Sua natureza e governo, a respeito de Jesus, pecado, santidade e nós mesmos, levando a uma orientação totalmente nova de vida e, portanto, um jeito totalmente novo de viver. Analisamos o escopo completo do ensinamento bíblico sobre arrependimento no volume *O Governo de Deus*.

O Filho deixou claro que o arrependimento era um requisito essencial para os Seus seguidores. Na realidade, enquanto não mudam as mentes acerca do pecado e da santidade de Deus, as pessoas não se conscientizam de que precisam ser salvas.

Uma vez que entendemos que ‘arrepender-se’ significa mudar a mente, torna-se claro o motivo por que o Filho relaciona ‘crer’ com ‘arrepender-se’. É óbvio que toda mudança de mente deve incluir crer em algo novo. O apelo de Jesus para crer no evangelho significa simplesmente crer Nele próprio. Esperava-se que os Seus espectadores se comprometessem com *tudo* que Ele defendia – com cada aspecto de Sua missão multifacetada.

Quando proclamava o reino, Jesus estava chamando as pessoas a instaurar um novo relacionamento com Ele, o qual se caracterizava pelo arrependimento e fé. Marcos 1:15–20 mostra como Jesus passou de anunciar a chegada do reino, chamando as pessoas a se arrepender e crer, até chamá-las a segui-Lo pessoalmente. Mateus 4:17–22 registra a mesma progressão. Isso mostra que a missão singular do Filho incluía chamar as pessoas a se tornarem Seus discípulos pessoais.

Os evangelhos oferecem muitos exemplos diferentes da proclamação que o Filho faz do discipulado do reino. Eles mostram que:

O discipulado do reino é pessoal

O Filho não chamou as pessoas a seguir um conjunto de ideias ou regras, mas a segui-Lo; do mesmo modo, em Mateus 11:29, Ele chamou as pessoas a aprender com Ele pessoalmente e não com a Lei ou com um livro.

O discipulado do reino é imperativo

Os evangelhos registram muitas histórias de pessoas que Jesus chamou para se tornarem discípulos. Elas tinham de responder quando Ele as chamava, mesmo que isso significasse problema para si mesmas e para as pessoas que as cercavam. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 4:18–22; 9:9; Mateus 19:21; Lucas 9:59 e João 1:43. Algumas O seguiam prontamente, mas outras davam desculpas. O chamado do Filho pode ser convincente, mas jamais obrigatório.

O discipulado do reino é total

O Filho chamava as pessoas a abandonar tudo e segui-Lo plenamente. Vemos isso, por exemplo, em Marcos 10:33; Lucas 9:62 e João 8:31,32. Tornar-se um discípulo de Jesus não é simplesmente uma resposta emocional ou consentimento mental ao Seu ensino – é uma decisão permanente de seguir o Filho, de aprender com Ele, de obedecê-Lo, de se manter perto Dele em todas as ocasiões.

O discipulado do reino é caro

Jesus nunca sugeriu que segui-Lo seria fácil: Ele falou várias vezes do preço do compromisso, do custo do discipulado. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 6:33; 16:13–33; Marcos 8:34; Lucas 5:1–11; 9:23 e 12:31–34.

O discipulado do reino será recompensado

O ensinamento de Jesus sobre recompensas sempre se dá no contexto do discipulado – por exemplo, Mateus 16:24–27; Marcos 10:29,30 também esboça as bênçãos maravilhosas que o Senhor concede àqueles que O seguem sacrificialmente.

O propósito de Sua missão singular

Há uma progressão óbvia na mensagem do reino do Filho. Primeiro, Ele chama as pessoas a mudar o modo como pensam acerca de Deus; depois, Ele as chama a crer Nele, depender Dele e confiar Nele completamente; e então Ele as chama a segui-Lo de perto e se tornarem Seus discípulos.

Porém, isso não é o fim. Não somos chamados apenas para seguir o Filho, somos chamados também a nos tornar como Ele. Sua missão não é acumular convertidos e fazer discípulos, é também transformá-los em Sua semelhança.

Os evangelhos enfatizam maneiras importantes nas quais o Filho quer que os Seus discípulos se tornem como Ele.

Ame como Ele

Em João 13:34,35, o Filho ensinou aos Seus discípulos um novo mandamento que provaria a ‘todos’ que eles eram Seus discípulos.

Dê como Ele

Em João 15:13,14, Jesus explicou exatamente o que Ele queria dizer com amar. É o dar sacrificial; é entregar as nossas vidas por nossos amigos.

Sirva como Ele

Em Marcos 10:42–45, Jesus mostrou aos Seus discípulos que eles deveriam servir de um modo totalmente diferente ao mundo.

Trabalhe como Ele

Em João 14:12, Jesus revelou aos Seus discípulos que eles deveriam trabalhar como Ele. Muitos pressupõem que Jesus estava se referindo a expulsar demônios e curar o doente. Como vimos, esses são elementos importantes da missão do Filho, mas devemos reconhecer que esse versículo está no mesmo contexto sacrificial de Suas ordens para dar, amar e servir. Se cremos no Filho, devemos ter a expectativa de viver como o Filho – isso incluiu milagres poderosos, mas tudo caracterizado pelo serviço.

Seja como Ele

João 20:19–22 registra as cinco palavras de Jesus a Seus discípulos após a ressurreição, e o versículo 21 é Seu último apelo para que eles fossem como Ele.

Na Parte Sete, veremos como o Evangelho de João enfatiza que a existência do Filho está tanto sob o governo pessoal de Deus que Ele não diz nada por si mesmo e não vai a lugar nenhum pela própria iniciativa. Ele fala o que o Pai fala. Ele faz o que o Pai faz. Ele vai onde o Pai O envia. E Ele faz tudo isso no poder do Espírito.

Do mesmo modo, Jesus envia Seus discípulos do modo que Ele foi enviado – para ir ao mundo como Ele vai, para se submeter ao Pai como Ele se submete, para depender do Espírito como Ele depende, para compartilhar com Ele essa missão singular.

Enfatizamos que é importante entender corretamente a missão singular e multifacetada do Filho; agora deveríamos começar a entender porque isso é importante: É porque Ele está nos chamando a compartilhar de Sua missão singular, passar adiante Sua mensagem de reconciliação, aplicar a Sua vitória sobre o diabo, glorificar o Deus vivo, curar o enfermo e pregar as boas-novas do reino aos feridos à nossa volta.

Parte Seis

O Filho e o Espírito

Temos visto que, de maneira complementar, os quatro evangelhos deixam claro que uma nova era se iniciou com a chegada do Filho à terra: a era do reino de Deus, a era do Messias; a era da ampla disponibilidade do Espírito Santo.

Todos os evangelhos estabelecem que Jesus de Nazaré é o Cristo, o Messias, o Ungido, em função de Sua unção especial com o Espírito Santo; e todos apresentam Jesus tanto como o *único portador* do Espírito como o *único que batiza com o Espírito*.

Na época de Jesus havia um sentimento geral de que o Espírito Santo tinha partido de Israel: Deus não falava por meio de um profeta por várias centenas de anos, e Sua glória não brilhava mais no templo. Por isso os judeus olhavam para o passado com terna nostalgia e para a frente, para o Messias, com uma esperança ardente.

O Evangelho de Marcos pula a parte da natividade, vai direto para a ação e apresenta o batismo de Jesus como o grande cumprimento de todas essas esperanças do Antigo Testamento. Em seu primeiro versículo, Marcos introduz Jesus como 'o Cristo' o Filho de Deus', e logo em seguida faz duas afirmações radicais.

Primeiro, ele declara que o silêncio de Deus chegou ao fim: Pela primeira vez desde a época de Ageu, Zacarias e Malaquias, Deus falou do céu. Como temos visto, as palavras celestiais registradas em Marcos 1:11 mesclam a esperança messiânica do Salmo 2:7 e 2Samuel 7:14 com a promessa de um Servo

sofredor em Isaías 42:1, e revela Jesus como o único ser que é tanto o Governo Messiânico como o Servo sofredor.

Segundo, Marcos declara que a ausência do Espírito finalmente acabou. Deus derramou o Seu Espírito Santo para equipar o Servo Messiânico para a Sua missão singular. Não há dúvida de que, segundo Marcos 1:15, as primeiras palavras de Jesus foram: 'O tempo está cumprido'.

O Filho possui o Espírito com exclusividade

Por todo o seu evangelho, Marcos se esforça para mostrar que o Filho possui o Espírito durante Seu tempo de ministério terreno e que O possui com exclusividade durante os Seus dias na terra. É somente em Marcos 13:11, quando Jesus está preparando os Seus discípulos para o fim dos tempos, que o autor revela que o Espírito equipará e capacitará outras pessoas além do Filho.

Algo muito semelhante ocorre no Evangelho de Mateus, que também enfatiza que Jesus é o único que tem o Espírito. Mateus, contudo, compartilha a informação adicional de que Jesus foi concebido pelo Espírito: Mateus 1:18–20 mostra que o Filho tinha uma ligação singular com o Espírito desde o início de Sua vida na terra.

Lucas revela mais acerca do Espírito do que os outros evangelhos, e enfatiza a presença e atividade do Espírito nas histórias da natividade. Embora mostre que Maria, Isabel e Zacarias também eram cheios do Espírito e capacitados a profetizar, Lucas coloca muita ênfase no fato de o Espírito intensificar toda a vida e ministério do Filho.

Ele mostra, por exemplo, que o Espírito Santo levou o Filho ao deserto, que o Filho foi cheio com o poder do Espírito quando iniciou o Seu ministério, e que a unção com o Espírito descrita em Isaías 61:1 dominou e dirigiu todo o Seu ministério.

O Evangelho de João agrega mais uma revelação acerca da maneira exclusiva de o Filho ter o Espírito. Em João 3:34, quando estava falando com os discípulos de João Batista, Jesus alegou que Deus Lhe tinha dado o Espírito Santo 'sem medida',

sem nenhuma reserva. Desse modo extraordinário, vemos que o Filho verdadeiramente está na História como o único a ter recebido uma unção *ilimitada* com o Espírito.

O Filho é o único que batiza com o Espírito

Os quatro evangelhos concordam que o Filho não somente é o único a ter o Espírito, mas que Ele também é o único que batiza com o Espírito. Isso quer dizer que ninguém pode receber o Espírito exceto por meio do Filho, e que ninguém pode conhecer o Filho exceto por meio do Espírito.

Os quatro evangelhos (e Atos) registram a promessa de João Batista de que Jesus batizaria com o Espírito – Mateus 3:1–12; Marcos 1:1–8; Lucas 3:1–18; João 1:19–34 e Atos 1:1–5. De fato, podemos dizer que sempre que se começa um estudo de Jesus, é impossível evitar a conclusão de que – para João Batista – a tarefa mais importante que o Filho realizaria seria batizar pessoas no Espírito Santo.

Quando olhamos para os evangelhos com outro olhar, pode parecer surpreendente que – após essa introdução à missão do Filho de batizar com o Espírito – eles descrevam o Filho fazendo tudo, exceto batizar com o Espírito.

Porém, todo o Novo Testamento ensina que o Filho pôde dar o Espírito somente após ter sido glorificado em Sua morte, ressurreição e ascensão. Todo o evangelho espera ansiosamente o dia em que o Filho enviará o Espírito e equipará os discípulos para compartilhar a Sua missão. Vemos isso, por exemplo, em Mateus 28:19; Marcos 13:11; Lucas 11:13; 24:44–49; João 7:39 e 20:21–23; e analisamos este aspecto em sua totalidade no volume *Conhecendo o Espírito*.

Resumindo, podemos dizer que os evangelhos mostram que:

- O Filho foi equipado para Sua missão singular pelo Espírito
- O Espírito não estava disponível a outros durante a vida do Filho na terra
- Após Sua morte, ressurreição e ascensão, o Filho deu o Espírito aos Seus seguidores para equipá-los a continuar a Sua missão.

O Filho revela o Espírito

Já percebemos que a revelação de Deus à humanidade foi um aspecto importante da missão multifacetada do Filho. Isso significa que o Filho revela o Espírito assim como revela o Pai.

Analizamos a obra do Espírito no Antigo Testamento no volume *Conhecendo o Espírito*, e vemos que Ele era o próprio poder de Deus – o furacão imprevisível do sopro de Deus. No Novo Testamento, contudo, o Espírito não é mais encontrado como um poder nu; em vez disso, está vestido na pessoa e caráter do Filho. Como Atos 16:7 e Filipenses 1:19 explicam (na maioria das versões bíblicas), Ele é ‘o Espírito de Jesus’.

Isso significa que não somente o Filho depende do Espírito para o poder, direção e capacitação, mas que o Espírito também depende do Filho para a revelação. Vemos essa mesma interdependência divina mútua no relacionamento entre o Filho e o Pai na Parte Sete.

O Evangelho de João enfatiza fortemente as duas interdependências: Filho/Espírito e Pai/Filho – o relacionamento Filho/Espírito torna-se especialmente claro, por exemplo, em João 16:7. Podemos dizer que quando estava na terra, o Filho continha ou restringia a presença do Espírito e que agora que está no céu, o Espírito universaliza a presença Dele.

O Filho sempre foi limitado por espaço e tempo em Sua vida terrena, mas a Sua ascensão possibilitou a vinda do Espírito que não é limitado por quaisquer barreiras de espaço e tempo. Agora, no Espírito, o Filho pode estar permanentemente com todo o Seu povo – podemos sempre estar Nele e Ele pode estar em todos nós.

O *parakletos*

No Evangelho de João, o Filho revela o Espírito como o *parakletos*. Isso significa literalmente ‘chamado para estar ao lado’ e pode ser traduzido como advogado, conselheiro, consolador, ajudador, intercessor, suporte ou guia. Vemos isso em João 14:15–18, 25–27; 15:26,27 e 16:7–15.

João 14:16 usa a palavra grega *allos* para ‘outro’, em vez de a palavra alternativa *heteros*. Isso afirma conclusivamente que o *pa-*

rakletos é 'outro do mesmo tipo' não 'outro de um tipo diferente' de Jesus. À medida que olhamos para o Filho, obtemos uma ideia do Espírito; à medida que ouvimos o Espírito, ouvimos a voz do Filho.

João 14:18 destaca este aspecto de um modo ainda mais forte: Neste versículo, Jesus promete que *Ele próprio* virá aos Seus discípulos no envio e por meio do envio do Espírito Santo.

No Antigo Testamento, parece que Deus permitiu a Moisés e Elias (que eram ungidos especialmente com o Espírito) transferirem a unção aos seus sucessores escolhidos: Vemos isso em Deuteronômio 34:9 e 2Reis 2:9–15. Josué e Eliseu continuaram os ministérios de Moisés e Elias com uma unção semelhante.

Do mesmo modo, Jesus (que era ungido com o Espírito sem qualquer limite), também teve permissão para passar o Espírito aos Seus sucessores escolhidos, para que pudessem continuar a Sua missão. Isso significa que o elo entre o Espírito e o Filho tem consequências muito importantes para o modo que nós vivemos e servimos como discípulos hoje.

Esse elo entre o Espírito e o Filho significa que o Espírito agora age do mesmo modo que o Filho agia em Sua missão na terra.

- O Filho veio do Pai, como um presente do Pai à humanidade, assim também o *parakletos* – João 3:16; 5:43 e 16:28.
- O Pai enviou o Filho ao mundo como Seu representante, assim o Filho envia o Espírito em Seu nome – João 5:43 e 14:26.
- O Filho permaneceu com os discípulos e os guiou, assim o Espírito permanecerá com os discípulos e os guiará – João 14:16–18.
- O Filho ensinou a verdade aos discípulos porque Ele era a verdade em pessoa, assim o Espírito da verdade conduzirá os discípulos em toda a verdade acerca de Jesus – João 14:6, 17; 15:26 e 16:13.
- O Filho não atraiu a atenção para Si, mas glorificou o Pai ao transmitir a Sua mensagem à humanidade, assim o *parakletos* não falará em sua autoridade própria, mas somente tomará o que é do Filho e passará ao mundo – João 8:28; 12:28; 16:14 e 17:4.

- O Filho testifica do Pai, então o Espírito testificará de Jesus – João 8:14 e 15:26,27.

O *parakletos* não apenas universaliza a presença do Filho aos discípulos, Ele também faz o mesmo para os incrédulos do mundo. Assim como Jesus veio alcançar o perdido e o ferido, também João 15:26,27 ensina que o Espírito vem para testemunhar ao mundo e para capacitar os discípulos a também testemunhar ao mundo.

João 16:8–11 avança na explicação de que o Espírito vencerá as pessoas de que elas estão erradas acerca do pecado, da justiça e do juízo. Contudo, não se tratará de uma revelação de fato, pois isso é exatamente o que o Filho vem fazendo desde o Seu ministério na terra – vemos isso, por exemplo, em João 9:35–41. Verdadeiramente podemos dizer que:

- Exatamente como o mundo recusou aceitar o Filho, recusará também a aceitar o Espírito– João 1:10,11 e 14:17
- Assim como o Filho testemunhou contra um cenário de ódio e oposição porque falava às pessoas sobre uma verdade que não era bem-vinda, assim fará o Espírito– João 7:7 e 16:8

O Espírito de filiação

Cada aspecto do ministério do Filho continha o Espírito – Ele era a fonte da vida de Jesus, Seu poder e Suas emoções. Por exemplo:

- Ele era cheio de alegria pelo Espírito – Lucas 10:21
- Ele expulsava demônios pelo Espírito – Mateus 12:28
- Ele ensinava pelo Espírito – Atos 1:2
- Ele sacrificou a Si mesmo pelo Espírito – Hebreus 9:14
- Pelo Espírito Ele fez o bem e curou a todos que caíram no poder do diabo – Atos 10:38

Tudo isso deve estar claro, e nós estudamos o modo que o Filho ministra no Espírito e pelo Espírito no volume *Conhecendo o Espírito, Ministério no Espírito* e *Ouvindo Deus*.

Entretanto, o Espírito também influenciou o Filho no nível básico de Sua filiação. Vemos no volume *Conhecendo o Pai* que a filiação de Jesus difere da nossa. Por exemplo, Ele nasceu pela

expressa intervenção do Espírito Santo, mas nós não; e Ele era Filho de Deus por direito, ao passo que nós somos filhos de Deus somente por adoção.

Contudo, foi o domínio do Espírito que separou Jesus como o Filho messiânico de Deus e fez a voz vinda do céu, em Seu batismo, declarar a sua amada filiação.

Foi somente como Filho amado que Jesus pôde chamar Deus de 'Abba'. Foi somente o que foi separado pelo Espírito como o Filho preferido de Deus que pôde ousar se dirigir ao Pai dessa maneira – pois somente o Ungido desfruta a relação íntima de filiação com Deus, o Pai.

É claro, é precisamente essa filiação que o Filho cria para nós. É por meio do Espírito que o Filho nos capacita a conhecer o Pai como 'Abba'. E é por meio do Filho que o Espírito nos adota com Cristo na filiação em Deus, e nos possibilita dizer 'Abba' na família de Deus. Vemos esse aspecto em Romanos 8:14–17 e o analisamos na totalidade no volume *Conhecendo o Pai*.

Este é o nosso privilégio incrível e a nossa situação como crentes. Nós possuímos o Espírito do Filho de Deus e isso nos torna filhos de Deus e nos permite bradar o nome familiar, 'Abba'. Verdadeiramente se tem dito que a íntegra das boas-novas pode estar concentrada nesta simples palavra 'Abba' – e isso é obra do Espírito de filiação.

O Espírito de serviço

No volume *Conhecendo o Pai*, observamos como Marcos 14:35,36 revela Jesus se referindo a Deus como 'Abba' quando está esperando por Judas no Getsêmani, à sombra da cruz. Também analisamos o contexto redentor e trino de Isaías 63:7–16 e Salmo 89:19–26, e vemos que se referir ao Pai como 'Abba', portanto, implica aceitar o sofrimento e sacrifício da cruz.

Diferentemente dos reis do Antigo Testamento, que aspiravam ao título 'Filho de Jeová', o Filho mostrava confiança total no Pai até mesmo quando isso significava traição e cruz, e mesmo quando implicava grande sacrifício e sofrimento. Para o Filho, a filiação não podia estar separada de serviço – pois Ele fora ungi-

do com o Espírito em Seu batismo para ser o Servo sofredor, *bem como o majestoso Messias*.

Quando o Espírito veio sobre Jesus no batismo, Marcos 1:10 mostra que Ele veio 'como uma pomba'. Isso tem muito significado, pois Levítico 5:7–10 relata que a pomba é uma oferta pelo pecado que é aceitável para uma pessoa, e o único pássaro permitido como um sacrifício. E Maria e José trouxeram duas pombas ao templo quando consagraram Jesus ao Senhor.

No Jordão, outra pomba apareceu quando Jesus era consagrado uma segunda vez, desta vez para o serviço. A palavra hebraica para pomba é *yonah*: Jonas, o Sr. Pomba, foi enviado a um país pagão em uma missão para proclamar arrependimento, para salvar pecadores e ele teve de passar três dias no ventre de um grande peixe antes de sua 'ressurreição'.

Então, quando o Espírito desceu como uma pomba sobre o Filho, Ele estava revelando o chamado do Filho a ser o Servo sofredor que foi convocado a pregar arrependimento, salvar pecados, morrer e ressuscitar após três dias. O Filho deveria ser o Jonas obediente. Sua missão de servir seria ainda mais bem-sucedida do que a de Jonas. Nínive seria salva, e tudo por que o Espírito de Serviço viera sobre o Filho.

Uma vez mais, isso traz consequências reais para as nossas unguidas vidas de serviço. Quando o Filho nos batiza com o Espírito, Ele está nos chamando a confiar em Deus na escuridão e agonia de nosso próprio Getsêmani, e a obedecer quando a nossa inclinação é ir para o mais fácil. Esse é um tema constante do Novo Testamento, por exemplo:

- Atos 4:29–31 registra que é quando os primeiros cristãos sofrem por Cristo que eles retornam aos seus amigos, oram por ousadia (não segurança) e são balançados pelo Espírito.
- Atos 20:22,23 mostra que é o Espírito que convence Paulo de que prisão e aflições o esperam em Jerusalém, e o constrange a aceitar o seu destino.
- 1Pedro 4:13–16 enfatiza que o Espírito nos chama para a experiência dos sofrimentos de Cristo.

O Espírito de testemunha

A pomba no batismo de Jesus não apenas apontava o serviço de sofrimento de Jonas, mas também o seu testemunho eficaz. Uma pomba aparece pela primeira vez na Bíblia, em Gênesis 8:1–12, e mais tarde é testemunha tanto para a nova criação de Deus como para a nova vida da família de Noé nas promessas abundantes de Deus.

O espírito de testemunha – em forma de pomba – veio sobre o Filho no Jordão, e imediatamente o Filho começou a testemunhar no poder do Espírito. Vemos isso em Lucas 4:18, e o mesmo se deu com os discípulos após a unção com o Espírito pelo Filho no Pentecoste.

O livro de Atos começa com um grupo agitado de aproximadamente 120 discípulos se espremendo para orar em uma sala particular e continua com a descrição de como eles se tornaram um corpo de testemunhas poderosas, que venceram uma oposição violenta para estabelecer uma igreja próspera em todo o Império Romano.

O Espírito de testemunha pode ser visto em cada página de Atos e transformado em testemunha confiável do Cristo ressurreto. E o poder do Espírito Santo é sempre a razão principal para a eficácia dos discípulos.

No volume *Conhecendo o Espírito*, vemos que testemunha é a essência do Espírito Santo. João 15:26,27 mostra que os dois maiores propósitos do Espírito são:

- Testificar acerca do Filho
- Ajudar-nos a dar testemunho do Filho

E Atos 1:8 promete que a unção do Espírito sempre resulta em:

- Os discípulos se tornarem testemunhas poderosas do Filho.

No volume *Conhecendo o Espírito*, definimos que o Espírito sempre traz mudança decisiva. Ele quer nos encher com o poder e pureza do Filho para nos direcionar a realizar a obra do Filho, e nos capacitar a viver na presença do Filho: e Ele quer fazer isso tudo para que conheçamos o Filho melhor e O tornemos mais conhecido.

Todas essas grandes obras do Espírito, contudo, se relacionam ao Seu propósito primeiro de testemunhar. Percebemos que, em Lucas 4:18, Jesus afirmou ter sido ungido com o Espírito especialmente para evangelizar o ferido. E vemos exatamente o mesmo propósito por trás da unção em todo o restante do Novo Testamento – sempre que as pessoas são cheias ou ungidas com o Espírito Santo, um testemunho eficaz logo começa a acontecer.

Passagens como Atos 2:41–47; 4:31–33; 6:10; 9:17–28; 10:44–46; 13:9–12; 19:6–20; 1 Tessalonicenses 1:5–8; Hebreus 2:4 e 1 Pedro 1:12 mostram que magnificar a Deus e testemunhar de Jesus eram a consequência direta de as pessoas receberem o Espírito de testemunha do Filho.

Podemos dizer que a necessidade de testemunhar foi plantada na Igreja pelo Espírito. No Pentecoste, a Igreja se tornou uma ‘testemunha’ natural ‘do Filho’, porque o Espírito de testemunha veio sobre ela. Vemos isto em passagens como Atos 4:20.

Quando tivermos juntado as linhas da filiação, serviço e testemunho, e tivermos reconhecido que o Espírito é o Espírito de Jesus, deveremos ter a expectativa de ver marcas semelhantes do Espírito nas vidas dos seguidores ungidos do Filho.

O Novo Testamento mostra, por exemplo, que o Espírito capacita os discípulos do Filho:

- A serem uma testemunha de Jesus – Atos 1:8
- A testemunhar da ressurreição de Jesus – Atos 4:33
- A fazer grandes maravilhas e sinais – Atos 6:8
- A abundar em esperança – Romanos 15:13
- A realizar sinais e maravilhas poderosos – Romanos 15:18,19
- A falar e pregar – 1 Coríntios 2:4–5
- A suportar dificuldades – 2 Coríntios 6:6–10
- A se alegrar na fraqueza – 2 Coríntios 12:9
- A ser fortalecido para conhecer o amor de Deus – Efésios 3:16
- A permanecer firme contra o inimigo em oração – Efésios 6:10–18
- A anunciar o evangelho – 1 Tessalonicenses 1:5

- A ser paciente – Colossenses 1:11
- A compartilhar os sofrimentos de Cristo – 2Timóteo 1:8

Isso significa que deveríamos certamente ter a expectativa de que ‘o Espírito de Jesus’ trabalhe de um modo semelhante em nossas vidas hoje. Devemos esperar que o Espírito nos traga uma profunda segurança de que somos realmente filhos adotados de Deus. Devemos esperar que Ele nos chame para o caminho do serviço, e que estejamos prontos para compartilhar o sofrimento do Filho com alegria. E devemos esperar que o Espírito nos envie a testemunhar do Filho com o Seu poder pessoal e eficácia.

O Filho e o Pai

No volume *Conhecendo o Pai*, começamos pela análise das relações trinitárias entre o Pai, o Filho e o Espírito, e depois focamos o relacionamento do Pai com o Filho. Vemos que:

- O Pai depende do Filho e dedicou tudo a Ele; O Pai não age, ou fala, ou se revela separadamente do Filho
- O Pai exercita a Sua soberania em comunhão com o Filho, O qual endossa e revela a vontade do Pai
- O Pai expressa a Sua identidade no Filho porque é o Filho que O torna conhecido
- O Pai é idêntico ao Filho no ser e na natureza
- O Pai trabalha em parceria com o Filho na criação, redenção e juízo
- O relacionamento do Pai com o Filho está no cerne do evangelho, pois paternidade e filiação implicam tanto a dependência mútua como a vida compartilhada

Embora o Pai dependa do Filho para a Sua identidade, Sua revelação e Suas ações, esta não é a história completa da divindade. Também precisamos entender que o Filho depende totalmente do Pai e sempre Se submete completamente a Ele.

O Filho recebe a Sua identidade do Pai

Exatamente como vemos no volume *Conhecendo o Pai*, que o Pai é identificado em Seu relacionamento com o Filho, assim o Filho recebe a Sua identidade em Seu relacionamento com o Pai. E Ele não a recebe apenas uma vez, mas a cada estágio de Sua missão singular.

A cada crise na vida e morte, o Filho recebia uma confirmação nova de Sua identidade pessoal: Contudo, Ele veio a conhecer mais uma vez o Seu relacionamento com o Pai por meio de outra confissão, de 'Abba' no poder do Espírito.

Definindo a identidade

Por todas as eras, homens e mulheres olharam em muitas direções diferentes para descobrir quem são de fato. Algumas pessoas olham *para dentro* para se definirem psicologicamente, outras olham *para trás*, para se definirem em termos do passado, de onde elas provêm, e outras ainda olham *para fora*, para se definirem em termos de suas conquistas.

Jesus entendia essas maneiras psicológicas, históricas e funcionais de se identificar e se definir. Ele conhecia o Pai em uma experiência interna profunda; mas não confiava nessa experiência. Em vez disso, Ele confiava somente na realidade e autoridade do Pai que falava com Ele dentro da experiência interna.

Ele sabia que Suas raízes históricas eram o melhor e o mais profundo, pois descendia do rei Davi e era parte da linhagem real da promessa de Israel. Contudo, Jesus não se prendia às suas tradições familiares e do passado, pois Sua dependência suprema era sempre de Seu Pai celestial e não da linhagem terrena.

E Ele tinha uma lista longa de conquistas para provar a Sua reivindicação messiânica – vemos isso, por exemplo, em Mateus 11:4–6. Porém, essas conquistas eram o fruto e não a fonte da confiança em quem Ele era. As obras de Jesus fluíram de Sua filiação, elas não o tornaram Filho. Ele expulsou demônios, curou e proclamou o reino *porque Ele era o Filho Ungido*. Seu ministério era a obediência à Sua identidade, mais do que o modo de conquistá-la. Sua relação com o Pai sempre veio antes de Seu serviço com o Pai e para o Pai.

Podemos ver, portanto, que Jesus recebeu a Sua identidade como Filho por meio de Sua experiência, Sua tradição e Sua missão. Ele sabia que era 'o Cristo, o Filho do Deus vivo' não simplesmente por saber, mas porque conhecia o Pai: Simplifi-

cando, Jesus se conhecia como Filho porque Ele conhecia o Pai.

Jesus no templo

Lucas 2:41–50 relata como Jesus ficou para trás, no templo, quando os Seus pais deixaram Jerusalém. Grande parte do significado da história está no fato de que ela ocorreu no ano em que Jesus atingiu a idade adulta dos judeus.

Foi a percepção precoce de que Deus era Seu Pai que O fez pôr em segundo plano o relacionamento com os Seus pais. De repente Ele entendeu que o Pai tinha prioridade em Sua atenção, fidelidade e obediência: O Filho deve dar importância aos negócios do Pai.

Em Lucas 2:49, as primeiras palavras de Jesus (como as últimas na cruz em Lc 23:46) descrevem Seu relacionamento com o Pai. Poderia ser o jeito de Lucas dizer que, para o Filho, o relacionamento com o Pai vem em primeiro, em último e em todo lugar.

Jesus no Jordão

Vimos que a compreensão que Jesus tinha de Sua filiação é uma parte vital de Seu batismo. Quando o Filho se levanta da água e consagra-se à missão, o Pai fala e o Espírito desce. Como o apóstolo Paulo ensina, em Romanos 8:15–17, a nova consciência de filiação e a nova liberação do Espírito estão intimamente ligadas.

Quando percebe novamente que é o Filho, Jesus entra na hereditariedade de Filho. Ele deixa o Jordão com uma nova confiança de filiação e começa a exercer a autoridade do Espírito que é o Seu direito como Filho.

Percebemos que as palavras do Pai ecoam o Salmo 2:7–8 e Isaías 42:1, e identificam Jesus como Messias e Servo. Devemos reconhecer que elas também ecoam Gênesis 22:2–16, onde Isaque é identificado como ‘seu único e amado filho’. Esse é um indicador profético claro do filho sacrificial: O que Abraão foi poupado de ter que entregar no último momento, o Pai estava agora se preparando para entregar – Seu único e amado Filho.

Jesus no deserto

O relato sobre as tentações do Filho, em Lucas 4:1–13, foca o ataque do diabo à nova consciência de filiação que veio a Jesus em Seu batismo. A primeira e a terceira tentações começam as duas com ‘Se você é o Filho...’ E desafia a validade e a autoridade da voz que falou no Jordão.

A primeira tentação ataca a obediência do Filho: Ele é tentado a usar o próprio poder para satisfazer Suas necessidades de pão em vez de obedecer às palavras do Pai dadas a Ele. A terceira tentação ataca a confiança do Filho naquilo que o Pai Lhe disse: Ele é tentado a provar Sua filiação porque não acredita mais nela. O diabo sugere que um salto experimental oferecerá a prova que o Filho necessita. Satanás insiste que não é suficiente para o Filho ouvir o Pai falar, Ele deveria usar Seu poder também para demonstrar a Si próprio que Ele realmente é o Filho. De modo maravilhoso, Jesus expõe e derrota as duas tentações.

O relacionamento apropriado de um Filho com o Pai é dependência, que consiste em confiança obediente e obediência confiante, e é significativo que Jesus seja atacado por Satanás nestes dois pontos. Se o filho falhar aqui, toda a Sua missão falhará antes de Ele começar.

Porém, Jesus não falha. E tendo relatado as tentações, Lucas passa a descrever o ministério de Jesus em Nazaré. Com Sua confiança e obediência afirmadas, Jesus entra em Sua cidade natal, certo de que Ele é o Filho obediente que creu no que Seu Pai falou. Ele é o Filho sobre quem o favor e o Espírito do Pai repousam; Ele pode avançar contra toda oposição, sabendo que o Pai está com Ele e honrará o que disse.

Jesus em Sua transfiguração

Na hora de Sua decisão crítica de se voltar ao Calvário, o Pai diz a Jesus mais uma vez quem Ele é. Ele ensinou os discípulos que está indo a Jerusalém para sofrer e morrer, e a transfiguração é a confirmação de Sua escolha por Deus. Primeiro, Moisés e Elias, a lei e os profetas, falam com Ele. Depois o Pai fala, repetindo as palavras faladas no Jordão – mas com duas diferenças significativas.

Em Lucas 9:35, os manuscritos melhores e mais antigos mostram que a palavra *eklelegmenos*, ‘escolhido’, substitui *agapetos*, ‘amado’. Ainda, a frase *autou akouete*, ‘a Ele ouvi’, substitui ‘em quem me comprazo’. Porque foi escolhido para trilhar o caminho do sofrimento obediente (e escolheu trilhá-lo), Jesus tem um novo direito de ser ouvido, uma nova autoridade entre homens e mulheres.

Assim como o Filho se prepara para glorificar o Pai em Sua morte, assim o Pai se prepara para glorificar o Filho com uma nova identificação e validação de Sua missão. Simplificando, filiação significa ser escolhido por obediência custosa e ser trazido a uma posição de autoridade.

Jesus no jardim

Á medida em que inicia Sua agonia no jardim do Getsêmani, Jesus encontra força na reafirmação de Seu relacionamento com ‘Abba’. Ele é capaz de tomar o cálice da ira, rejeição e juízo de Deus porque a mão que oferece o cálice é também a mão do Seu Pai.

Lucas 22:43 mostra que não houve apenas oração e súplica do Filho no Getsêmani, mas também revelação e fortalecimento do Pai. É somente na força dessa comunhão com o Pai que o Filho pode enfrentar a Sua paixão.

Jesus na cruz

Lucas enfatiza isso mais uma vez, relatando que duas das frases de Jesus na cruz são frases ‘Abba’ – Lucas 23:34 e 23:46.

A primeira delas mostra que o perdão dos outros é mediado por meio da oração do Filho ao Pai na cruz. A segunda (que ecoa as palavras do Jesus ainda menino no templo) mostra que o Filho morre em paz e em confiança porque Ele sabe que Deus ainda é Seu Pai.

No jardim, ‘Abba’ era o que tinha de ser obedecido quando fez as suas demandas incondicionais. Na cruz, ‘Abba’ é aquele em quem se pode confiar para o consolo supremo: A obediência ativa do Filho que deu tudo em sacrifício se torna confiança passiva que aceita tudo na morte.

Podemos dizer que, do adolescente no templo até o homem na cruz, em cada ponto crítico de tentação, decisão, sofrimento e morte, Jesus sempre encontra Sua identidade e confiança como Filho em Seu relacionamento com o Pai.

Em cada ponto de necessidade, Deus O supre com uma revelação nova de paternidade e filiação, e é isso que fortalece Jesus a responder ao Pai com confiança e obediência.

O Filho depende do Pai

Nós afirmamos no volume *Conhecendo o Pai* que o Pai depende do Filho; agora precisamos entender que o Filho depende do Pai.

O Filho depende do Pai porque é o Pai que revela o Filho e O torna conhecido – assim como é o Filho que revela o Pai e O torna conhecido aos outros. Este é o outro exemplo da interdependência divina mútua que analisamos na Parte Seis.

O Filho glorifica o Pai (O torna conhecido em Sua presença, Sua natureza e Seu poder) e o Pai dá testemunho do Filho e O glorifica. Isso significa que existe uma glorificação recíproca do Pai e Filho nas palavras e obras de Jesus.

É válido observar que os Evangelhos de Mateus e João tendem a atribuir ao Pai a obra de trazer as pessoas a um reconhecimento e confissão do mistério e pessoa de Jesus; enquanto o restante do Novo Testamento tende a atribuir Sua obra ao Espírito Santo.

Isso demonstra que há uma unidade básica entre a obra do Pai e a obra do Espírito. Afinal de contas, o Espírito é o Pai e o Filho achegando-se um ao outro e além na comunicação e no amor; a obra da revelação, portanto, pode seguramente ser atribuída a cada um individualmente e a todos Eles em conjunto.

Analisamos Mateus 11:27 com certo detalhe no volume *Conhecendo o Pai*, e vemos que o conhecimento exclusivo do Pai é atribuído ao Filho, e que conhecimento exclusivo do Filho é atribuído ao Pai. Eles dependem um do outro e isso é o relacionamento fundamental que norteia tanto a revelação como a salvação: podemos conhecer cada um deles somente pela atividade do outro.

Podemos ver isso em Mateus 16:17, onde Jesus declara que a confissão que Pedro faz Dele como Messias e Filho de Deus é obra do Pai e não do próprio Pedro. (É interessante que 1Coríntios 12:3 descreve uma confissão quase idêntica à obra do Espírito Santo. Não se trata de uma contradição, pois agora é o Espírito que executa a vontade do Pai na terra, de revelar Sua verdade, amor, graça e poder para a humanidade.)

João 6

Em João 6:22–66, Jesus reconhece diversas vezes a Sua dependência da atividade do Pai quando as pessoas ‘vêm a Ele’.

No versículo 36, ele contrasta ‘ver’ e ‘crer’ dizendo que algumas pessoas O viram, mas não creram Nele. Nesta passagem, Jesus explica o que é que decide se os que ‘veem’ o Filho também ‘crerão’ Nele (versículo 40), serão ‘atraídos’ a Ele (versículo 44), ‘virão’ a Ele (versículo 65) etc. Ele insiste que é *o Pai* que Lhe dá discípulos (versículo 37), que atrai as pessoas (versículo 44) e as capacita a vir a Ele (versículo 65).

Toda vez que alguém vem a Jesus – por trás da confissão humana, do seguir e do discipulado – há a escolha, revelação e capacitação do Pai que Jesus reconhece e proclama.

É claro que a ação ‘de graça’ do Pai não exclui a necessidade ou a legitimidade da ação humana; em vez disso, a precede, capacita e sustenta. Podemos dizer que a escolha do Pai está por trás da escolha humana; que a atração do Pai está por trás da vinda humana; que a revelação do Pai está por trás da crença humana, e assim por diante.

O versículo 37 mostra que Jesus deve receber todos os que vêm a Ele, porque Ele sabe que o fato de tal vinda não tem origem Nele nem neles, mas no Pai. Isso significa que o Filho obediente recebe todos que o Pai soberano envia.

O Evangelho de João descreve o Espírito fazendo coisas muito semelhantes ao que o Pai faz: Vemos isso, por exemplo, em João 3:5; 6:63 e 16:15. Muitos estudiosos interpretam isso como trinitarianismo bíblico básico; alguns, porém, sugerem que há uma diferença entre a revelação soberana do Pai para a pessoa e a

capacitação do Espírito ‘pela graça’ para que a pessoa decida; enquanto alguns estudiosos alegam que o Pai trabalha externamente, criando circunstâncias providencialmente construtivas e que o Espírito trabalha internamente, criando abertura espiritual interior.

Seja qual for o relacionamento preciso entre a obra do Pai e o Espírito, é claro que o Filho depende do Pai para revelá-Lo às pessoas e trazê-las a Ele. Podemos dizer que Jesus depende completamente do Pai para glorificar o Seu Filho e torná-Lo conhecido.

O Filho se submete ao Pai

Vemos no volume *Conhecendo o Pai* que a vontade do Pai é realizada por meio do Filho como seu agente essencial; agora precisamos entender que toda ação do Filho depende do Pai e é determinada por Ele. Embora eles sejam iguais na natureza essencial, o Filho voluntariamente se submete ao propósito do Pai. Essa submissão se refere a um arranjo voluntário funcional, não a uma submissão ontológica.

Cada palavra e ato de Jesus originam-se, são guiados e direcionados à pessoa, propósito e glória do Pai. Ele é plenamente submisso ao Pai, não a uma regra ou regulamento pessoal.

Do começo ao fim, as palavras e atos do Filho são sempre ações obedientes. Ele nunca presume ou desobedece e nunca inicia ou inova; em vez disso, sempre discerne e segue a vontade do Pai. Isso não limita a Sua espontaneidade e liberdade; em vez disso, é Sua fonte – porque o Filho responde a tudo e todos no contexto de Seu relacionamento com o Pai.

O Pai é a fonte da missão do Filho

Todo o Novo Testamento enfatiza que Jesus é o *apóstolos*, ‘o enviado’ pelo Pai com uma missão de cumprir aquilo que o Pai Lhe deu. Por exemplo, Hebreus 10:7 cita Salmo 40:8 e identifica a motivação principal e o propósito mobilizador do Filho.

O Evangelho de João destaca isso incessantemente. João 6:38 simboliza um grupo de versículos que dizem tudo a mesma coisa – que o Filho veio do céu não para fazer a Sua vontade, mas para fazer a vontade daquele que O enviou.

No final desse evangelho, em João 20:21, Jesus chama e integra Seus discípulos na mesma missão à qual Seu Pai O chamou e enviou.

O Pai controla a missão do Filho

Em Lucas 7:8, um centurião romano reconhece instintivamente que Jesus é um homem que está debaixo de autoridade – e é sempre a autoridade de Seu Pai.

Na vida terrena de Jesus havia uma orientação secreta, imperiosa, contínua e pessoal que moldava cada decisão Dele. Consequentemente, a vontade, palavras, pensamentos e ações do Filho eram continuamente submetidos à vontade, palavras, pensamentos e ações do Pai.

Mais uma vez, isso se evidencia especialmente no Evangelho de João: João 5:19,20 é típico e mostra que o Filho *nunca faz nada de si mesmo*; em vez disso, Ele faz *somente* o que vê o Pai fazendo. Não se trata de um princípio teológico chato; é uma descrição viva da vida que o Filho submete diariamente. E, é claro, isso somente poderia acontecer pela oração. Falamos da submissão de Jesus ao Pai, em oração, na série *A Espada do Espírito*, volume *Oração Eficaz*.

O Pai é o futuro da missão do Filho

Podemos dizer que o Pai é o futuro da missão do Filho no sentido duplo de que o trabalho completo do Filho é submetido ao veredito do Pai, e que Ele constrói o reino para o Pai e – quando estiver finalizado – o entregará ao Pai. Vemos isto em 1Coríntios 15:28. Este será o momento máximo na vida do Filho – quando Ele colocar um fim em toda rebelião contra Deus e entregar o reino plenamente restaurado ao Pai.

A descrição que o apóstolo Paulo faz da submissão e subordinação do Filho ao Pai, em 1Coríntios 15, parece representar a compreensão que o apóstolo tem da prioridade absoluta do Pai. Neste capítulo, Paulo explica que tudo veio do Pai por meio de Cristo no início e que tudo retornará ao Pai por meio de Cristo no fim. É tudo pelo Pai e para o Pai, por intermédio do Filho.

Paulo expressa a ideia de maneira ainda mais simples em Filipenses 2:10. Ali ele mostra que a confissão ampla do senhorio de Jesus não será para a glória do Filho, mas para a glória do Pai.

Isso sugere que a missão singular do Filho é:

- Vinda do Pai como a fonte iniciadora
- Com o Pai como sua autoridade contínua
- Para o Pai como seu propósito supremo

O Filho ouve o Pai

A submissão ativa do Filho ao Pai, que – como enfatizamos em toda a série *A Espada do Espírito* – é a essência de Sua filiação (e, portanto, de nossa filiação), pressupõe o ouvir ativo e contínuo do Filho ao Pai.

A comunicação terrena do Filho com o Pai celestial expressa na forma humana a comunicação eterna singular do Pai e do Filho no Espírito. A maneira que o Pai dirige o Filho encarnado é exatamente a mesma que Ele nos dirige, mesmo que o propósito da direção do Filho seja diferente do nosso. Analisamos esse aspecto mais plenamente no volume *Ouvindo Deus*.

O Filho ouve por meio dos acontecimentos

O Pai mostra ao Filho o que Ele está fazendo no mundo, não tanto por meio de visões espirituais, mas mais no contexto dos acontecimentos humanos que se dão ao redor Dele.

Os evangelhos mostram que Jesus era bem aberto ao Seu mundo e às atividades dos homens e mulheres que O cercavam: essa é a arena dentro da qual o Pai mostra ao Filho o que Ele está fazendo.

Essa, certamente, é a principal razão por que Jesus ensina tão amplamente por meio de parábolas. Em certo sentido, as histórias da Mulher e a moeda, o Servo e a dívida, o Fazendeiro e as plantações, não equivalem a uma revelação espiritual especial. Porém, em outro sentido – ao que têm olhos para ouvir e ouvidos para ouvir – elas são a linguagem em que o Pai fala com o Seu Filho e por meio Dele a todos os Seus filhos.

Quando reconhecemos que Jesus fala somente o que ouve o Pai falar, somos forçados a concluir que é o próprio Pai que fala em parábolas simples e ‘seculares’. Essa percepção deveria transformar a maneira como pregamos e proclamamos o evangelho.

Podemos dizer que, em parte, Jesus veio a enxergar que Seu era o caminho da cruz por meio das reações de pessoas ordinárias – e especialmente das autoridades religiosas – a Ele. À medida que o Filho discernia as necessidades e respostas que encontrava nos vilarejos da Galileia, Seu Pai Lhe mostrava o que O aguardava em Jerusalém, e por que era somente por meio da morte e ressurreição que o Seu propósito poderia ser cumprido.

Isso sugere que, se não conhecermos o mundo em que o Pai nos colocou, não saberemos o que o Pai quer fazer no mundo por meio de nós.

O Filho ouve o Antigo Testamento

O Pai também falava ao Filho por meio das antigas tradições do povo judeu, pois elas foram o local de Sua ação e autorrevelação por quase dois mil anos. O que o Pai queria fazer por meio do Filho era simplesmente a continuação e realização do que Ele estivera fazendo há muito tempo em Israel, e do que estava claramente registrado no Antigo Testamento.

A comunicação de Jesus com Moisés e Elias na transfiguração foi simplesmente uma intensificação de Sua comunicação com ‘a lei e os profetas’, na qual o Filho ouvira o Pai durante toda Sua vida terrena.

Todo o Seu ensinamento mostra que o Filho estava submergido no Antigo Testamento, mas que Ele lidou com isso com incrível ousadia e liberdade – ‘não como os escribas’. Ao ouvir o Pai nas Escrituras e por meio delas, Jesus entendeu que o Seu cumprimento pessoal das promessas bíblicas seria grotescamente diferente do que as pessoas da época imaginavam.

Os evangelhos mostram que o Filho estava quase predestinado ao Antigo Testamento. Cada vez que o Pai falava com Ele, era em palavras que ecoavam o Antigo Testamento. Quando Jesus resistiu às tentações de Satanás no deserto, quando anunciou a

Sua missão em Nazaré, quando instituiu a Sua refeição memorial na sala de cima, mesmo quando Ele falou na cruz – foi tudo uma aplicação nova do imutável Antigo Testamento. (O conhecimento, a dependência, o ouvir cuidadoso do Filho para com o Pai no Antigo Testamento é uma das razões básicas para a grande ênfase da série *A Espada do Espírito* no cânon completo das Escrituras.)

Quando as pessoas em torno de Jesus buscavam entender o Filho e Sua obra, elas tinham de usar categorias e frases como ‘Filho do Homem’, ‘Reino’, ‘Messias’, ‘Filho de Davi’, ‘Servo de Deus’ etc., as quais podem ser entendidas corretamente apenas quando interpretadas por sua origem no Antigo Testamento e *também* pelo significado novo que Jesus lhes deu por meio de Sua vida e morte.

O Filho ouve em oração

No volume *Oração Eficaz*, vemos exatamente como o Filho era um homem de oração. Esse era o meio pelo qual o Filho na terra se comunicava com o Pai no céu, e o Pai se comunicava com o Filho.

Os evangelhos (especialmente Lucas) sempre descrevem o Filho orando ao Pai. Por exemplo, Ele orou:

- Cedo de manhã – Marcos 1:35
- Tarde da noite – Lucas 6:12
- Em Seu batismo – Lucas 3:21
- Após ministrar muito – Marcos 1:35; 6:46 e Lucas 5:16
- Por uma noite antes de escolher os doze discípulos – Lucas 6:12
- Sozinho na presença de Seus discípulos – Lucas 9:18
- Na Sua transfiguração – Lucas 9:28-29
- Após a última ceia – João 17
- No Getsêmani – Marcos 14:32 e Lucas 22:41
- Por Pedro – Lucas 22:32
- Pelos pequeninos – Mateus 19:13-15
- Na Sua crucificação – Lucas 23:34
- Após a Sua ressurreição – Lucas 24:30
- Na Sua ascensão – Lucas 24:50
- Após a Sua ascensão – João 14:16:

Analisamos a oração modelo de Jesus e Sua intercessão em João 17 no volume *Oração Eficaz*; a oração do Filho ao pé do monte das Oliveiras, contudo, sugere dois princípios importantes que para Marcos parecem toda a comunicação em oração que o Filho tinha com o Pai.

Mateus 26:36–46; Marcos 14:32–42 e Lucas 22:39–46 mostram que o ouvir de Jesus começa com confissão – não do Seu pecado, mas de Sua situação e de Seus desejos. O Filho não esconde o que quer do Pai; em vez disso, expõe Seus desejos. Mesmo assim, Ele submete Seu desejo à vontade do Pai em vez de lançar Sua vontade contra o Pai com o pretexto de poder pedir o que quiser.

Então, ao ouvir, Jesus discerne a vontade do Pai. Enquanto ora em profunda agonia, o Filho entende que o que Ele começou pedindo não Lhe pode ser dado. Ele percebe que o que o Pai está fazendo requer que Ele tome o cálice a seco. O Filho somente faz o que vê o Pai fazendo e – nessa oração que ouve – Ele ‘vê’ o Pai salvando o mundo por meio do próprio sacrifício. Portanto, o Filho alinha a Sua vontade à do Pai.

A atmosfera muda assim que o Filho tiver ‘ouvido’ a vontade do Pai. A agonia acabou e Ele se levanta em paz para se dirigir à cruz.

No clímax principal de Sua vida, vemos que o Filho arrumou tempo para ouvir o Pai em oração e discernir o que O Seu Pai estava fazendo, onde estava indo e o que estava dizendo. Porém, com certeza, o Filho pôde fazer isso no Getsêmani somente porque estivera ouvindo dessa maneira em situações menos extremas durante toda a Sua vida terrena.

O Filho obedece ao que Ele ouve

Por meio de Sua vida no mundo, por meio do Antigo Testamento, por meio da oração que ouve, o Filho entendeu repetidamente a ‘vontade específica’ do Pai para situações específicas. Analisamos isso no volume *Fé Viva*.

Em cada aspecto de Sua missão, em todas as Suas interações com as pessoas, Jesus foi liderado pelo Pai a cada momento do relacionamento – e não seguindo um conjunto de regras. Essa é

a ação do Espírito, por meio de quem Deus provê a Sua verdade, amor e poder de modos exclusivamente relevantes a cada situação.

Os evangelhos mostram que periodicamente, no Espírito Santo, Jesus 'vê e ouve' o que o Seu Pai quer fazer ou dizer naquele local específico, naquele momento exclusivo. Como vemos no volume *Ministério no Espírito*, o Filho nunca segue um método, nunca usa uma técnica, nunca segue os princípios espirituais; em vez disso, Ele sempre ouve o Pai, no Espírito e vê o que o Pai está fazendo imediatamente.

O Filho age com o Pai

Nos evangelhos, o Filho sempre alega que as Suas palavras são as palavras do Pai, e que os Seus atos são os atos do Pai – porque o Seu ser é idêntico ao do Pai: Vemos isso em João 5:17 e 14:10,11.

Isso significa que o Pai fala e age por meio das palavras e atos do Filho, que o Pai ama e trabalha na salvação por meio do sacrifício do Filho, que o Pai protege e provê para Seus filhos por meio dos dons e graça do Filho, e assim por diante.

Por meio do Filho, Deus revela que Ele é o Pai que faz o cego ver, o surdo ouvir, o aleijado andar e o morto ressuscitar. Ele é o Pai que opera a salvação – e cujas palavras e obras são conhecidas e realizadas por meio do Filho. Simplificando, nenhuma palavra ou obra do Filho deixa de ser também uma palavra e obra do Pai.

É uma suposição básica do Novo Testamento de que Jesus é o parceiro principal do Pai em todas as tratativas de Deus com a humanidade. Devemos nos lembrar de que as palavras e ações do Filho são dicas indispensáveis ao propósito do Pai na criação, redenção e juízo.

Eles agem juntos na criação

João 1:3; Colossenses 1:15–17 e Hebreus 1:2 mostram que o Pai age com o Filho e por meio do Filho na criação.

O Filho é o agente e o propósito final de toda criação, e não devemos pensar no trabalho de Deus na criação sem reconhecer o relacionamento do Pai e Filho que a estabeleceu e a sustenta.

De fato, podemos dizer que as ações do Pai com o Filho envolvem tudo que se relaciona ao nosso universo natural.

Eles agem juntos na redenção

O mesmo ocorre na salvação, pois nosso relacionamento restaurado com o Pai depende inteiramente da vida, morte e ressurreição do Filho. Passagens como João 3:16 e 2Coríntios 5:18,19 mostram como a ação salvífica do Pai passa de um para muitos, de seu centro em Cristo para toda a humanidade.

Não basta para o nosso entendimento e celebração da redenção focar somente no Filho ou somente no Pai – devemos entender que a salvação depende do Pai agir no Filho e por meio do Filho.

O grande propósito da redenção é que possamos conhecer o Pai por meio do Filho e possamos viver em comunhão com Ele num tipo de dependência mútua que vemos entre o Pai e o Filho.

Eles agem juntos em juízo

Será assim também no último dia. O Pai é a fonte do juízo de Deus, mas é o Filho que executa o Seu juízo – vemos isso em todo o Apocalipse e em João 3:18–21; 5:22 e Atos 17:31.

A Bíblia também mostra que o Pai e o Filho agirão juntos no último dia no fim do reino e estabelecimento de um novo céu e nova terra. Efésios 1:10; Filipenses 2:9–11 e 1Coríntios 15:28 revelam que o foco estará no Filho, mas que a prioridade do Pai predominará.

Eles agem juntos na revelação

Cada aspecto do caráter santo de Deus pode ser visto e ouvido no relacionamento entre o Pai e o Filho, que foi revelado dois mil anos atrás na terra e encontra-se registrado no Novo Testamento.

Isso significa que devemos ir além de pensar em Deus em termos abstratos e começar a entender o que significa de fato o agir mútuo do Pai e do Filho. Podemos dizer, por exemplo, que:

- O amor de Deus não é um amor abstrato, teórico, mas um amor prático e concreto que, na pessoa do Filho, vem para buscar e salvar aqueles que estão separados do Pai.

- O poder de Deus não é onipotência vazia, é o poder específico pelo qual o Filho revelou o Pai se tornando um ser humano, curando o enfermo, suportando a cruz, ressuscitando dos mortos, e assim por diante.
- A verdade de Deus não é um corpo de ideias, são os pensamentos do Pai que são manifestos na pessoa, palavras e ações do Filho.

Pensar dessa maneira simplesmente aplica a verdade de Mateus 11:27; reconhece que o Pai entregou todas as coisas ao Filho e que ninguém conhece o Pai exceto o Filho – e aqueles a quem o Filho escolhe revelá-Lo.

Agora nos voltamos à ação conjunta mais importante do Pai e Filho, à expressão final da dependência total do Filho ao Pai e de Sua submissão perfeita ao Pai. Assim como o Pai é o passado de onde o Filho vem, e o presente em que o Filho vive, assim a cruz é o futuro ao qual o Filho vai com o Pai.

Parte Oito

O Filho e a Cruz

Quando lemos os evangelhos para aprender a respeito da vida do Filho, torna-se claro que a Sua morte na cruz é, de longe, o episódio mais significativo. De fato, podemos dizer que a sombra da cruz cobre cada página da Bíblia.

A cruz deve ser o episódio mais importante da história humana e se tornou o símbolo universal de nossa fé cristã. Analisamos este aspecto cuidadosamente no volume *Salvação pela Graça* e vimos exatamente por que o Pai teve de enviar o Filho para morrer e o que exatamente Sua morte realizou.

Nós também analisamos a cruz do ponto de vista específico do Pai no volume *Conhecendo o Pai* e entendemos que ela foi Sua iniciativa ‘de graça’, Sua atividade sacrificial, Sua experiência de dor.

Nestes dois livros da série *A Espada do Espírito*, nós pegamos um resumo bíblico da cruz, analisamos a ‘grande figura’ da salvação e tentamos entender suas implicações teológicas. Os evangelhos, contudo, apresentam a cruz de uma maneira um tanto diferente. Eles nos levam à cruz pelo caminho trilhado pelo Filho – pelo caminho da última ceia, a agonia no jardim, a traição de Judas, a captura e o julgamento, a tortura e execução, a tumba e a glória etc.

Os evangelhos não apresentam a história ‘do Filho e da cruz’ como uma teoria teológica abstrata, mas como um drama pessoal que envolve uma companhia de atores e é iluminado por detalhes muito importantes.

O mais significativo é que eles registram o que o Filho disse e fez nas horas de Sua maior luta – e é isso que analisamos neste capítulo. Os evangelhos situam o drama das últimas 24 horas do Filho em quatro locais principais:

- O cenáculo
- O jardim do Getsêmani
- A residência do procurador
- O local chamado Gólgota

A última Ceia

O drama começa na noite do primeiro dia da festa da Páscoa. É interessante que o Filho tenha passado a Sua última noite na terra comendo a refeição de Páscoa com Seus apóstolos no grande cenáculo da casa de um amigo.

Parece que não havia nenhum servo no local, pois não havia ninguém para lavar os pés deles antes de iniciar a refeição – e nenhum dos apóstolos foi humilde o bastante para realizar essa tarefa chata. Por isso, Jesus vestiu um avental, colocou água em uma bacia e fez o que nenhum deles quis fazer. Então Ele explicou aos apóstolos que o amor de Deus sempre se expressa em serviço humilde e que o mundo os reconheceria como discípulos somente se eles amassem uns aos outros de modo semelhante.

Em seguida, Ele advertiu os apóstolos que um deles O trairia, revelou muito sobre a sua partida iminente, confortou-os com as notícias do Espírito, e lhes ensinou sobre a futura obra do Espírito no mundo e em suas vidas.

Então, enquanto a refeição ainda estava sendo preparada, Ele agradeceu pelo pão, partiu-o e passou aos discípulos com as palavras registradas em Mateus 26:26–28; Marcos 14:22–24 e Lucas 22:17–19.

Após terminar a ceia, Jesus fez o mesmo com o vinho: Ele deu graças, passou aos discípulos e explicou-lhes o que simbolizava. São palavras e ações importantes que descrevem e

explicam a morte de Jesus antes de ela ocorrer, e as analisamos no volume *Glória na Igreja*.

A morte do Filho é crucial

Com Suas palavras no cenáculo, o Filho estava dando instruções para o próprio serviço fúnebre – o qual Ele disse que deveria ser realizado regularmente. As palavras de Jesus mostram que, ao contrário dos serviços fúnebres modernos, o Dele não deveria comemorar o Seu nascimento e vida, nem as Suas palavras e obras, mas somente a Sua morte assombrosa.

Nada enfatiza o significado que Jesus deu à Sua morte mais do que essas palavras na última ceia. Está claro que Ele quer que nos lembremos Dele principalmente por Sua morte na cruz. Se a cruz não for crucial para a nossa fé e a nossa adoração, então não é a fé e a adoração que Ele procura.

A morte do Filho tem propósito

As palavras de Jesus se referem a uma ‘nova aliança’ e ao ‘perdão de pecado’, e nós as analisamos com detalhe no volume *Salvação pela Graça*.

Deus assinou uma aliança – um acordo vinculativo – com Abraão que lhe prometia uma terra, uma grande bênção, um relacionamento pessoal e uma multidão de descendentes. Deus renovou e agregou a essa aliança depois de resgatar os descendentes de Abraão do Egito. Ele prometeu ser o Deus deles e de torná-los Seu povo, e ratificou isso pelo sangue de um sacrifício que Moisés aspergiu sobre as pessoas.

Cerca de mil anos mais tarde, o profeta Jeremias prometeu que Deus faria, um dia, uma nova aliança que envolveria perdão de pecado e uma mudança radical de coração – vemos isso em Jeremias 31:31–34.

Na última ceia, depois de outros 600 anos, o Filho alegou que esta promessa estava para ser cumprida por meio do derramamento de Seu sangue na morte. Ele disse que estava indo para a cruz para morrer e trazer o Seu povo para uma aliança nova e inquebrável de relacionamento com Deus.

Devemos nos apropriar pessoalmente da morte do Filho

Os apóstolos não eram apenas espectadores e ouvintes do drama no cenáculo, eles eram também participantes ativos. O Filho pode ter partido o pão, mas os apóstolos tiveram de comê-lo; o Filho pode ter enchido o cálice, mas os apóstolos tiveram de tomá-lo.

Assim como não bastou ao pão ser partido e ao vinho ser derramado, assim não seria suficiente Ele morrer – os apóstolos tiveram de se apropriar pessoalmente de Sua morte. Isso não era nada mais do que Jesus havia prometido em João 6:53–55.

Getsêmani

Após a ceia, quando Jesus tinha acabado de instruir e orar pelos apóstolos, estes foram por Jerusalém para um jardim chamado Getsêmani, ao pé do monte das Oliveiras. João 18:2 sugere que o Filho visitava esse jardim com frequência na companhia dos discípulos.

Mateus 26:36–46; Marcos 14:32–42 e Lucas 22:39–46 relatam que o Filho pediu que oito de Seus discípulos vigiassem e orassem enquanto Ele ia um pouco mais à frente com Pedro, Tiago e João. Jesus lhes disse que estava profundamente triste ‘até a morte’, e então pediu que vigiassem por Ele. Depois entrou um pouco mais adiante no jardim, prostrou-se em terra e orou a oração final de submissão à vontade do Pai, a qual analisamos na Parte Sete.

Ele voltou aos apóstolos, encontrou-os adormecidos, arrazoou com eles e voltou novamente a batalhar em oração. Por mais duas vezes Jesus retornou e os achou dormindo, pois eles não conseguiam entrar no mistério de Seu sofrimento. Lucas relata que a angústia de Jesus era tanta que o Seu suor caía como gotas de sangue ao chão.

Algumas pessoas se perguntam como o Filho de Deus poderia ter sido assolado com tristeza e preocupação, como Ele poderia ter implorado para ser poupado do cálice, como Ele poderia ter evitado encarar a vontade de Deus.

O Antigo Testamento sempre descreve a ira e o juízo de Deus como ‘um cálice’ – por exemplo, Jó 21:20; Salmo 75:8; Isaías 51:17–22; Jeremias 25:15–29; 49:12; Ezequiel 23:32–34 e

Habacuque 2:16. O Filho conhecia as Escrituras e deve ter reconhecido que o cálice que Lhe estava sendo oferecido continha o vinho da ira de Deus, que era devido somente ao perverso.

Jesus sabia que fora chamado tanto para ser identificado com os pecadores como para suportar o julgamento deles, e – no jardim – Seu eu sem pecado fugia disso. Ele pode ter evitado tomar a decisão de provar a alienação do Pai, que inevitavelmente envolvia julgamento, mas Ele não se rebelou ou desobedeceu ao Pai. São os episódios do Getsêmani e do Gólgota que nos dão a figura mais clara da humanidade de Jesus no Novo Testamento, pois em Sua humanidade Jesus amedrontou-se com o sofrimento da cruz, mas em sua humanidade Ele também se rendeu à vontade do Pai.

Jesus tirou força dos anjos à medida que aceitou as implicações de Sua futura morte. Ele sabia que o cálice Lhe seria dado pelo Pai, e Ele estava disposto a bebê-lo. Então Ele esperou silenciosamente no jardim pelo beijo de Judas e pelo início dos julgamentos por parte dos judeus e romanos; Ele até mesmo disse as palavras registradas em João 18:11.

Os julgamentos

Os quatro evangelhos apresentam um drama complexo que mistura uma grande quantidade de fatores na morte de Jesus.

Eles registram que o Filho foi executado publicamente como um criminoso, porque o Seu ensinamento era considerado perigoso e subversivo. Eles mostram que os líderes judeus indignaram-se por Sua atitude aparentemente desrespeitosa para com a lei, enquanto os líderes romanos preocuparam-se com o Seu aparente desafio à autoridade suprema de César.

Os dois grupos de líderes perturbaram-se tanto com o Filho que forjaram uma aliança profana para acabar com Ele. Ele foi julgado em um tribunal judeu por blasfêmia, depois em um tribunal romano por subversão e foi finalmente executado como um infrator da lei.

Os evangelhos apresentam uma mistura de fatores legais e morais em seus relatos dos julgamentos do Filho. Eles registram que tanto os tribunais judeus como os romanos seguiam pro-

cedimentos legais criteriosos: O prisioneiro era preso, acusado e interrogado; testemunhas eram chamadas e questionadas; os juízes anunciavam os vereditos.

Porém, os evangelhos também insistem que o Filho era inocente das acusações, que as testemunhas mentiram e que os vereditos dos juízes foram erros da justiça. Além disso, eles insistem que os funcionários dos dois tribunais não eram oficiais da lei neutros e imparciais, mas eram seres humanos falhos, pecadores, cujas ações externas expunham sua corrupção interna.

Como sempre nos evangelhos, o Filho não aparece como uma figura remota e distante. Ele sempre se encontra profundamente envolvido com o Seu mundo, e a história 'do Filho e da cruz' é a história da interação íntima do Filho com os perdidos que Ele veio salvar.

Os evangelhos registram que uma série de indivíduos e grupos de pessoas foram diretamente responsáveis pelos julgamentos e morte do Filho. Eles relatam que:

- Judas traiu o Filho para os sacerdotes judeus e O entregou a eles com um beijo
- Caifás e os sacerdotes prenderam o Filho, julgaram-No por blasfêmia, e entregaram-No ao procurador Romano
- Pilatos julgou Jesus e o passou ao governador galileu
- Herodes interrogou Jesus e o mandou de volta a Pilatos
- Pilatos então envolveu as multidões na sentença de morte e depois entregou Jesus aos soldados romanos que o crucificaram.

O traidor

Judas Iscariotes é mencionado pela primeira vez em Mateus 10:4; Marcos 3:19 e Lucas 6:16. Em cada versículo, ele aparece como o último dos doze apóstolos e é apresentado como o que trairia Jesus.

O Evangelho de João indica que Jesus sabia previamente que Judas O trairia, que Judas estava 'predestinado à destruição' e que agiu somente depois de Satanás instigá-lo e possui-lo. Vemos isso em João 6:64, 71; 13:2, 11, 27 e 17:12.

Porém, isso não exime Judas da responsabilidade pela morte do Filho. O fato de essa traição ter sido predita não significa que ele não era um agente livre – razão por que Atos 1:18 refere-se à sua perversidade. Jesus parece considerar Judas responsável por suas ações, e faz um apelo final para ele em João 13:25–30. Porém, Judas rejeitou o apelo de Jesus e assim cumpriu o Salmo 41:9. Jesus condena Judas em Marcos 14:21; e Mateus 27:3–10 e Atos 1:16–20 relatam que Judas condenou a si mesmo com as próprias mãos.

Alguns estudiosos creem que Judas era um zelote que se uniu a Jesus para libertar Israel de Roma, e O traiu por frustração, ou na tentativa de fazê-Lo agir. Outros argumentam, contudo, que João 12:3–8 e 13:29 provam que Judas teve mais fracasso moral do que motivação política. Seja qual for a sua motivação exata, os evangelhos simplesmente declaram que Judas traiu Jesus por trinta peças de prata.

Muitos meses antes, em Lucas 16:13, o Filho ensinara Seus discípulos que era impossível servir a Deus e ao dinheiro. Quando chegou o momento decisivo, Judas escolheu o dinheiro (como muitos discípulos ainda fazem hoje) e assim entregou o Filho para morrer na cruz.

Os sacerdotes

Os evangelhos mostram que o Filho incomoda os líderes judeus durante todo o Seu ministério. Embora lhes parecesse que Ele se fazia passar por Rabi, eles sabiam que o Filho não tinha credenciais, não tinha treinamento nem autorização adequada.

Ele festejou quando deveria ter jejuado; Ele se misturou com pessoas de má fama; Ele profanou o sábadu curando pessoas; Ele rejeitou as tradições dos anciãos; Ele criticou publicamente os fariseus e os chamou de hipócritas; e Ele fez alegações abusivas de ser o senhor do sábadu, perdoar pecados, conhecer Deus de modo singular como o Seu Pai e até de ser igual a Deus. Para os líderes judeus, o Filho era um simples blasfemador.

Caifás e os sacerdotes estavam certos de que a doutrina de Jesus era herética, que o Seu comportamento afrontava a lei, que

Ele levava pessoas comuns a se desviarem, e que Ele as encorajava a serem desleais a César. Eles queriam paralisá-lo e tinham certeza de que possuíam razões políticas, teológicas e éticas válidas para silenciá-lo. Quando eles julgaram o Filho e O fizeram testemunhar sob juramento, Ele fez até alegações blasfemas para Si. Para eles, estava claro que Jesus merecia morrer.

Apesar disso, Mateus 27:18 e Marcos 15:10 registram a crença de Pilatos de que os líderes judeus eram motivados por inveja. Eles O queriam morto porque Jesus desafiava-lhes a autoridade ao mesmo tempo em que possuía uma autoridade que eles próprios não tinham. Quando questionaram a autoridade do Filho, em Marcos 11:28, foram silenciados por Sua resposta.

Observamos que o Evangelho de Mateus destaca muitas vezes a questão de autoridade. Mateus descreve duas tramas de ciúme para eliminar o Filho: a primeira, em Mateus 2:13, pelo rei judeu Herodes no início da vida de Jesus; a segunda, em Mateus 27:20, pelos sacerdotes judeus, no final de Sua vida. Os dois concluem corretamente que o Filho estava desafiando a autoridade deles, e então buscaram matá-Lo.

O procurador

Os líderes judeus entregam o Filho a Pôncio Pilatos com as palavras registradas em Lucas 23:2, que o procurador não ousa ignorar. À medida que Pilatos investiga a questão, os evangelhos fazem duas observações importantes.

Primeiro, eles insistem que Pilatos estava tão convencido da inocência de Jesus que declarou três vezes que não conseguia achar motivos para acusá-Lo. Essa convicção pessoal lhe foi confirmada por uma mensagem de sua esposa. Vemos isso em Lucas 23:4; 23:13–15; 23:22 e Mateus 27:19.

Segundo, os evangelhos enfatizam que Pilatos queria evitar ficar de um lado ou de outro. Ele queria evitar condenar Jesus porque achava que Ele era inocente, mas também queria evitar isentá-Lo completamente, porque não queria incomodar os líderes judeus.

Os evangelhos descrevem Pilatos se contorcendo na medida em que tenta ser justo e injusto ao mesmo tempo. Primeiro, Lucas

23:5–12 relata que ele tentou transferir a responsabilidade para Herodes. Quando essa tática fracassa, Lucas 23:16–22 mostra que Pilatos tenta satisfazer os judeus com algo inferior à pena de morte. Em seguida, Marcos 15:6–15 descreve como Pilatos espera que a multidão escolha Jesus para a tradicional anistia da Páscoa. Finalmente, quando os seus recursos se esgotam, Mateus 27:24 registra que Pilatos tenta indiretamente reclamar a Sua inocência.

Contudo, mesmo antes de enxugar as mãos, Pilatos entrega Jesus para morrer. Ele era um homem fraco, pois Lucas 23:20 declara que Pilatos queria libertar Jesus, enquanto Marcos 15:15 observa que ele também queria satisfazer a multidão. Lucas 23:23–25 utiliza uma repetição tripla para mostrar que a multidão venceu a batalha da vontade de Pilatos: ‘seus’ gritos prevaleceram; ele atendeu às exigências deles, e entregou Jesus à vontade deles.

Pilatos sabia que o Filho era inocente; ele sabia que a justiça demandava a Sua libertação; e João 19:12 mostra que ele também sabia que sua carreira iria por água abaixo se a justiça falhasse. Então Pilatos calou a consciência, fez concessões às suas crenças e enviou o Filho à cruz.

Os soldados

Os soldados que executaram a sentença de Pilatos foram os responsáveis mais imediatos pela morte do Filho. Entretanto, é importante observar que o processo real da crucificação de Jesus não é descrito por nenhum evangelho; parece que as palavras e atos do Filho foram muito mais significativos.

Os evangelhos realmente descrevem o modo que os soldados flagelaram e escarneceram do Filho na residência do procurador. Primeiro, eles açoitaram Jesus; depois O cobriram com um manto escarlate, colocaram uma ‘coroa’ de espinhos em Sua cabeça e um caniço em Sua mão, ajoelharam-se escarnecendo Dele, vedaram-lhe os olhos, cuspiram Nele, bateram em Seu rosto, bateram na cabeça Dele e O desafiaram a identificar os Seus agressores.

Finalmente, conforme o costume romano, fizeram o Filho carregar a própria cruz até o local da execução. O peso, porém, era demais, e Jesus caiu. Um homem chamado Simão, de Cirene,

no Norte da África, foi pressionado a carregar a cruz para Jesus.

Ao chegarem ao Gólgota, os soldados ofereceram a Jesus um pouco de vinho misturado com fel para aliviar a dor, mas Ele se recusou bebê-lo. Mateus 27:32–35; Marcos 15:21–25; Lucas 23:26–33 e João 19:17,18 não oferecem detalhes: Eles não mencionam o martelo e os pregos, nem se referem à dor ou sangue; eles simplesmente declaram: ‘eles O crucificaram’.

Os evangelhos não sugerem que os soldados tiveram prazer na tarefa ou foram especialmente cruéis. Eles simplesmente obedeceram às ordens e executaram três criminosos. De acordo com Lucas 23:34 e 46, Jesus orou em voz alta durante a Sua aflição e impactou os participantes: Lucas 23:42,43 relata que um dos criminosos crucificados creu, e Lucas 23:47 registra que o centurião responsável pelos soldados também creu.

A cruz

Enquanto o Filho estava pendurado na cruz, os soldados lançaram sortes por Suas vestes, algumas mulheres olhavam de longe, e os líderes judeus zombavam que Jesus não pudera salvar a Si mesmo. Os evangelhos relatam que Jesus recomendou carinhosamente que João cuidasse de Sua mãe e que ela cuidasse de João, e depois confortou o ladrão arrependido que estava morrendo ao Seu lado.

Ao meio-dia a escuridão veio sobre o Gólgota por três horas. Os evangelhos não relatam o que aconteceu com o Filho durante essas horas; contudo, em outros lugares as Escrituras revelam o que ocorreu – vemos isso, por exemplo, em Isaías 53:5,6; Marcos 10:45; 2Coríntios 5:21; Gálatas 3:13; 1Timóteo 2:5,6; Hebreus 9:28; 1Pedro 2:24 e 3:18.

O grito de abandono

Algumas pessoas sugerem que a escuridão simbolizava uma escuridão espiritual que tragou o Filho e teve o seu clímax no grito de abandono. Elas defendem que a escuridão representa a ideia de separação de Deus, o qual é tamanha luz que não abriga nenhuma escuridão.

Outras sugerem o oposto. Elas acreditam que Deus estava presente no sacrifício na forma de uma nuvem escura, exatamente como havia se revelado muitas vezes em uma nuvem na hora de um sacrifício nos tempos do Antigo Testamento.

Quando a escuridão acabou, Jesus gritou as palavras que estão registradas em Marcos 15:33,34. Alguns ouvintes O entenderam mal e pensaram que Ele estivesse chamando por Elias. Embora esteja claro que Jesus estava citando o Salmo 22:1, as pessoas ainda se perguntam o que significou aquele grito. Algumas sugerem que foi um grito de desespero, enquanto outras o consideram um grito de solidão ou vitória. Contudo, é um grito explícito de abandono legítimo. Isso mostra que houve uma medida de sofrimento que pegou Jesus de surpresa.

Até o momento da cruz, embora abandonado até mesmo pelos apóstolos mais chegados, o Filho sabia que o Seu Pai estava com Ele – João 16:32 deixa isso claro. Agora, porém, Ele estava sozinho, o Filho fora literalmente abandonado pelo Pai.

Na cruz houve uma separação real entre o Pai e o Filho: e ambos a aceitaram totalmente por causa de nosso pecado. Jesus expressou esse abandono por parte do Pai citando o único versículo nas Escrituras que a descreve com precisão e que Ele cumpriu com perfeição.

Os gritos de sede, vitória e compromisso

Quase que imediatamente, o Filho pronunciou mais três frases numa rápida sucessão.

- Tenho sede.
- Está consumado.
- Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito.

Seu grito de sede parece expressar o preço que custaram fisicamente os grandes sofrimentos espirituais do Filho.

Seu grito de vitória expressou a conclusão ou término da tarefa. A palavra grega *tetelestai* está no tempo perfeito e significa 'tem sido, e será para sempre, finalizada'. O Filho completara

Sua missão de resgate redentor; realizara o que viera para fazer no mundo; Ele assumira os pecados do mundo, suportara a ira de Deus, alcançara salvação para o mundo inteiro; Ele dera luz a uma nova vida; estabelecera uma nova aliança entre Deus e a humanidade e disponibilizara a bênção do perdão.

Seu grito de compromisso mostrou que o Filho estava no pleno controle. Ele não morreu porque foi morto por pecadores; Ele morreu porque entregou livremente o Seu espírito nas mãos do Pai. Essa última oração de Jesus é exatamente como a de uma criança antes de ir para a cama. João 19:30 diz literalmente que Jesus ‘inclinou a cabeça com se estivesse repousando em um travesseiro’ – e então entregou o Espírito.

No mesmo instante, a cortina do Templo (que simbolizava a separação entre os pecadores e Deus) rasgou-se de cima até embaixo para demonstrar que a barreira do pecado fora desfeita por Deus, e que o caminho para a Sua presença estava amplamente aberto a todos.

Como vimos na Parte Quatro, 36 horas depois o Pai ressuscitou o Filho de entre os mortos e O justificou publicamente na ressurreição. Essa foi a demonstração categórica de Deus de que o Filho não morrera na cruz em vão.

A verdade da cruz

Tudo que analisamos no volume *Salvação pela Graça* explica por que Jesus atribuiu tanta importância à Sua morte na cruz, por que Ele instituiu a refeição memorial para celebrá-la e por que Deus a honrou com uma nova aliança e glória de ressurreição.

Quando entendermos plenamente a grandeza do plano de salvação eterno de Deus e suas prefigurações no Antigo Testamento, bem como a consumação no último dia, poderemos começar a entender a agonia da expectativa do Filho no Getsêmani, a angústia do abandono na cruz e a declaração triunfante de ter cumprido cabalmente a nossa salvação eterna.

Nosso pecado

Quando começamos a pensar mais profundamente acerca do Filho e da cruz, começamos a vislumbrar três verdades importantes da cruz. Primeiro, começamos a perceber o quão terrível deve ser o nosso pecado humano, pois nada revela a seriedade do pecado humano tão bem como a cruz do Calvário.

Por fim, o Filho não foi enviado para a cruz pela ganância de Judas, nem pela inveja dos sacerdotes, nem pela covardia moral de Pilatos, mas por nossa ganância, nossa inveja, nossa covardia e todos os nossos pecados – e por Sua determinação amorosa de suportar o julgamento desses pecados e assim removê-los completamente. Certamente não nos é possível olhar para o drama da cruz sem sentir vergonha de nossa cumplicidade pessoal.

Se de fato não houve maneira de o Deus santo poder perdoar nosso pecado justamente, exceto suportando-o Ele mesmo, no Filho, na cruz, então o nosso pecado deve ser extremamente sério mesmo. Tão logo começam a entender essa verdade, as pessoas estão prontas a confiar no Filho como o Salvador do qual precisam tão desesperadamente.

Seu amor

Segundo, a cruz revela que o amor de Deus deve ser tão grande a ponto de ir além da compreensão humana. Esse aspecto ‘revelador’ da cruz é analisado no volume *Salvação pela Graça*.

O Pai poderia ter abandonado a humanidade ao próprio destino. Poderia nos ter deixado colher o fruto de nosso pecado e perecer em nossa perversidade. Afinal de contas, isso é o que merecemos e quase sempre o que desejamos. Porém, Deus não age assim. Porque nos ama, Ele veio atrás de nós em Cristo. Ele nos buscou até a angústia da cruz – onde Ele suportou afetosamente o nosso pecado, a nossa culpa, o nosso julgamento e a nossa morte. Certamente não é possível olhar para o amor motivador da cruz e permanecer igual.

Quando começam a entender essa verdade, as pessoas anseiam por amar o Filho como o Senhor de que tanto precisam.

Graça irrestrita

Terceiro, a cruz declara que a salvação deve ser um dom gratuito. Já que o Filho a comprou inteiramente com Seu sangue, não pode ter sobrado nada para nós pagarmos. E como Ele alegou que Sua tarefa foi 'finalizada' na cruz, não pode ter sobrado nada para nós contribuirmos. É tudo de Deus, é tudo graça.

A Volta do Filho

Os evangelhos deixam claro que a cruz não é o fim da história do Filho. Vimos na Parte Quatro que Ele ressuscitou dentre os mortos, ascendeu ao céu, assentou-se ao lado direito do Pai, derramou o Espírito como havia prometido, deu dons à Igreja e começou a obra celestial de intercessão que continua até hoje.

Porém, nem mesmo isso tudo é o fim da história do Filho, pois a Bíblia inteira remete à volta do Filho à terra no fim dos tempos. Não se trata de uma verdadezinha escondida em meio versículo aqui e ali, é uma linha importante de esperança que percorre toda a Bíblia.

A esperança do Antigo Testamento

Como já enfatizamos em toda a série *A Espada do Espírito*, a saga bíblica de esperança e promessa de aliança começou quando Deus chamou Abraão para deixar a sua terra. O que começou como a jornada deliberada de um pequeno grupo de nômades, tornou-se uma peregrinação pela história de um povo cheio de esperança divina.

Toda a esperança bíblica baseia-se na promessa da aliança de Deus em Gênesis 12:1–3. Deus garantiu que supriria Abraão e seus descendentes com:

- Uma terra
- Uma grande nação
- Uma bênção

Esta promessa tripla foi repetida e estendida muitas vezes durante as eras, mas é sempre resumida na frase que é mencio-

nada pela primeira vez em Gênesis 17:7. O relacionamento de aliança resume todo o propósito de Deus para a humanidade.

Por todo o Antigo Testamento, os descendentes de Abraão recordaram essas promessas de aliança e as declararam como seu destino. Quando estavam fracos, escravizados e exilados, as promessas os capacitaram a manter a identidade nacional e crer que Deus tinha um futuro e uma esperança para eles. E quando estavam fortes e eram prósperos, as promessas lhes ajudaram a manter uma visão avançada e uma atitude futura.

Os filhos de Abraão sabiam que *Jeová* era um Deus de promessa, e esse conhecimento lhes ajudou a reconhecer que a situação presente nunca representava o último ato de Deus, e a colocar suas esperanças no futuro, no cumprimento total da promessa de Deus a Abraão.

A esperança dos profetas

Como vemos no volume *Ministério no Espírito*, fazia parte do chamado dos profetas declarar as intenções de Deus quanto ao futuro. A maioria dos profetas cujos livros estão incluídos no Antigo Testamento ministrava quando Israel começara a focar demais o passado. As pessoas estavam se recordando do êxodo do Egito, do reino de Davi, do primeiro templo, e assim por diante.

Quase oitocentos anos antes de Cristo, Amós proclamava que o episódio mais importante para o povo de Deus estava no futuro, não no passado. Ele o chamava de ‘o dia do Senhor’ – vemos isso em Amós 5:18–20 – e ele declarava que seria um dia de trevas e não de luz.

Em uma época de prosperidade nacional, o profeta anunciou catástrofe – vemos isso em Amós 2:6; 5:18 e 5:23. Outros profetas pregaram praticamente a mesma mensagem, por exemplo, Isaías 30:1,2, 15–17; Jeremias 5:1 e 7:4–7.

Nessas e várias outras mensagens, os profetas ridicularizavam as tentativas judias de encontrar segurança e esperança em qualquer coisa que não fosse o próprio Deus. Eles anunciavam persistentemente a oposição de Deus a todas as tentativas

humanas de encontrar segurança em qualquer coisa que não fosse Ele próprio e Sua vontade.

Contudo, apesar da seriedade dos julgamentos que anunciavam, os profetas nunca fingiram que estes seriam os últimos atos de Deus. Eles também proclamavam uma mensagem de promessa futura, a qual baseavam em:

- O amor ardente de Deus – Oseias 11:8,9 e Lamentações 3:21–24
- A fidelidade de Deus à Sua promessa de aliança – Isaías 37:35
- O interesse de Deus por Sua honra – Ezequiel 36:22,23 e Isaías 48:11
- A criatividade essencial de Deus – Isaías 43:1 e 49:6

Embora declarassem que o dia do Senhor seria um dia de escuridão, os profetas também declaravam que a promessa original de Deus a Abraão ainda permanecia. Eles insistiam que Deus a cumpriria cabalmente.

Os profetas esperavam ansiosamente e anunciavam que seria:

- Um novo Davi – 2Samuel 7:12–16; Isaías 9:6,7; 11:1–9; Jeremias 33:15,16 e Zacarias 9:9
- Uma nova Jerusalém – Isaías 2:2–4; 65:17–25; Jeremias 33:16; Zacarias 14:11 e 16
- Uma nova prosperidade – Isaías 65:21; Ezequiel 47:12; Joel 3:18; Amós 9:13–15 e Miqueias 4:4
- Um novo templo – Ezequiel 40–48
- Um novo Israel – Jeremias 30:8,9; Amós 9:11–15; Miqueias 4:6,7; Oseias 3:5 e Sofonias 3:20
- Um novo relacionamento com Deus – Oseias 2:14–16 e 19
- Uma nova aliança – Jeremias 31:31–34
- Um novo coração – Ezequiel 18:30–32 e 36:25–28
- Um novo êxodo – Isaías 43:18,19; 52:12; Jeremias 16:14,15; Ezequiel 20:33,34 e Oseias 2:14,15
- Um novo céu e uma nova terra – Isaías 65:17–22

Os profetas podiam fazer esses anúncios porque sabiam que Deus operava e controlava a História. Eles discerniam Sua ati-

vidade deliberada em episódios do presente e do passado, e tinham certeza de que Ele continuaria agindo de maneira semelhante. Eles olhavam para Deus para direcionar o curso da História, para fazer algo a respeito do estado de seu povo, e para intervir entre outras nações – vemos isso, por exemplo, em Isaías 51:4,5.

Os profetas também estavam certos de que haveria tanto uma continuidade como uma descontinuidade entre as ações de Deus no passado e no futuro. Eles anunciavam que Deus faria coisas surpreendentes e traria bênção e segurança ao Seu povo, além do que eles podiam imaginar: A repetição constante da palavra ‘novo’ enfatiza esse senso de descontinuidade. Porém, o uso que faziam das palavras ‘aliança’ e ‘êxodo’ demonstra que também estavam cientes de um sentido real de continuidade com o passado.

Eles prometiam que, embora fizesse coisas novas, o propósito de Deus para o mundo seria coerente com Seus atos no passado, que embora fosse se revelar no futuro, na salvação suprema da humanidade, Ele já estava se revelando dentro da história de Israel.

A esperança profética pode ser resumida em três expressões comuns:

- Deus virá – Isaías 2:10–21; 26:21; 35:4; 40:9; 59:20; 63:1–6; 66:18,19; Zacarias 2:10–13 e 14:3–5
- Deus estará com o Seu povo – Isaías 12:6; Ezequiel 37:27,28; 43:1–9; 48:35; Joel 2:27; 3:16,17 e Sofonias 3:14–20
- Deus governará: Com justiça e integridade – Isaías 1:2–5 e 9:7 com paz – Isaías 2:2–4; 9:6 e Miqueias 4:3,4 permanentemente – Isaías 9:7 e Miqueias 4:6,7 universalmente – Isaías 25:6–9; 44:5; Miqueias 5:2–5; Sofonias 3:9,10; Zacarias 8:22,23 e 9:10 sobre a terra – Isaías 11:6–9; 32:15; 65:17 e Ageu 2:7 em adoração e regozijo – Isaías 12; 25 e Zacarias 14:9

O Antigo Testamento nunca declara onde esses eventos ocorrerão, porque nunca distinguiu entre o cumprimento imediato e

o cumprimento final da profecia – analisamos este aspecto no volume *Ministério no Espírito*. Em vez disso, foca a atenção no Deus que mantém Suas promessas e não em qualquer cronologia do futuro.

Esse resumo básico da esperança do Antigo Testamento é um fundamento importante para a compreensão exata da grande esperança do Filho, que é descortinada no Novo Testamento.

A esperança do Filho

Em 2Coríntios 1:20, o apóstolo Paulo faz a afirmação surpreendente de que Jesus é o ‘Sim’ de Deus para todas as Suas promessas, que Ele é aquele em quem todas as esperanças proféticas e promessas de aliança do Antigo Testamento são cumpridas. Se não conhecermos essas promessas, não entenderemos a enormidade das palavras de Paulo.

Vemos na Parte Cinco – e, especialmente no volume *O Governo de Deus* – que Jesus proclamou o reino de Deus – que Ele anunciou a chegada do governo de Deus. Esse foi o tema central de todo o Seu ensinamento.

O Filho declarou em palavras que o governo de Deus há muito prometido começara; demonstrou em atos que uma nova experiência do poder salvador de Deus chegara, e mostrou a Sua união com o Espírito como uma evidência chave da presença do reino.

Jesus enfatizou que o reino de Deus era principalmente para o ferido, e revelou que:

- O Rei do reino é o Pai – Mateus 6:9,10 e Lucas 12:32
- O caráter do reino é perdão – Mateus 18:23–35; Marcos 2:10, 15–17; Lucas 7:36–50; 15 e 18:9–14
- O propósito do reino é uma nova ordem – Mateus 11:25,26; 18:3; 22:1–10; Marcos 10:14; Lucas 1:51–53; 6:20–25; 13:30 e 16:19–31
- As exigências do reino são arrependimento e confiança – Mateus 5:25,26; 6:24–34; 23:5–12; Marcos 1:15; 8:34,35; 10:17–31; Lucas 6:27–36; 13:2,3; 14:26 e 15:11–32

Agora e ainda não

Também vimos que, embora o governo de Deus tenha vindo em Cristo, ainda não está por completo. O reino estava presente no sentido de que as bênçãos da nova era já estavam sendo provadas por meio do ministério do Filho. Porém, sua concretização – no sentido do triunfo total de Deus sobre o diabo e Sua instauração de um reino universal de justiça permanente, paz e adoração – ainda continuava sendo um objeto de esperança para o futuro.

O reino estava presente, porém, escondido; um novo poder fora liberado, porém, muitos não conseguiram reconhecê-lo. Contudo, viria um dia em que a oposição e invisibilidade dariam lugar à concretização total do governo de Deus. Então, Jesus ensinou os discípulos a orar a oração de Mateus 6:10 e a crer na promessa de Lucas 13:29.

Quando falou do reino vindouro, da esperança de Seu reino para o futuro, Jesus enfatizou três pontos:

- O reino crescerá progressivamente – Mateus 13:33 e Marcos 4:26–32
- O reino virá por meio da graça – Lucas 12:32
- O reino virá por meio de Seu sofrimento e morte – Marcos 8:31; 9:31; 10:33,34; 10:38 e Lucas 12:50

A justificação do Filho

Os evangelhos deixam claro que Jesus tinha a expectativa não apenas de morrer, mas também de ser justificado por Deus. O Filho sabia que estava destinado a sofrer e que a aprovação pública de Deus à Sua obra estava além de Seu sofrimento.

Algumas vezes Jesus falou dessa justificação em termos de ressurreição, como em Marcos 9:31; mas em outras Ele a expressou em termos de a volta do Filho à terra no futuro – por exemplo, Mateus 10:23; 24:44; 25:31; Marcos 8:38; 13:26; 14:62 e Lucas 18:8.

As palavras do Filho sobre justificação sempre pressupõem que aquele que vem em glória será o mesmo que ressuscitou

dos mortos após três dias. Vemos isso, por exemplo, em Marcos 14:62.

Embora anuncie a Sua ressurreição e volta de modos semelhantes, Jesus sempre faz distinção entre os resultados destes dois eventos. Toda vez que fala da vinda do Filho, Ele a associa com o julgamento final da humanidade e com a instauração completa do reino de Deus – como em Marcos 8:38; 13:26,27; Mateus 25:31–46 e Lucas 21:36. Porém, Jesus sempre fala de Sua ressurreição em termos de *justificação pessoal* – em vez de a justificação final de todos os propósitos de Deus.

Isso mostra que o Filho tinha a expectativa de morrer, ser justificado pelo Pai por meio da ressurreição da morte e no final vir de novo para cumprir cabalmente os propósitos de Deus para o mundo.

A esperança do Filho

Assim como os profetas estavam mais preocupados com as ações de *Deus* no futuro do que com a exata cronologia, assim também o Filho ensina muito sobre o que Deus fará e pouco sobre quando Ele fará. Os evangelhos relatam que a esperança profética de Jesus continha vários elementos característicos.

- Ele previu catástrofes para a nação judaica – Marcos 13:2 e Lucas 19:42–44.
- Ele previu um dia em que pessoas de outras nações seriam parte do reino; e tinha a expectativa de que os Seus seguidores, a Igreja, cumprisse o papel do povo de Deus – Mateus 8:11,12 e 16:18.
- Ele anteviu um conflito entre Seus seguidores e as forças que lhes eram opostas – Marcos 13.
- Ele declarou que os Seus seguidores seriam justificados. Eles descobririam que Deus os aceitaria e mostraria que a decisão deles de seguir a Jesus fora correta – Mateus 10:32; Marcos 8:35; Lucas 6:22,23 e 12:32.
- Ele anunciou que voltaria em triunfo para finalizar os propósitos de Deus – Marcos 13:24–27.

O propósito da volta do Filho

Embora as descrições proféticas que faz do modo e hora de Sua vinda sejam deliberadamente vagas, o Filho deixa extremamente claro o propósito desta vinda. Ele prova pelas Escrituras que haverá vida ressurreta e promete que virá novamente para levar o Seu povo para a nova vida do reino e para reuni-los em Sua presença, vindos de todas as partes do mundo – Marcos 12:18–27 e 13:26,27.

O Filho também promete que voltará para julgar as vidas das pessoas e isso dividirá os que entraram no reino de Deus e os que escolheram ficar de fora – Mateus 24:40,41 e Marcos 9:33–48.

O Filho também promete que Ele virá novamente para destruir completamente Satanás e suas obras – Mateus 25:41. E o Filho promete que o mundo será restaurado e que o povo de Deus entrará em Seu reino final e perfeito – Marcos 13:31. Jesus nunca oferece uma descrição detalhada dessa existência eterna; mas, em Marcos 12:25, Ele nega claramente que será simplesmente uma continuação da existência terrena atual em um nível superior.

Em vez de detalhes estimulantes, Jesus ofereceu uma série de figuras criativas para inspirar a nossa fé. Ele promete que o povo de Deus experimentará alegria em Sua presença e sugere que é como a alegria de uma celebração de casamento – Mateus 25:10 e 21–23. Haverá risos e dança; o faminto será saciado – Lucas 6:21–23; o puro verá Deus – Mateus 5:8; e Ele próprio, o noivo, será o centro da atenção – Mateus 25:1–13.

E Ele promete que a nova comunidade de Seu povo, a qual estará unida em adoração, será composta de judeus e gentios em uma comunhão singular – Mateus 8:11 e 25:34.

Os resultados da volta do Filho

O Novo Testamento deixa claro que o retorno do Filho completará a obra divina de resgate da humanidade. Naquele dia, o Filho será visivelmente revelado a toda a humanidade em triunfo total e grande glória. Ele pode ter vindo a primeira vez em obscurida-

de e fraqueza, mas Sua volta será um evento inconfundível, pois será público, triunfante, glorioso e universal.

A aparente ausência do Filho na terra dará lugar à Sua presença extraordinária. Seu ocultamento misterioso será substituído por uma manifestação direta de Seu caráter perfeito e esplendor divino. Quando o Filho finalmente voltar, não haverá espaço para dúvida de quem Ele é e se Ele realmente veio ou não.

A volta do Filho resultará não somente no descortínio de tudo que está oculto acerca de Cristo, mas também no descortínio de tudo o que está oculto acerca da humanidade. O Novo Testamento enfatiza que o julgamento que Deus fará de homens e mulheres, individualmente, é uma das razões principais da volta do Filho – vemos isto, por exemplo, em 1Coríntios 4:5 e 15:45. No último dia, todas as questões fundamentais da vida serão expostas; e todas as nossas desculpas e ambiguidades desaparecerão.

1Coríntios 15:24,25 e Apocalipse 20:7–15 mostram que a volta do Filho também resultará na derrota total de tudo que é mal. Sua vinda significará a remoção do sofrimento, o fim de todo pensamento e ação malignos, a justificação daqueles que sofreram por amor da justiça, e o desmascaramento de todo opressor. Satanás e suas hostes serão finalmente aniquilados – por toda a eternidade.

Quando o Filho vier, reunirá o Seu povo em Sua presença e trará ressurreição àqueles que morreram antes de Sua vinda. Porém, o Filho não somente mudará os crentes em Seu poder de ressurreição, Ele também transformará o universo inteiro. Como vemos no volume *Conhecendo o Pai*, os propósitos de Deus são muito maiores do que o destino de cada pessoa. O versículo de 2Pedro 3:13 enfatiza a verdade de que Deus trará uma ordem inteiramente nova em que a justiça se sentirá em casa.

Finalmente, a volta do Filho resultará no fim e na conclusão de toda a História. A Bíblia não apresenta o curso da História como um movimento circular, sem objetivo ou eterno. Em vez disso, apresenta a História como um movimento em direção a um objetivo, como uma viagem em direção ao reino perfeito de

Deus; apresenta Deus como sempre agindo na História para realizar e cumprir os Seus propósitos.

No grande clímax da História, Deus agirá por meio da volta de Seu Filho para pôr fim a toda oposição a Ele e à Sua vontade e para instaurar o Seu reino eterno. Essa intervenção divina dinâmica completará o que o Filho realizou na cruz e alcançou por meio de Seu corpo, a Igreja.

Nossa esperança certa

Esta, então, é a grande esperança do Filho, que o Deus cujo governo já estava em ação em Seu ministério terreno finalizará o Seu plano vindo novamente em glória. Em Sua volta, todas as figuras do Antigo Testamento referentes a um reino permanente de justiça, paz e adoração – que são profeticamente antecipadas no ministério do Filho e nas vidas de Seu povo – alcançarão a glória do cumprimento total.

Até esse momento, contudo, Mateus 6:33; Marcos 10:16–31 e Lucas 11:2 mostram que o Filho continua a nos presentear com o desafio de nos certificar de que o reino tenha o primeiro lugar em nossas vidas, de desistirmos de tudo pelo reino, e de orar continuamente por sua vinda.

Podemos fazer tudo isso com total confiança, porque sabemos que o Pai que guarda a promessa vai manter a Sua palavra a nós, terminará o que começou em nossas vidas, fará Sua morada entre nós, e garantirá que o Filho reine sobre todos para sempre e sempre.